

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

**A FICÇÃO NOS ESCRITOS DE ALMA DE NELSON RODRIGUES E CHICO  
BICUDO:**

**A crônica esportiva em dois tempos**

BELO HORIZONTE

2018

GABRIEL CANUTO NOGUEIRA DA GAMA

**A FICÇÃO NOS ESCRITOS DE ALMA DE NELSON RODRIGUES E CHICO  
BICUDO:**

**A crônica esportiva em dois tempos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen

BELO HORIZONTE

2018

R696.Yg-f

Gama, Gabriel Canuto Nogueira da.

A ficção nos escritos de alma de Nelson Rodrigues e Chico Bicudo [manuscrito]: a crônica esportiva em dois tempos / Gabriel Canuto Nogueira da Gama – 2018.  
164 f., enc., il.

Orientador: Elcio Loureiro Cornelsen.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 123-133.

Anexos: f. 134-163.

1. Rodrigues, Nelson, 1912-1980. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Bicudo, Chico. – Crítica e interpretação – Teses. 3. Futebol na literatura – Teses. 4. Crônicas brasileiras – História e crítica – Teses. I. Cornelsen, Elcio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

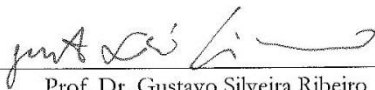
CDD : B869.33

Dissertação intitulada *A ficção nos escritos de alma de Nelson Rodrigues e Chico Bicudo: a crônica esportiva em dois tempos*, de autoria do Mestrando GABRIEL CANUTO NOGUEIRA DA GAMA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

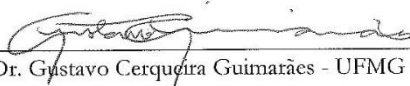
**Área de Concentração:** Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



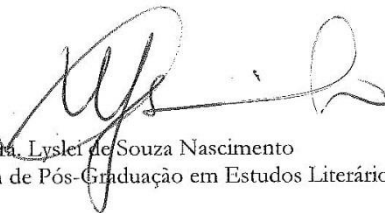
Prof. Dr. Gustavo Silveira Ribeiro - FALE/UFMG  
(Representante do Orientador, Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen)



Prof. Dr. Gustavo Cerqueira Guimarães - UFMG



Prof. Dr. André Alexandre Guimarães Couto - CEFET/RJ (Celso Suckow da Fonseca)



Prof. Dra. Lyslei de Souza Nascimento  
Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2018.

*Para Vovolps.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Elcio Loureiro Cornelsen, meu querido professor e orientador. Um nobre artesão do conhecimento que tanto admiro pelo exemplo de cidadania, ética e respeito. Obrigado por toda atenção e carinho nas horas despendidas.

A meus pais, Jaime Gama e Jacqueline Canuto. Formadores de meu caráter. Sem o amor de vocês, nada, nada se realizaria.

Ao meu irmão, demasiado irmão e amor de minha vida, Daniel Gama. Mágico de almas. Expresso minha gratidão pelos dias e noites acreditando nessa caminhada.

À Alice Rojo por ter me acolhido com amor e zelo quando tudo parecia ser maior.

Aos grandes amigos do Pós-Lit., Bruno Alvarenga e Samuel Rezende, que tive a honra de conhecer e tanto contribuíram com sábios conselhos.

Um agradecimento especial às queridas Patrícia Resende e Caterina Blacher, pelo espontâneo auxílio na época do processo seletivo.

Aos meus amigos de Belo Horizonte e Salvador, cidades de tantos companheiros de jornada que guardo na alma.

Aos meus familiares mineiros, avós, tios e primos, que foram tão cuidadosos e atenciosos nesses meus oito anos de belo-horizontino.

Aos colegas do núcleo de estudos do FULIA, os professores Marcelino Rodrigues da Silva e Gustavo Cerqueira Guimarães, com quem compartilhei indelévels conversas de muito ensinamento.

A Chico Bicudo por ter, gentilmente, propiciado a realização deste trabalho.

À UFMG, por ter acreditado na minha capacidade de seguir em frente.

À Capes, pela confiança e apoio financeiro.

Por fim, ao futebol, paixão essa que corre em minhas veias desde o princípio de meus tempos.

## RESUMO

À luz de conceitos teóricos que cercam o fronteiro gênero da crônica, o complexo fenômeno da ficção e os discursos literário e jornalístico, este trabalho tem como principal proposta identificar e analisar os processos de ficcionalização em crônicas esportivas, com base no cotejamento da produção de dois cronistas de tempos distintos. Nelson Rodrigues e Chico Bicudo estão separados por mais de seis décadas, porém, guardam semelhanças por terem sido testemunhas vívidas dos dois maiores vexames da história de nosso futebol: as indelévels derrotas da seleção nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Baseada nesses históricos acontecimentos que se cristalizaram na memória coletiva do povo brasileiro, desencadeando narrativas dramáticas e que, desde então, abarcam uma aura mítica, a dissertação perscruta acerca das nuances de três elementos ficcionalizantes – a oralidade, a hipérbole e a fabulação – utilizados pelos dois cronistas na tessitura de seus textos. É importante frisar que a pesquisa não visa a uma distinção qualitativa das produções, mas uma análise comparada no que tange às semelhanças e especificidades de cada um dos escritores em meio à imbricada relação entre fato e ficção que permeia o gênero. Através dessa pesquisa, esperamos contribuir para os caros estudos sobre futebol no Brasil na missão de desmistificá-lo da imagem de ópio das massas, reforçando o seu lugar de autêntico elemento identitário e cultural do povo brasileiro.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Chico Bicudo. Crônica. Ficção. Futebol.

## **ABSTRACT**

In the light of theoretical concepts that surround the border genre of the chronicle, the complex phenomenon of fiction and the literary and journalistic discourses, this work has the main proposal to identify and analyze the processes of fictionalization in sports chronicles, from the comparison of the production of different epochs. Nelson Rodrigues and Chico Bicudo have been separated by more than six decades, however, they have both carried similarities as vivid witnesses of those two biggest humiliations in our football history: the indelible defeats in 1950 and 2014 World Cups. Based on those historical events which crystallized in the collective memory of the Brazilian people, unleashed dramatic narratives and since then carry a mythical aura, the dissertation peers the nuances of three fictional elements – orality, hyperbole and fable – used by the two chroniclers in the tessitura of their texts. It is important to emphasize that the research does not aim a qualitative distinction of these productions, nevertheless, a comparative analysis regarding the similarities and specificities of those two writers through the imbricated relation between fact and fiction which permeates the genre. Upon this research, we hope to contribute for the dear football Brazilian studies throughout the mission of demystifying it from the image of opium of the masses, reinforcing its function of been an authentic identity and cultural element of the Brazilian people.

Keywords: Nelson Rodrigues. Chico Bicudo. Chronicle. Fiction. Soccer.



## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>1 CRÔNICA E FICÇÃO: a tabelinha fatal</b> .....   | 8   |
| <b>2 BOLA NA MARCA</b> .....   | 12  |
| 2.1 O juiz apita .....   | 12  |
| 2.2 Na fronteira da área .....   | 17  |
| 2.3 Jogando de “paletó” .....  | 27  |
| 2.4 A imaginação entra em campo .....  | 35  |
| <b>3 O PRIMEIRO TEMPO: das raízes ao auge da crônica esportiva brasileira</b> .....                              | 47  |
| 3.1 Os primórdios do futebol no Brasil: breve relato .....   | 47  |
| 3.2 O jogo virou .....   | 49  |
| 3.3 Bola no craque .....   | 55  |
| 3.4 O futebol nas <i>entre linhas</i> ou nas <i>entrelinhas</i> ? .....  | 59  |
| 3.5 O futebol de poesia de Nelson Rodrigues .....  | 63  |
| 3.6 Copa de 1950: uma Hiroshima no projeto de nação .....  | 69  |
| <b>4 O SEGUNDO TEMPO: o nascimento de um novo mito e a cruel realidade da crônica esportiva brasileira</b> ..... | 78  |
| 4.1 Política e futebol: as estratégias se repetem .....  | 78  |
| 4.2 Copa de 2014: uma nova hecatombe abala as estruturas .....   | 84  |
| 4.3 <i>Maracanazo</i> e <i>Mineiraten</i> : memórias afetivas nacionais .....                                    | 92  |
| 4.4 Em meio ao caos, ela respira .....   | 96  |
| 4.5 O jogo inventivo de Chico Bicudo .....   | 102 |
| <b>5 GOL DE OURO: contiguidades e diferenças em Nelson Rodrigues e Chico Bicudo</b> .                            | 105 |
| 5.1 Os elementos ficcionalizantes .....  | 105 |
| 5.2 A oralidade .....  | 106 |
| 5.3 A hipérbole .....  | 109 |
| 5.4 A fabulação .....  | 113 |
| <b>6 FIM DE JOGO</b> .....   | 119 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 123 |
| <b>CRÔNICAS SELECIONADAS DE NELSON RODRIGUES</b> .....   | 134 |
| <b>CRÔNICAS SELECIONADAS DE CHICO BICUDO</b> .....   | 145 |
| <b>ENTREVISTA COM CHICO BICUDO</b> .....   | 162 |

*Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante.*

Friedrich Nietzsche.

## **1 CRÔNICA E FICÇÃO: a tabelinha fatal**

Híbrida por excelência, ao trafegar entre o jornalismo e a literatura, carregando características inerentes aos dois discursos, a crônica, pela simplicidade e leveza que naturalmente lhe constitui, se instaurou como a narrativa do cotidiano da era contemporânea. A narrativa sobre seres humanos em suas ordinárias e incessantes lutas existenciais diante dos mistérios da vida. Um tipo de escrita nascida dos princípios de um novo paradigma de comunicação impulsionado pela revolução da imprensa moderna no século XIX, mas que abarca, em sua contextura, marcas idiossincráticas de ficcionalidade.

Partindo de estudos canônicos e contemporâneos que envolvem conceitos teóricos acerca do fronteiro gênero da crônica e do fenômeno ficção, este trabalho imbuíu-se da missão de compreender as nuances de dois importantes tempos da crônica futebolística brasileira, ambos protagonizados por derrotas históricas da seleção nacional em Copas do Mundo. Na primeira delas, a surpreendente perda do então primeiro título mundial para os uruguaiois na edição de 1950, e a outra derrota, marcada pela humilhação sofrida nas semifinais diante dos alemães em 2014.

As duas maiores quedas da história centenária da seleção, separadas por sessenta e quatro anos e, coincidentemente, acometidas em solo brasileiro, se cristalizaram na memória coletiva do povo, configurando-se como grandes mitos representantes da trajetória do esporte e, por conseguinte, de toda uma nação. Derrotas que se constituíram indelevelmente no imaginário dos torcedores também como definidoras do caráter dos agentes representados no jogo e, não obstante, do destino do próprio homem brasileiro.

A escolha desse recorte histórico para a pesquisa se deve à potencialidade desses dois impactantes momentos para o futebol no país, sobretudo, por desencadarem uma narrativa dramática em torno da imagem do Brasil no esporte. Além disso, ambos guardam semelhanças quanto ao cenário político-econômico que norteava os passos da nação, pois, nas duas épocas, o país prospectava um futuro venturoso para a sua população, bem como a construção de uma imagem positiva perante o estrangeiro.

No final dos anos de 1950 e início da década de 1960, o gênero crônica já era presença marcante nos cadernos e suplementos esportivos de jornais e revistas, substancialmente pela escrita ácida e extravagante do pernambucano radicado em terras cariocas, Nelson Rodrigues. Uma das figuras icônicas da imprensa esportiva naquele tempo, o dramaturgo exerceu função importante, ao ressignificar os paradigmas da cobertura jornalística sobre o futebol e ditar

novos rumos para a crônica esportiva brasileira. A despeito da derrota para os uruguaios na Copa do Mundo de 1950, a primeira edição em território brasileiro do campeonato mais conhecido entre seleções, Nelson escreveu algumas crônicas que aludem diretamente à fatídica derrota ao longo de suas atividades na *Manchete Esportiva* e no *O Globo*, e, em cinco delas, analisaremos mais detidamente com o intuito de verificar os elementos ficcionalizantes utilizados pelo cronista na urdidura desses escritos.

O nosso segundo objeto de pesquisa se situa no cenário contemporâneo da crônica esportiva e está relacionado diretamente a outro momento crítico do futebol brasileiro em sua história. Em 2014, o escrete canarinho sofreu uma vexatória e sonora goleada por 7 a 1 para os alemães na partida semifinal, que escancarou uma série de fragilidades em torno de nosso futebol, como o atraso tático dentro dos gramados comparado ao que tem sido praticado em outros cantos do mundo, e, no que tange às questões extracampo, a exemplo dos episódios de corrupção e da má eficiência administrativa das entidades que regem o esporte no país.

Em função de o último Mundial ainda ser um evento historicamente recente, há poucas publicações, tanto literárias como acadêmicas, consistentes sobre o tema. Após um trabalho de pesquisa com vistas a encontrar um nome que produziu crônicas acerca da Copa de 2014, chegamos à figura de Francisco Bicudo, autor do livro *Memórias de uma Copa no Brasil* (2014). Inspirado na escrita exagerada e irônica de Nelson Rodrigues, o jornalista paulistano criou diferentes estratégias de ficcionalização para tratar da epifânica – e por que não dizer, também, pífia – participação brasileira na competição mundial.

Destarte, resolvemos perscrutar os elementos ficcionalizantes nas crônicas de cada um, estabelecendo contiguidades e afastamentos entre elas com base em três categorias que elencamos para análise: a oralidade, a hipérbole e a fabulação. Lembramos que o cotejo não visa a um julgamento qualitativo dos textos, ainda mais pelo fato de Nelson Rodrigues ser uma referência no gênero, tendo sido um dos responsáveis diretos pela criação de uma nova estética para a crônica esportiva que serviu de referência para uma geração de novos cronistas, incluindo o próprio Francisco Bicudo.

No início da pesquisa, são lançadas especificidades que engendram os conceitos de crônica e ficção, para depois traçarmos um passeio pela história do discurso jornalístico e literário, estabelecendo as diferenças dessa zona limítrofe em que a crônica se situa. Para o gênero, os trabalhos de Proença (1981), Sá (1985), Arrigucci (1987), Candido (1992), Silva (1997), Melo (2005), Moisés (2005), Capraro (2007), Couto (2016), entre outros, serviram como postulados teóricos. A despeito do fenômeno da ficção, foram abarcados importantes

teóricos, tais como, Nunes (1988), Eco (1994), Iser (1996), Babo (1996), Compagnon (1999), Santos e Oliveira (2001) e Lopes (2004).

No segundo e terceiro capítulos, foi preciso situar historicamente as Copas do Mundo de 1950 e 2014, identificando as nuances de cada um dos momentos esportivos, tanto a respeito do contexto político e econômico que o país atravessara nos dois momentos quanto ao status do Brasil no âmbito futebolístico. Deter-nos acerca do que se passara fora e dentro de campo nas duas épocas foi preponderante para o entendimento da crônica esportiva, seja no seu áureo período de produção dos tempos de Nelson, seja no atual cenário de pouca produção do gênero nos moldes de antigamente.

A última parte da pesquisa foi reservada para o estudo comparado das dez crônicas esportivas selecionadas sobre as Copas do Mundo de 1950 e de 2014, escritas por Nelson Rodrigues e Francisco Bicudo, respectivamente, no intuito de identificar e analisar seus elementos ficcionalizantes, com base em uma fundamentação teórica calcada nos conceitos de crônica e ficção e nas nuances entre os discursos jornalístico e literário. Por meio dessa comparação dos dois recortes propostos, este trabalho verificou aproximações e afastamentos no que tange aos recursos utilizados pelos dois cronistas ao produzir um efeito de um suposto real sobre as históricas derrotas da seleção brasileira.

A motivação pelo cotejo entre os dois tempos da crônica esportiva brasileira decorreu de uma observação prática vivenciada na função de jornalista esportivo nas mais diferentes plataformas de comunicação – televisão, assessoria de imprensa, e em veículos impresso e *online* – de uma carência, no cenário das produções contemporâneas sobre futebol, de textos que reunissem atributos fundamentais do gênero crônica, e não de escritos sob a forma de colunas ou artigos de opinião.

Essa experiência particular suscitou questionamentos acerca de uma possível decadência da crônica esportiva brasileira, em que a hipótese, inicialmente pensada, que justificasse o fenômeno, era a de uma escassa presença de escritores sobre futebol, na atualidade, que fizesse uso de recursos ficcionais em seus textos, tal como acontecia na geração de cronistas de Nelson Rodrigues.

Em suma, o estudo levanta a questão de uma possível supressão do modelo rodrigueano de escrita, ao longo de décadas, pelo fenômeno da *factualização* do jornalismo, não obstante, o termo “crônica” tornou-se sinônimo, nas redações de jornais, de uma matéria jornalística analítica de pré e pós-jogo de futebol. Quais seriam as razões dessa possível transformação? A máxima rodrigueana de “a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe”

(RODRIGUES, 1993a, p. 104) foi aniquilada pela forma cada vez mais pragmática de enxergar o futebol na contemporaneidade? Seria a produção de Chico Bicudo um tipo de resgate da escrita criativa rodrigueana? Uma exceção ao pragmatismo da linguagem jornalística e ao padrão de crônica verificado atualmente?

## 2 BOLA NA MARCA

### 2.1 O juiz apita

No dia primeiro de maio de 1500, mais, particularmente, em algum ponto geográfico na bucólica Ilha de Vera Cruz, o fidalgo português e escrivão da Corte lusitana, Pero Vaz de Caminha, foi o precursor do que tornaria a ser o relato histórico mais conhecido sobre os incipientes e especulativos encontros entre europeus e tupiniquins no Brasil.

Na carta endereçada ao Rei D. Manuel, pouco mais de uma semana depois da façanha “descoberta”, Caminha se dispôs a relatar, imbuído de um esforço de precisão, as experiências protagonizadas por ele e seus companheiros navegantes nos primeiros contatos com os povos autóctones. A fim de se preservar de eventuais desvios de memória, o escrivão adotou uma posição de suposta imparcialidade diante dos fatos cotidianos vividos, ao esclarecer para o Rei que tentaria ser ao máximo fiel, claro e verdadeiro possível no depoimento: “[...] tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu” (Cf. CAMINHA, 1999).

A postura de Caminha, ao se apresentar como um narrador isento na descrição dos acontecimentos, como também um sujeito fadado à impossibilidade de dizer tudo – vide questões técnicas de navegação que não lhe eram caras – foi um indicativo apontado, segundo muitos historiadores, para configurar o texto escrito como a primeira manifestação de cunho jornalístico datada no país. Ao se constituir também como um relato que busca recuperar o tempo passado, a carta ressaltou traços característicos do gênero crônica antes de ela adquirir a sua acepção moderna séculos depois.

Ligada etimologicamente à palavra *chronos*, homônima do deus representante do tempo na mitologia grega, o termo *crônica* passou a significar o registro temporal dos fatos. Com a missão historiográfica de recuperar eventos passados e contá-los como aconteceram, o texto cronístico se configurou como um modelo de escrita organizador, ao analisar os desdobramentos dos eventos sob uma ótica linear, progressiva e sem quaisquer pretensões em expor uma subjetividade de quem escreve. Sob o véu da imparcialidade, o autor-narrador, como visto na postura de Caminha, acreditava que era possível relatar experiências vividas de forma fria e distanciada.

A crônica, portanto, desde os seus primórdios, esteve atrelada a uma função referencial, na qual se operacionaliza por meio de um movimento escalonar e sequencial de início, meio e fim, ao narrar acerca dos eventos humanos, à medida que eles vão se sucedendo no decorrer da história. A partir do século XIX, após a fundação da imprensa moderna e o consequente aparecimento dos jornais impressos populares e de cunho informativo, é que a crônica começou a se desvencilhar do modelo estritamente historicista em meio ao âmbito jornalístico para flertar com o mundo da literatura. Por meio dos folhetins franceses, os *feuilletons* – espaços alocados nos rodapés dos jornais, em que literatos e ficcionistas tratavam de assuntos variados desde pequenas narrativas para entretenimento a textos satíricos – que o gênero passa a se revestir de uma nova função.

Se, anteriormente, a crônica atuava como vestígio de um tempo passado, sob um paradigma historiográfico, foi com o advento de uma nova faceta do jornalismo na modernidade que ela se direcionou ao tempo presente do mundo físico, narrando os fatos corriqueiros do “aqui e agora” sob uma perspectiva novamente referencial, destarte, da ordem do discurso jornalístico. Com a revolução tecnológica, as melhorias gráficas e o advento dos jornais-empresa a partir, sobretudo, da segunda metade do século XX, os periódicos, da década de 1950 em diante, passaram a aderir às orientações editoriais e às técnicas do jornalismo norte-americano que visavam a um ideal de imparcialidade e objetividade, cujo principal objetivo era instrumentalizar o texto a fim de se chegar a uma restituição totalizante do passado e à verdade sobre os fatos.

Contra essa onda da objetividade, estavam os cronistas. Imbuídos de um caráter subjetivo e ficcional, as *ovelhas negras* das redações buscavam outro tipo de verdade – não mais fria e exata, mas, sim, próxima da emoção –, propondo uma nova leitura sobre a notícia. Em virtude desse viés estético, humano, parcial e crítico, a crônica se manteve como um *mal necessário* para o jornalismo *hard news* produzido industrialmente que nascia e prosperava da mercantilização em série de notícias e das criações advindas do próprio gênero híbrido.

Ao adotar um olhar sensível e atento às minúcias do cotidiano, o cronista moderno, portanto, vai construindo novos ângulos para enxergar a realidade com base em uma flexibilidade estética na escrita, ora com traços líricos, ora dotado de uma linguagem simples e informal. Segundo Sá (1985), essa simplicidade na escrita é consequência de sua origem no ambiente dos folhetins, como visto acima, e, posteriormente, no convívio com o *modus operandi* ágil e dinâmico das redações de jornais. Limitados em espaços editoriais curtos, reféns da mortalidade da notícia diária e subordinados aos *deadlines* e *leads* – técnicas



provenientes do modelo jornalístico imperante norte-americano do século XX –, os cronistas tiveram de desenvolver uma escrita sucinta e leve, próxima da linguagem falada, para que acompanhasse a rapidez do meio de comunicação em que estava alocada.

A escrita coloquial, simples e leve da crônica, ao transpor a oralidade para o papel, confere-lhe, de acordo com Candido (1992, p. 13), uma classificação de gênero menor, comparada a romances e contos, por se tratar justamente de assuntos corriqueiros, considerados “menos grandiosos”, já que está ancorada em um veículo transitório que é o jornal, no qual tudo é breve, descartável e dificilmente dura mais do que 24 horas. Ao afirmar que a crônica é escrita do “rés do chão”, ao contrário de outros escritores que produzem do “alto da montanha”, como os próprios romancistas e contistas, Candido (1992, p. 14) classifica a crônica como um tipo textual que retrata a vida comum de cada indivíduo pela simplicidade de uma escrita descompromissada, sem rebuscamentos ou que ambicione uma duração, opondo-se a esses dois outros gêneros literários supracitados. Alçando voos rasteiros, o texto cronístico encanta por sua relação íntima com o imprevisto e por ser genuinamente do tempo presente, provisório e etéreo, como se fosse o resultado de um constante eterno retorno de vida e morte dia após dia. Muitas vezes, por estar inserida na esfera do lúdico, a linguagem da crônica, em sua própria tessitura, permite ousar em criatividade, flexibilidade e lirismo, sem usufruir um complexo arrojado literário ao tratar ficcionalmente os acontecimentos narrados.

Provido de uma composição solta e um arcabouço estético simples, esse gênero “nascido e criado do chão” e, aparentemente, menos literato que outros, à sua maneira despretensioso, é tão capaz quanto os demais em humanizar e instigar reflexões. Segundo Antonio Candido:

[...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, [a crônica] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza e uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Em “Fragmentos sobre a crônica”, Arrigucci (1987) reitera o pensamento de Candido e caracteriza a crônica como a poesia do perecível, pois, segundo ele, é um tipo de arte narrativa que fala da vida de maneira tão profunda quanto outras formas literárias, mas que permanece viva justamente pelo seu caráter fugaz e provisório.

A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia [...] (ARRIGUCCI, 1987, p. 55).

Exercendo a função de um relato ficcional do real ou como um “relato poético do real” (MELO, 2005, p. 147), a crônica não objetiva a referencialidade, mas, sim, a linguagem. Os fatos, portanto, são apenas pretextos para a narrativa, como se fossem um pano de fundo necessário para falar de algo maior. Baseado neles, o cronista vai desvelar o seu eu diante dos assuntos corriqueiros, posicionar-se, direta ou indiretamente, sobre eles e dar vazão às suas emoções em detrimento da disseminação da informação crua.

Apesar de seu viés lúdico, na maioria das vezes, desprezioso, uma das grandes missões da crônica é a de manter “a sua aparência de leveza sem perder a dignidade” (SÁ, 1985, p. 22), ou seja, mesmo falando de trivialidades, ela não se deve dissociar da essência literária de recriação artística e exploração máxima da potencialidade da língua. A capacidade de construir diálogos para atrair o leitor, por intermédio de uma narrativa livre de engessamentos, além da criação de personagens e histórias, são recursos que conferem um tratamento literário à crônica. Nesse sentido, Proença afirma que

[...] a crônica é gênero muitas vezes literário. Narrativa curta, fixação do flagrante, emoções daquele momento, o cotidiano, as recordações de um ontem que tenta se recuperar, passagens da vida do autor. Temática sempre variada aproximando-se do conto. Da estória curta e liberta de enredos, personagens psicológicos, ou conceitos da ficção (PROENÇA, 1981, p. 28).

Em *Identidades imaginadas*,<sup>1</sup> Capraro (2007) acrescenta – às características dadas por Proença à crônica – algumas peculiaridades do jornalismo que, também, revestem o gênero. Ser enxuta e breve, em decorrência da delimitação de seu espaço no jornal; provisória, pois não almeja uma durabilidade como em romances e contos no universo dos livros; contínua e inacabada, porque atíça a curiosidade do leitor ao criar uma atmosfera de expectativa e suspense, assim como faziam os folhetins e como fazem, atualmente, as telenovelas; e ágil, já que escreve, hoje, o que aconteceu horas antes. Além dessas e de outras características já perscrutadas acima, a crônica traz uma satisfação lúdica, pois é uma “via de descontração em potência elevada, em que se aliviam algumas apreensões do cotidiano impressas na circunspeção noticiosa” (BULHÕES, 2007, p. 60).

---

<sup>1</sup> A tese apresentada pelo historiador André Mendes Capraro faz uma revisitação crítica da evolução da crônica esportiva brasileira, refletindo acerca dos debates que existiam entre literatos, jornalistas e intelectuais em geral que perscrutaram o gênero em grande parte do século XX.

Categorizada como literatura de fronteira pelo historiador, em decorrência de seu caráter híbrido, a crônica é capaz de promover uma relação viva e próxima entre o autor e o leitor. O narrador-cronista, no papel de recriador estético do real, cria um elo com quem lê, baseado em sua experiência individual, e ao expor a sua visão subjetiva dos fatos do cotidiano que vão, seja coadunando, seja divergindo, com as múltiplas visões de mundo de seus leitores. Como reitera Capraro, as crônicas “[...] são como imagens refletidas na água turva e que podem ser visualizadas de diferentes margens, isto é, o leitor não é uma *tábula rasa* e da posição onde se encontra lhe atribuirá significados diversos – alguns, possíveis geradores de conflito” (CAPRARO, 2007, p. 50).

É com base na oralidade e no coloquialismo constituintes da linguagem cronística que vemos a construção de uma relação dialógica entre o cronista-narrador e o leitor. Como um pai que se ajoelha em frente ao filho, de igual para igual, o cronista acolhe o leitor, ao promover um diálogo empático e humano. Diante de uma voz que ecoa experiências solitárias e íntimas de um sujeito a um interlocutor, que serão lidas, compreendidas e apreendidas distintamente. Como Moisés (2005) reitera, a crônica, por mais paradoxal que seja, é sempre um *monodialogo*,<sup>2</sup> ao fazer dialogar tantas vozes baseadas na visão de um só enunciador. Por estar ancorada em um tempo presente ou em um passado recente, a crônica aproxima o cronista desse leitor, não apenas ao promover uma relação íntima entre os dois sujeitos falantes, como ao situá-los em uma dimensão espaçotemporal, compartilhada tanto no plano exterior como interior da narrativa.

Para André Couto, a crônica é narrada por uma voz que se comunica de maneira simples e direta ao leitor, cuja relação é dinâmica, compartilhada e de confiança. Seu texto tem um “tom de uma ‘conversa fiada’, ‘papo de bar’ ou ‘papo furado’” (COUTO, 2016, p. 99). Aberta a reinterpretar sobre os assuntos, há um processo de afetividade, compreensão e compartilhamento de emoções entre o cronista e quem lê, a ponto de os sentimentos do escritor virem a ser coletivos. Esse modo dinâmico do texto cronístico, como estratégia para contornar a pressão das exigências das redações e sobreviver à demanda produtivista e imediatista do jornalismo moderno, contribuiu para a perpetuação de seu estilo leve, próximo da oralidade. O modelo conferiu sucesso dentro dos periódicos, já que o público interessado nessas narrativas despretensiosas, “não sérias” do cotidiano, poderia consumi-las corriqueiramente em um processo de apreensão simples.

---

<sup>2</sup> Em sua obra, *A criação literária*, Massaud Moisés (2005, p. 170), parafrazeando o poeta Carlos Drummond de Andrade, caracteriza a crônica por esse termo, pois a voz de quem fala é sempre a mesma, constituindo uma espécie de monólogo; no entanto, a mesma voz instiga o leitor a recorrer de seu repertório cultural para apreender as significações inscritas no plano do texto, reforçando o seu caráter de gênero dialógico.

Ao fazer uso de uma linguagem palatável para uma maior gama de leitores, em comparação com outros tipos de textos literários restritos a grupos intelectualizados, ela torna-se familiar ao ser humano ordinário por retratar as angústias, as aventuras, os percalços, bem como as imaginações, as singelezas e os desejos intrínsecos à vida de qualquer indivíduo. Das miudezas do cotidiano, das pequenezas, das situações mais corriqueiras possíveis, a crônica é capaz de transmitir sensibilidade e proporcionar um toque subjetivo, literário e autoral ao escrito. Uma de suas grandes missões é a de manter a aparência de leveza – na forma e no conteúdo – sem perder o caráter subjetivo de seu viés literário e nem sintético de seu lado jornalístico. É falar das coisas mais vulgares e triviais da vida e ter, ainda, a competência de recriá-las artisticamente por meio do manejo com a linguagem.

Tornar o fato secundário e tirá-lo de seu protagonismo é a essência da crônica. Ela colore de paixão as folhas em preto e branco. O assunto em si é irrelevante ao passo do que o gênero pode humanizar pelos olhos solitários do cronista diante do frenesi da vida urbana. A crônica serve para tirar o fardo da linguagem contingencial dos jornais, da frieza da notícia, da impessoalidade da narrativa jornalística em terceira pessoa. Para isso, precisa de um toque do imaginário, do fantástico, do subjetivo, do ficcional. Como disse Vinicius de Moraes em seu breve texto, “Exercício da crônica”,<sup>3</sup> se, da cabeça do cronista, nada prover, recorre-se “[...] ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado”.

## **2.2 Na fronteira da área**

Partindo do pressuposto de que o ato de somar é a possibilidade de unir, em uma só, duas coisas, sejam elas iguais ou não, podemos especular que a crônica é, pois, um produto resultante da junção ou, pelo menos, de uma interpelação de duas formas de escrita canonicamente distintas entre si. De um lado, um tipo jornalístico em que veículos de comunicação, sejam impressos ou *on-line*, almejam reportar uma verdade fidedigna dos acontecimentos mundanos nas matérias ou reportagens, baseados na comprovação de dados empíricos decorrentes das apurações e sob um pretense discurso objetivo e imparcial, exaustivamente, postulados em linhas editoriais e manuais de redação. Do outro, um tipo estético-artístico, que, ao contrário de uma busca pela fidelidade dos fatos, se caracteriza pela subjetividade de uma voz enunciativa em um texto que possibilita uma variabilidade no uso

---

<sup>3</sup> MORAES, Vinicius de. *Exercício da crônica*. O texto integral está disponível em: <<https://goo.gl/yTTqAS>>.

de recursos linguísticos, a exploração de campos lexicais, além da potencialidade de refletir sobre a realidade com base na criação de mundos análogos.

Se, no texto jornalístico, a premissa é de uma busca irrefreável em captar e interpretar o mundo empírico da maneira mais fiel possível, a literatura se utiliza das potencialidades da ficção para criar mundos possíveis sem ter um compromisso com uma “verdade” literal das coisas, mas, sim, com uma verdade do tipo simbólica. Apesar de os dois discursos serem práticas textuais que interpelam e se propõem a dizer algo sobre a realidade, ambas são de ordens diferentes. No jornalismo, a linguagem é utilizada como um meio para transmitir suas informações, sua verdade dos fatos ao receptor, seja leitor, seja espectador. Já na literatura, a linguagem é a finalidade, isto é, o resultado da criação do escritor. Em outras palavras, enquanto um é da ordem do discurso factual, no qual se deseja registrar os acontecimentos, atrelado a pressupostos metodológicos científicos e sem quaisquer distorções, o segundo é de instância literária, em que os atos de inventar e de ressignificar os acontecimentos são mais importantes do que a busca por respostas estritamente empíricas. Conforme ressalta Terry Eagleton:

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma ‘violência organizada contra a fala cotidiana’. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana (EAGLETON, 2006, p. 3).

É importante salientar que, dada a impossibilidade de se estabelecer fronteiras tão bem delineadas para esses dois gêneros discursivos, relativamente, estáveis, refletir acerca das categorias pela via da contiguidade, ou seja, não mais pela dicotomia do *ou*, mas, pela confluência do *e*, é um interessante caminho. Os discursos jornalístico e literário guardam semelhanças em suas feições, a começar pelo modo comum em que se operam as funções referencial e poética, respectivamente, por meio de um paradigma narrativo. O que fascina o jornalismo e a literatura é justamente o modo como se relacionam com a realidade, seja reproduzindo-a, seja ressignificando-a.

Temos, então, uma possível contraposição de discursos que traçam caminhos, em tese, opostos, com seus respectivos procedimentos de escrita e modos peculiares de narrar. Todavia, é preciso relativizar as relações entre subjetividade/ficção e objetividade/jornalismo, visto que pode ser problemática associar tais ligações de forma simplista e direta. É no formato da crônica que os dois estilos de escrita se entrecruzam dando forma a esse gênero

considerado híbrido, capaz de aproximar a temporalidade da narrativa jornalística das potencialidades da narrativa ficcional.

Trafegar por uma zona fronteira entre a ficcionalização e o fato, sem perder a conexão com a realidade, é estar em uma posição suspensa sobre esses dois discursos aparentemente antagônicos. Em decorrência de sua condição de gênero literário instável é que a crônica vai se situar entre o jornalismo e a literatura, ao propor um manejo literário aos fatos sem perder a sua inerente referencialidade temática, como reitera Marcelino Rodrigues da Silva:

Assim, ao se aproximar dos fatos corriqueiros, desvincilhada da obrigação jornalística de informar e investida de todas as liberdades "literárias", a crônica tende a ser, menos do que a narração desses fatos, a sua interpretação, os fatos transformados pelo olhar do cronista. Um olhar que procura retirar os fatos de sua moldura meramente contingencial e enquadrá-los numa moldura de sentido (SILVA, 1997, p. 37).

Vestida desse caráter fronteiro, a crônica suscita debates polêmicos em torno de sua classificação. Presente no universo pragmático do jornalismo, na maioria das vezes, sujeitada às inerentes determinações editoriais da área, como a pressão do *deadline*, as delimitações de espaço, à obrigação de uma periodicidade, entre outras condições de produção, a crônica, ainda assim, reveste-se de certo grau de autonomia, sobretudo, por ter a liberdade de expressão e de criação como constituintes do gênero.

É no próprio espaço factual, cuja linguagem é, predominantemente, cientificista, que a crônica se mostra híbrida, pois o narrador-repórter, mesmo dentro do limite espacial dos jornais, é capaz de reconfigurar os acontecimentos à sua maneira, dando uma roupagem literária e, por que não, ficcional, aos desdobramentos do cotidiano.

Ao mesmo tempo que subverte a fugacidade jornalística, distanciando-se da exatidão das notícias, ela nasceu dos periódicos, tem o cotidiano como pano de fundo inspirador e, no terreno do jornalismo, a sua origem. O gênero crônica tornou-se um símbolo da vida moderna transitória, fugaz e de consumo imediato, como “uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história” (ARRIGUCCI, 1987, p. 53), ao ser produzida para leitores de jornal ávidos por assuntos banais do dia a dia e que desejam uma leitura urgente e ágil dos acontecimentos. A crônica, portanto, está entremeadada pela reportagem e pela literatura, e detém, por natureza, uma condição de ambivalência.

Literatura porque está carregada de elementos ficcionalizantes, ao construir personagens e (re)criar a realidade, conferindo uma distorção emocional aos fatos. Apesar de

estar imersa na contingência dos acontecimentos diários, a sua missão jaz em transcender a trivialidade para o extraordinário ao ir além do que já é visto por todos. Os fatos são mais do que frios, relatáveis e comuns. Como reitera Moisés, por estar ancorado à concretude da vida, o cronista reage de imediato ao acontecimento, assumindo a figura parcial de um repórter, mas ele, de fato, é um ficcionista do cotidiano ao “desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia” (MOISÉS, 2005, p. 102). No papel de um autêntico investigador do cotidiano, seu ofício é encontrar a agulha no palheiro. É encontrar o invisível que salta aos olhos.

Por meio de nuances poéticas, requintes de humor, drama, exagero e sarcasmo, o cronista, concomitantemente, ainda preserva o caráter objetivo, simples e direto do discurso jornalístico no plano do enunciado. No entanto, mesmo que a sua função seja, em princípio, da ordem do referencial, o escritor reconfigura os fatos livremente e se utiliza de recursos como metáforas, hipérboles, metonímias, ironias e outras figuras de linguagem para se aproximar da subjetividade intrínseca à literatura.

Ao assumir um papel de “corpo estranho” dentro do universo das páginas dos jornais movidos pela factualidade, a crônica transgride as normas do tradicional modelo jornalístico norte-americano de cunho estritamente informativo e objetivo, cujo compromisso é ser fiel a uma suposta verdade absoluta dos fatos, desconsiderando as percepções subjetivas do escritor. Imbuída de um discurso tido como descompromissado e contrário às premissas básicas do jornalismo *hard news*, a *ovelha negra* das redações assume o papel de representante de uma linguagem não literal, ao falar do cotidiano sem, necessariamente, trazer informações concretas ao leitor.

De acordo com Couto (2016), a crônica, por encontrar-se no limite entre os dois campos, jornalístico e literário, ora pendendo para o real, ora para o ficcional, não está amarrada em nenhum dos dois, e, por isso, ganha uma liberdade literária e comunicativa. Subjetiva e pessoal desde o início de sua fase moderna, a crônica cede, ao autor, a licença para ler os fatos cotidianos da maneira que quiser, até mesmo recriando-os. Todavia, há uma necessidade inerente de estar ancorada sobre algo da ordem do real, do concreto, do cotidiano comum a todos, ao contrário do que observamos em gêneros, fundamentalmente, ficcionais, como romances e contos, em que essa referencialidade não é condição *sine qua non*.

A realidade se funde com a ficção. Os personagens e lugares citados e principalmente as histórias suscitadas por eles estão, muitas das vezes, próximos do mundo real e poderiam ser observados por qualquer um de nós, mas que muitas das

vezes passam despercebidos ou são considerados óbvios demais para uma análise mais crítica, social ou macro (COUTO, 2016, p. 99).

Se estivermos falando do hibridismo constituinte da crônica, não há como não pensar na noção de gênero discursivo proposta por Mikhail Bakhtin. Em *Estética da criação verbal* (1997), o linguista russo conceitua o fenômeno como um modo de funcionamento da língua decorrente das relações dialógicas entre interlocutores dentro das esferas sociais, seja privada, seja pública, da atividade humana. Os gêneros, portanto, se configuram como múltiplos, heterogêneos, em virtude de uma pluralidade de relações sociais entre locutores e destinatários que se formam dentro das inúmeras esferas comunicacionais.

Ao se manifestar com base nessa imbricação de vozes entre sujeitos falantes inseridos em um determinado contexto – seja social, cultural, histórico etc. –, o discurso, na tessitura em que lhe comporta, engendra um quadro de procedimentos internos, regras de funcionamento específicas e características próprias que resulta em um esquema relativamente padronizado de dado gênero. Será, portanto, com base na integração desses elementos que subjazem a um enunciado, que irá conferir a ele um sentido e, por conseguinte, afigurar um gênero específico. Como reitera Jane Quintiliano Silva:

Quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, os recursos linguísticos e a sua composição estrutural, o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comuns, moldadas pelas regras do funcionamento do(s) gênero(s), sendo essas coisas, por sua vez, articuladas no interior das interações das esferas das relações sociais. Dito de outro modo, cada esfera do uso da língua (cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros, determinando as formas genéricas e relativamente estáveis de manifestação dos discursos, no que tange aos aspectos temático, estilístico e composicional (SILVA, 1999, p. 92).

Formas típicas de enunciado, sob o ponto de vista bakhtiniano, os gêneros operam baseados nas negociações entre esses interlocutores em constante relação. Enquanto o leitor-destinatário, como um sujeito falante, ativamente, responsivo, não recebe o enunciado de maneira passiva, o autor-locutor é outro que constrói um projeto enunciativo, na maioria das vezes, intencional, ao escolher certa forma composicional, estilística e fazendo uso de determinados recursos linguísticos. Por meio de uma relação dinâmica, mútua, dialógica entre os participantes, que se dá pelo intercâmbio de enunciados e não por simples atos monológicos ou isolados de fala, é que a comunicação se constitui. Com base nessas condicionantes, cria-se uma organização discursiva própria em torno dos gêneros discursivos. À medida que todos participam do processo comunicacional, as formas típicas de enunciado vão se conformando, modificando ou se sedimentando em modelos conhecidos na sociedade.



Como um tipo, relativamente, estável de enunciados/discursos, o gênero discursivo tem uma lógica própria de caráter concreto e dinâmico, dada a sua natureza mutável e não fixa. Apesar da flexibilidade, dos procedimentos e regras imanentes que lhe são peculiares, os gêneros somente se articulam por meio dessas relações dialógicas entre os interlocutores. Segundo Bakhtin,

[a] riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Consideradas gêneros secundários, conforme a perspectiva de Bakhtin, as reportagens e notícias, bem como as crônicas, como já vimos, têm suas regras e seus modos de funcionamento que as caracterizam. No que tange ao gênero híbrido da crônica, há um constante estado de tensão pela alternância entre relações dissonantes e de negociação das duas fronteiras discursivas, a jornalística e a literária. Enquanto existe um diálogo em sua matriz textual com discursos ficcionais, tais como, romances e contos, a crônica também se aproxima de gêneros primários como a conversa íntima, diária e espontânea. Já a reportagem e a notícia são subgêneros do jornalismo que se relacionam com o discurso histórico e científico, assegurados por uma imagem de autoridade e respaldados pela roupagem da imparcialidade das linhas editoriais e manuais de redação. Em revistas, jornais, meios de comunicação no formato impresso ou *on-line*, os tipos de texto provenientes do jornalismo assumem uma posição de isenção sob os fatos, de uma maneira, ora, sutilmente, enrustida e dissimulada, ora de modo escancarado.

Tal como é da natureza do gênero, tanto o jornalístico como o literário são dinâmicos e complexos, estando em permanente mudança devido às inter-relações sociais entre os sujeitos participantes no processo comunicacional. Todavia, é possível notar que, no âmbito do jornalismo, já há um projeto enunciativo mais claro, ao fazer uso de estruturas textuais pré-formatadas, rígidas, com um estilo composicional e linguístico delimitados, ao contrário da crônica, que se permite ser mais maleável até pelo seu viés literário.

No ensaio *Romance-reportagem: o império contaminado*, Cosson (2005), ao perscrutar sobre as nuances do romance-reportagem e o que faz dessa forma de texto, a exemplo da crônica, um gênero híbrido, qualifica o jornalismo como o *império dos fatos*, e a literatura como o *jardim da imaginação*. Ou seja, no primeiro “estão contidas as idéias de

força, domínio e amplidão de territórios que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação” (COSSON, 2005, p. 58).

Se, na linguagem jornalística, o que, predominantemente, se vê é o cultivo ao valor literal da palavra e ao viés objetivo, na literária, há uma busca pela subjetividade, por uma ornamentação linguística e um tipo de escrita artística. Cosson, no entanto, deixa evidente que essa oposição de gêneros não é estanque. Desde o século XVIII, há traços de confluência entre os dois campos, por exemplo, o número considerável de ficcionistas que participavam da rotina das redações de jornais alimentando os folhetins da época, tais como, Walter Scott, Charles Dickens, Liev Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Alexandre Dumas, e, no âmbito brasileiro, as conhecidas contribuições de José de Alencar e Machado de Assis.

Podemos perceber a fluidez dessas categorias no surgimento de gêneros como a crônica e, posteriormente, em vertentes do jornalismo como o *new journalism* e o *jornalismo gonzo* dos anos 1960. A fronteira entre os dois campos não é demarcadora, mas, sim, se caracteriza por um espaço de interlocução, de negociação, de troca, composto por linhas tênues. A ideia de uma dicotomia de categorias perde sentido quando vemos o aparecimento de tais manifestações textuais modernas, ao se mostrarem fluidas em suas laborações, sobretudo, devido às experiências cada vez mais intensas com a linguagem vistas a partir do século XX.

Com relação ao discurso jornalístico, basta pensarmos que a notícia em si e o seu próprio processo de produção dentro das redações passam pelo crivo de dois ou mais profissionais, seja por um redator, um editor de seções, editor-chefe, seja por uma eventual aprovação de outro repórter, até chegar às mãos do leitor. Fato é que afirmar uma neutralidade de discurso de quem escreveu ou assumir tal posição de isenção ao reportar os fatos, parece, a nós, serem fundamentos insustentáveis. O texto é enviesado em todo o seu processo de transição entre os sujeitos da mensagem: o corpo editorial, a linha político-ideológica do jornal, os interesses econômicos, e, não obstante, o próprio repertório do enunciatário, isto é, do repórter. Ele fala de um lugar, de uma classe social, dentro de um contexto, por mais que busque essa isenção a todo o tempo.

Partindo da premissa, à luz dos estudos bakhtinianos, de que as construções discursivas se constituem por meio do fenômeno social de interação verbal entre o eu e o outro, o repórter não deve ser visto como uma figura apenas individual, única e isolada dentro do processo comunicacional. Suas ideias, seus pontos de vista, suas formas de escrita o posicionam perante o mundo. Ele é um sujeito atuante, histórico e ideológico, no qual

constrói o seu discurso baseado no repertório de suas experiências e na sua leitura da realidade, além do fato de estar entremeadado, ininterruptamente, por outros discursos. Ele, portanto, se constitui como tal nas suas relações sociais. O que ele fala, escreve e publica não são apenas simples combinações de formas lexicais e gramaticais sob um manto de um discurso pretensamente imparcial e isento, mas é decorrente de sua interação dialógica com outros sujeitos e com tudo que o circunda.

Destarte, não há como desconsiderar a visão de mundo subjetiva do repórter perante um acontecimento antes de narrá-lo em forma de notícia ou reportagem. A linguagem não é usada como uma simples expressão, mas como uma forma de comunicação que se constitui em situações diversas, nos locais de fala, no meio social, no âmbito histórico que se manifesta, concretizando-se por meio da participação entre falantes, e não por atos isolados dos sujeitos.

No capítulo “O discurso de outrem”, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2010) desenvolve a ideia de que todo discurso falado é proveniente de outro já citado. Ele defende a noção de que os sujeitos não são adâmicos, mas, sim, seres sociais, imbricados e inscritos em situações contextuais diversas e que carregam outras vozes em seus discursos. Assim sendo, se cada enunciado se configura como uma continuidade de outros enunciados passados, podemos refletir que todo falante é, também, um respondente de outros enunciados, isto é, de discursos de outros que foram apropriados por ele mesmo.

Ao se referir, por exemplo, aos diferentes modos de transmissão, como o discurso direto e indireto, Bakhtin reitera que

[...] a língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra (BAKHTIN, 2010, p. 153).

Sendo, portanto, cada indivíduo um ser ativamente responsivo na cadeia de comunicação, Bakhtin defende a tese de que cada enunciado é um elo pertencente a esse grande sistema interacional, no qual cada um é derivado ou carrega outros enunciados já citados. Dentro desse processo de intertextualidade e interdiscursividade, no qual o ser humano irá se constituir em meio à dialogicidade, as incorporações vão acontecendo em diferentes níveis, ora mais explícitos, ora mais implícitos, pois, conforme Bakhtin (1997) pontua em seus estudos,

[...] nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. [Elas] introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Mas em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1997, p. 314-318).

Quando o discurso jornalístico moderno foi criado, em meados do século XIX, sob influência do positivismo, existia uma crença em um real empírico. A razão humana e sua deslumbrante apuração científica sobre os acontecimentos eram vistas como o caminho para se compreender as operações macro e micro do mundo e se constituíam como um discurso legítimo e exato, ao contrário das interpretações advindas dos mitos, das lendas, das ciências especulativas e metafísicas.

Porta-voz dessa visão racional de mundo, o discurso jornalístico, com sua natureza pragmática, ateu-se ao paradigma da objetividade em uma relação direta e imediata com o referente, formulando um modelo de discurso peculiar por meio de recursos textuais específicos, tais como o uso da terceira pessoa do singular, a impessoalidade, a ordem direta dos períodos, e a ausência de adjetivos, de figuras de linguagem, de ambiguidades ou polissemias. Além disso, o dado gênero discursivo se utiliza de técnicas que lhe são caras e imprescindíveis para o seu funcionamento, como a hierarquização das informações em parágrafos (a famigerada *pirâmide invertida*) e as clássicas perguntas (quem, o que, onde, quando, como, por que), obrigatoriamente, respondidas na primeira parte da notícia ou reportagem, mais conhecida como *lead*. Essa produção em série, oriunda de um jornalismo do tipo industrial, acarreta, na maioria das vezes, informações mastigadas, óbvias e frias. Dravet aponta que

[...] para a produção industrial gerar lucro, é necessário que se tomem algumas evidências para criar moldes para as notícias, moldes que só podem resultar na mesmice. O jornalismo industrializado oferece, portanto, informações ditas objetivas e claras para serem consumidas por leitores obedientes, resignados, submissos, semimortos. Se os chamo de semimortos é porque um leitor que quer ler notícias claras e objetivas é um leitor sem desejo, sem paixão, um leitor que não quer envolver suas emoções, suas experiências, sua subjetividade, no ato de leitura (DRAVET, 2005, p. 87).

No discurso literário, cuja função é, predominantemente, poética ou estética, conforme preconizado pelo linguista russo Roman Jakobson (2005), o que se vê é a possibilidade de se multiplicar vários significados, ao permitir ambiguidades, efeitos polissêmicos, variabilidades linguísticas, bem como dar vazão aos aspectos lúdicos, à capacidade imaginativa, à linguagem conotativa e às transgressões. Em oposição ao texto não literário, que se adequa a normas, e

ao que é circunstancial e provisório, o que se busca no texto literário é um fim estético e uma ênfase no significativo. Não há uma pretensão em comunicar para apenas informar. No discurso literário, o que se diz não morre de um dia para o outro, pois o texto está livre das amarras e regras da visão contingencial do jornalismo, ao se realizar no ato da leitura mediante um acordo ficcional.

A obra de arte literária *recria* a realidade, manifesta uma *supra-realidade*, ou seja, parte do mundo conhecido e visível para realizar uma permissiva transfiguração. Ela se lança, pois, à *fabulação*, ou seja, à criação de situações ou universos que não possuem compromisso com a realidade racional do mundo empírico, podendo desafiar ou até transgredir a concretude da existência dos seres e dos fenômenos (BULHÕES, 2007, p. 18).

Em um dos estudos pioneiros sobre as semelhanças e diferenças entre jornalismo e literatura, Olinto (1954, p. 28) salienta que ambos fazem uso de processos de narração e descrição. A diferença é que, no primeiro, tais procedimentos miram em um *real atual*, ao falar do cotidiano por meio das notícias e reportagens, enquanto o segundo também se direciona para um *real atual*, mas, sobretudo, adentra para um *real possível* por intermédio dos romances e contos. Mesmo que operem com processos enunciativos distintos e busquem caminhos diferentes ao se aproximar do mundo concreto, tanto o jornalismo quanto a literatura abordam o cotidiano, e, em ambos, existe um projeto de criação, um trabalho minucioso com as palavras, no qual o procedimento narrativo se dá pela sucessão dos acontecimentos dentro de um espaço e tempo, e em como as ações, os eventos e os personagens serão operados e orquestrados no interior do texto.

Na notícia jornalística ou até mesmo em uma reportagem mais densa, há uma necessidade de hierarquizar informações com o intuito de criar um modelo de escrita linear com início, meio e fim. O “historiador da vida contemporânea”, como Bulhões (2007, p. 11), denomina a figura do jornalista como o que transforma o que acontece no mundo exterior para o interior do texto, buscando um recorte mais próximo possível do que seria a realidade. Nesse seu procedimento, o discurso jornalístico se assemelha, e muito, ao histórico, quando manipula elementos para construir a sua narrativa ao leitor, todavia, se aproxima, também, da ficção, tanto no plano do conteúdo, ocultando determinadas informações e enviesando o texto em decorrência de certos interesses, como em sua temporalidade, ao tentar projetar um passado imediato, como se o acontecido tivesse ocorrido minutos antes do ato de leitura.

No caso do ficcionalista, ao desenvolver a sua narração, ele leva em conta os seus aspectos subjetivos, a sua capacidade imaginativa, visão de mundo, reminiscências, fazendo

uso de recursos linguísticos, como as metáforas, para criar os seus efeitos de real e o caráter verossímil do discurso. O apelo fantasioso do texto ficcional desloca uma realidade – dada objetiva das coisas – para uma leitura de mundo de ordem subjetiva, afetiva e parcial, como um espelho disforme que não reflete exatamente o que se vê. Em *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, coletânea de ensaios sobre os dois gêneros, Gustavo de Castro aponta que

[o] saber literário é precisamente uma resistência frente à trivialização do mundo. O saber jornalístico é, por sua vez, a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem. Para uma sensibilidade cultivada, o sentido que um acontecimento toma não distingue um saber do outro, ambos convergem, dialogam, subsidiam-se, complementam-se (CASTRO, 2005, p. 82).

Conjecturar acerca das interseções entre os dois gêneros discursivos nos leva a pensar, inelutavelmente, no hibridismo natural da crônica. Capaz de trafegar pela informação e ficcionalização sem se reduzir a nenhuma delas, o gênero não pode ser categorizado *entre* um ou outro, mas, sim, *em* um e outro. Ao perscrutar o que seria jornalismo literário, Pena destaca, pertinentemente, que, no gênero crônica, “não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia” (PENA, 2006, p. 21).

Como um conjunto de sons harmônicos e rítmicos que flutuam ao sabor de uma dança, a crônica, leve e descompromissada que é, humaniza a escrita jornalística, retirando-lhe a frieza e rigidez que lhe sustentam. Como reiteram Rocha e Junior (2008), o gênero fronteiro propicia possibilidades de leitura do mundo menos rigorosas, ao retirar o “paletó” do jornalismo e oferecer-lhe uma carga de espontaneidade.

[...] o texto jornalístico pode usar elementos próprios da literatura para dar àquele discurso uma nova plástica, nova roupagem e, se nos permitem a metáfora, despir a informação do terno e gravata enrijecido, formal do jornalismo editorial e das matérias jornalísticas diárias e vesti-la com roupas de banho, trazendo informalidade, pessoalidade e sensibilidade, tão próprias a formatos como o comentário e a crônica. Não se trata apenas de usar elementos próprios da literatura, mas de permitir uma hibridização de fronteiras, uma mestiçagem que plasma novas negociações de sentido e oferece ao leitor algo além de um texto marcado pelo rigor do mito da verdade e que o respeita em sua capacidade receptiva e intelectual (ROCHA E JUNIOR, 2008, p. 98).

### 2.3 Jogando de “paletó”

Em seus primórdios civilizatórios, nas primeiras investigações acerca da Natureza, do divino e dos fenômenos que cercam o mundo, o ser humano precisou contar e ouvir histórias.

Os mitos, os ritos, as lendas foram fundados e perpetuados por uma tradição oral e calhavam como formas narrativas acalentadoras, e, ao mesmo tempo, elucidativas para os povos. Condenado à inexorável morte, o ser humano necessitava dar conta de sua existência, de se relacionar com os outros e o mundo, a fim de suportar a inevitável perenidade da vida. Desde os tempos da metafísica grega, passando pelo período renascentista, pelo Iluminismo e suas respectivas ideias racionalistas do século XVIII, até as correntes de pensamento que romperam os antigos pilares epistemológicos a partir do final do século XIX. Desde os discursos filosóficos, religiosos, científicos até os sociológicos, psicológicos e culturais. Em todos, havia algo em comum: explicar o desconhecido. Conhecer o tempo e o espaço. E durante essa audaciosa aventura, o ser humano necessitou de filósofos, cientistas, artistas, navegadores, astronautas e, não menos importante, de escritores.

O jornalismo moderno – modelo semelhante ao qual conhecemos atualmente – nasceu desse empreendimento em reportar o real fugidivo na tentativa de capturar os *flashes* da vida. Dessa avidez em relatar os eventos que vêm e vão dia após dia. Se antes, a atividade se restringia à faculdade de tipografar os acontecimentos vivenciados, na maioria das vezes, de figuras da nobreza e da monarquia, como nas crônicas medievais e nos relatos de viagens a exemplo da carta de Pero Vaz de Caminha, a prática ganhou novos contornos a partir do século XVII com o aparecimento das gazetas.<sup>4</sup>

Em seu extenso trabalho de revisão das fases históricas do jornalismo nas sociedades ocidentais, Sousa (2008) explica que foram esses primeiros jornais, de origem francesa, que marcaram o início do jornalismo moderno. De caráter eminentemente informativo, versátil nos assuntos, de linguagem simples, narrativa cronológica, fazendo uso de fontes e escrita por profissionais da redação, as gazetas, posteriormente, se dividiram em duas vertentes: a francesa e a inglesa. O primeiro modelo jornalístico europeu era utilizado como alicerce do governo absolutista da época que mantinha um controle sobre a imprensa, enquanto o segundo se constituía como resultado da liberdade de imprensa conquistada após a adoção do regime parlamentarista e a consequente derrocada do Estado monárquico no país. Essa primeira fase do jornalismo inglês fundamentou os valores que viriam a ser construídos e assentados do jornalismo moderno ocidental.

Todavia, foi no século XVIII que o jornalismo iniciou o seu processo de consolidação como um discurso de autoridade em função da conjuntura político-filosófica que as principais nações europeias passavam com domínio sobre os campos da política e da economia pela

---

<sup>4</sup> Em “Uma história breve do jornalismo no Ocidente” (2008), Jorge Pedro Sousa realiza um cuidadoso estudo sobre a gênese da atividade jornalística, percorrendo todas as fases históricas da prática.

burguesia e o Iluminismo norteando os passos do conhecimento humano. Imbuído de um discurso lógico e argumentativo e sob influência do pensamento analítico e científico, típicos do racionalismo, a nova imprensa surgiu como desdobramento do processo de aburguesamento das sociedades europeias ocidentais, sobretudo, após movimentos historicamente relevantes como a independência dos Estados Unidos da América (1776) e a Revolução Francesa (1789), afigurando-se como um tipo de escrita aliada da democracia e do novo sistema político-econômico que germinava das entranhas daquele tempo: o capitalismo. O que se observava no século XVIII era o crescimento do modelo jornalístico de caráter ideológico e opinativo – a chamada “imprensa de partido” – na Inglaterra e na França, principalmente após a crise do absolutismo e a ascensão do modelo de liberalismo econômico e político.

A consolidação do capitalismo e das ideias liberais culminou no fortalecimento da imprensa política restrita às elites burguesas e alfabetizadas na virada para o século XIX. Utilizado como um espaço público de poder da minoria culta para a disseminação de ideologias, o jornalismo era panfletário e tendencioso. Concomitantemente, nasciam, nos Estados Unidos e, anos depois, nos países europeus, jornais mais populares, estrategicamente lucrativos e direcionados para os cidadãos comuns. No decorrer do século, essa imprensa de largo alcance, “predominantemente noticiosa, de discurso acessível, comercialmente agressiva e formalmente independente” (SOUSA, 2008, p. 109) foi ganhando, cada vez mais, espaço na vida pública.

Em um cenário no qual o jornalismo transformara-se em um sistema de produção capitalista, a notícia adquiria o estatuto de mercadoria valiosa. Interessados em vender notícias, mas também, em atrair as camadas desfavorecidas com instigantes histórias, nem que fossem derivadas de criações fantasiosas, os populares folhetins franceses – as narrativas literárias publicadas nos periódicos e destinadas ao entretenimento – ganhavam apelo e popularidade, ao tratar, desde assuntos da vida cotidiana triviais e frívolos a outros mais sérios, todavia, sem o mesmo compromisso fiel com a verdade dos fatos observados nos textos noticiosos.

Os romances de folhetim compunham a faceta ficcional dos jornais, que se aproximava do romance realista da época, mas detinha uma linguagem simples, acessível, ágil e estrategicamente construída para prender a atenção dos leitores, com o uso recorrente de estereótipos, elementos identitários do imaginário popular e de *plot twists* (reviravoltas no enredo) ao final de cada capítulo, atiçando a curiosidade dos leitores em ler as edições



seguintes. Foi desse ambiente essencialmente leve, com contornos de dramaticidade e comédia, que nasceram as telenovelas, radionovelas, os romances policiais e, não obstante, as crônicas. Os folhetins, ao mesmo tempo que atraíam uma massa de leitores para a literatura como uma espécie de porta de entrada para o universo da ficção, foram, também, uma maneira bastante lucrativa encontrada pelos veículos de comunicação da época, aumentando consideravelmente as tiragens e, conseqüentemente, as vendas.

Nesse ínterim, a nova imprensa moderna de cunho popular e noticiosa se desenvolvia e mostrava sinais de mudanças em seus paradigmas. Outrora vinculados diretamente às esferas políticas e usados como espaços difusores de ideias das elites, os veículos de comunicação viam, na notícia, um produto de comercialização de massa que seria fundamental na profissionalização e consolidação da atividade jornalística como uma entidade autônoma. Sob a égide dos paradigmas da sociedade industrial e das transformações urbanas e tecnológicas advindas do novo contexto, o discurso jornalístico foi se afastando, gradualmente, do subjetivismo literário, ao instaurar uma linguagem objetiva que primava pela isenção, seleção de critérios de noticiabilidade, hierarquização das informações e invenção de procedimentos técnicos como o *lead* e a *pirâmide invertida*. Além da notícia, novos gêneros foram introduzidos na prática, como as entrevistas, reportagens, resenhas e editoriais. O jornalista passou, então, a ser um analisador da realidade, uma espécie de mensageiro dos acontecimentos que surgiam do mundo exterior. Como Pena (2006) diz:

Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *fait drivers* assume a função principal da pauta. A Literatura é apenas um suplemento [...] O texto literário passou a ser marginalizado nessa nova concepção de jornal-empresa, que visava a objetividade na linguagem e o lucro no mercado. Os suplementos literários deviam seguir a ótica do jornal. Eram presentes desde que fossem propensos à atração maciça dos leitores e vendáveis (PENA, 2006, p. 40-41).

O tipo de jornalismo praticado no século XIX, de viés estético-literário, opinativo, ideológico foi perdendo espaço para um jornalismo cada vez mais profissionalizante, de cunho informacional, supostamente imparcial e objetivo no âmbito do discurso. No cenário brasileiro, por exemplo, Nicolato (2006) reitera que a imprensa do país no século XIX – antes de incorporar os moldes do jornalismo norte-americano *hard news* a partir dos anos 1940 – era marcadamente ideológica, ao contribuir com os interesses classicistas e de partidos, e detinha um caráter opinativo “caracterizado pelo beletrismo e excesso de adjetivismos” (NICOLATO, 2006, p. 6). Com o assentamento e consolidação de uma imprensa mais

industrial, cientificista, dotada de novas técnicas de produção, cujo paradigma era a busca incessante por verdades, a virada para o século XX foi marcada por certo afastamento entre os campos do jornalismo e da literatura.

A eficiência e o discurso econômico do *império dos fatos* e a abordagem artística e ornamental do *jardim da imaginação* foram novamente dialogar entre si a partir dos anos 1960, quando o modelo de jornalismo objetivo passou a ser questionado entre os próprios “historiadores da vida cotidiana”. Já em décadas anteriores, víamos uma reaproximação das áreas por meio de trabalhos de ficcionalistas que vivenciavam, profundamente, o ambiente dos jornais e enxergavam, na ficção, um recorte potencial e verossímil de denúncia da realidade. Primeiro, por meio do naturalista Émile Zola no século XIX, ainda no período áureo da participação de escritores nos folhetins, com o romance *Germinal* (1885) de cunho social e considerado uma das obras fundadoras do gênero livro-reportagem. No âmbito brasileiro, é indispensável lembrar a contribuição de Euclides da Cunha com *Os sertões* (1902), em que o escritor constrói uma narrativa baseada em suas vivências como correspondente na Guerra de Canudos. Um movimento parecido se repetiu com o realista estadunidense Ernest Hemingway, ao escrever *Por quem os sinos dobram* (1940), romance inspirado em suas vivências e relatos como correspondente internacional na Guerra Civil Espanhola.

Da literatura para o jornalismo, as aproximações seguiram recorrentes nas décadas seguintes. Posteriormente, romancistas e jornalistas de profissão – como Graciliano Ramos, por meio de suas crônicas e do relato memorialístico *Memórias do cárcere* (1953); Gabriel García Márquez em *Crônica de uma morte anunciada* (1981); e Mario Vargas Llosa, que escreveu *A guerra do fim do mundo* (1981) sobre o conflito em Canudos – foram mais alguns desses exemplos de flerte entre jornalismo e literatura.

O movimento reverso, isto é, o encontro dos dois campos, partindo do jornalismo para a literatura, iniciou-se com os primeiros questionamentos acerca dos paradigmas da objetividade e da isenção que resultaram na solidificação da atividade jornalística nos moldes capitalistas. Em meados do século XX, impulsionado pela contracultura do pós-guerra, um grupo de repórteres norte-americanos fundou um novo modelo de jornalismo que ficou conhecido como *new journalism* (“novo jornalismo” em português), também conhecido como jornalismo literário.

Calcada em uma investigação mais atenta e profunda dos fatos e em mudanças na feitura do texto nos aspectos estilísticos e linguísticos, a nova corrente que nascia dentro das

redações começou a ser praticada por repórteres insatisfeitos com a mesmice das coberturas rotineiras, com a superficialidade das apurações e com a limitação e rigidez da escrita do jornalismo tradicional. Eles desejavam retomar a importância da subjetividade nos relatos, mas sem perderem a essência do ofício em mirar uma verdade. O discurso restituidor e totalizante que ampara e edifica a prática do jornalismo moderno passou a ser visto como quimérico. Um modelo, semelhante ao mundo das essências do platonismo: utópico, inalcançável, todavia, ainda assim, um objeto de referência, e, conseqüentemente, visto como uma meta. Segundo Sousa (2008),

[m]esmo se o acontecimento continua a ser o principal referente do discurso jornalístico, passa, porém, a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjectiva, a constituir o centro da enunciação. Em vários casos, o jornalista torna-se o principal protagonista das histórias que narra. Numa abordagem fenomenológica da questão, de alguma forma entende-se que é impossível o sujeito obter conhecimento total do objecto. O objecto pode ser compreensível, no todo ou em parte, nunca cognoscível na totalidade [...] Mas, desta maneira, também o acontecimento passa a ser considerado um fenómeno da interacção entre a mente e a linguagem (SOUSA, 2008, p. 200-201).

Influenciados pelo realismo social de expoentes como o britânico Charles Dickens e o francês Honoré de Balzac, tanto na tessitura do texto, ao privilegiar uma linguagem mais refinada e uma narração minuciosa com ênfase nos detalhes do ambiente e dos personagens, quanto na vontade mimética em retratar e denunciar as situações vividas, os jornalistas desse movimento iam contra o *modus operandi* da imprensa tradicional. Se, na imprensa da época, o mais importante era, essencialmente, informar, de maneira superficial, os acontecimentos do que perscrutá-los em investigações densas, a linguagem era vista apenas como um meio para se chegar ao reporte dos fatos e à viabilização das técnicas fixas e padronizadas criadas para a escrita. O desejo em quebrar o burocrático e enrijecido texto aproximou o novo movimento da literatura.

Novas estratégias narrativas foram implementadas no modo de fazer jornalístico com o intuito de enriquecer os relatos. No que tange ao estilo, o jornalismo literário trazia reportagens de fôlego, inspiradas na escrita romanesca, com excessos na descrição dos eventos vivenciados *in loco* pelo repórter e em uma narração recortada em cenas que compunham, juntas, o grande enredo. Se, por um lado, propiciavam contornos de ficção no modo em que reproduziam os eventos, fugindo da pobreza estilística e padronização inerentes ao texto jornalístico tradicional, por outro, os “jornalistas literatos” investiam em uma

descrição fiel dos diálogos dos personagens e no registro dos seus costumes, hábitos e estilos de vida.

Pena (2006) salienta que a expressão cultural que brotava das redações não negava os recursos do jornalismo imperante, mas, sim, potencializava-os, ao operá-los de outra maneira. Apesar de “os velhos e bons princípios da redação continua[re]m extremamente importantes como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2006, p. 14), os integrantes do novo jornalismo, ao serem mais subjetivos, desejavam romper com as amarras do jornalismo *hard news* e do seu discurso científico inspirado no paradigma positivista, e, desse modo, ultrapassar os limites do cotidiano para falar de uma realidade ainda mais profunda.

O primeiro marco do jornalismo literário surgiu com John Hersey, em 1946, ao publicar *Hiroshima*, na então influente revista estadunidense *The New Yorker*, um relato que contava os instantes de agonia e sofrimento de seis sobreviventes dos emblemáticos bombardeios atômicos às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. Na época, a forma inédita de abordagem jornalística de Hersey foi um sucesso, tanto que o romance-reportagem venceu o Prêmio Pulitzer de Ficção daquele ano. Sobre esse gênero que foi se constituindo no cenário jornalístico contemporâneo, Fontana (2006) diz:

Para além do significado histórico e da amplitude de temas tratados, o romance-reportagem apresenta características que o assemelham ao romance de ficção: ambos almejam o conhecimento da realidade humana, privilegiam o tratamento estético como forma de garantir prazer à leitura e tecem a trama pontuada pela reflexão de um tema que representa valores permanentes, ou pelo menos duradouros (FONTANA, 2006, p. 331).

Um dos principais expoentes da nova corrente jornalística, Tom Wolfe, autor do romance-reportagem *A fogueira das vaidades* (1987), escreveu um manifesto do movimento, em 1975, intitulado “The New Journalism”. O colunista do *Herald Tribune* teceu críticas à forma vigente de se fazer jornalismo, chamando o jornalista de “cabeça prosaica [...] espírito fleumático [...] personalidade apagada” (WOLFE, 2005, p. 32).

Além de Hersey e Wolfe, outros nomes ajudaram na perpetuação do movimento cultural. Gay Talese, com a famosa reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis e publicada na revista *Esquire* em 1962; as contribuições de Jimmy Breslin, em sua coluna no *Herald Tribune* do ano seguinte; Joseph Mitchell, por meio da reportagem, “O segredo de Joe Gould”, escrita em 1964; entre outros, a exemplo de Thomas Morgan; Terry Southern; Brock

Brower; Robert Brenton; Tom Gallagher; Norman Mailere, o emblemático repórter da revista *Rolling Stone*; Hunter S. Thompson, que, em 1970, escreveu um relato sobre a famosa gangue de motoqueiros Hell's Angels.

Ícone da contracultura americana, Thompson foi mais longe que os outros, no abandono do paradigma da objetividade jornalística, ao defender uma visão eminentemente parcial e um envolvimento ao extremo do repórter para com os fatos. Fugindo de todas as premissas do jornalismo tradicional, Thompson fundou um novo estilo narrativo dentro das coberturas dos jornais, que ficou conhecido, popularmente, como *jornalismo gonzo*.

No âmbito brasileiro, a revista *Realidade*, que circulou entre 1966 e 1976, era o veículo que mais dialogava com a tendência que florescia nos Estados Unidos. Os jornalistas tinham a liberdade de produzir reportagens minuciosas, livres do *deadline* diário e mortificante, no qual se podia investigar os aspectos psicológicos dos personagens, tráfegar por vozes narrativas e explorar a densidade nos diálogos e nas descrições. Após a extinção do veículo, quem mais se aproximou do que podemos intitular de jornalismo literário tem sido a revista *Piauí*. Fundada em 2006, as suas reportagens são tratadas como grandes narrativas ficcionais. Nelas, estão contidas as características intrínsecas já conhecidas do jornalismo literário, tais como, o detalhamento do espaço e dos personagens, a separação por cenas como uma narrativa fílmica, a independência editorial, e o rompimento com a objetividade e os respectivos padrões técnicos jornalísticos.

Da escola do *novo jornalismo*, Truman Capote talvez tenha sido o mais famoso de todos os “jornalistas literatos”. O seu romance de não ficção *A sangue frio*, publicado em 1965, rendeu recordes de venda à revista *The New Yorker*, tanto que, meses depois, a história foi transposta dos periódicos para as folhas dos livros. O enredo tratava da saga de dois homens suspeitos de assassinar brutalmente uma família inteira no interior dos Estados Unidos.

Capote reconstituiu, com o auxílio das técnicas romanescas e da precisão jornalística, o dia da chacina, a consequente procura pelos algozes, a captura e os meses de prisão da dupla, até serem condenados à morte e enforcados. Construída fragmentariamente, cena por cena, a narrativa de Capote é o exemplo prático do *novo jornalismo*. Na construção do texto, havia uma necessidade incessante de contar ao leitor tudo o que aconteceu, trazendo à tona os detalhes, mas fazendo uso da ficção e sem ter de obedecer a (quase) nenhuma regra jornalística. O desejo de registrar, fielmente, os diálogos como forma de dar credibilidade ao relato, bem como o uso da voz narrativa na terceira pessoa e a preocupação em penetrar na

mente dos personagens, também eram técnicas recorrentemente utilizadas por esses repórteres.

Apesar de gozar de certo estatuto ficcional como solução à frieza do tipo de jornalismo dominante presente nas redações, a vontade incessante do jornalismo literário em reproduzir, acuradamente, os fatos o diferencia da crônica. É verdade que ambos os gêneros fronteiriços coadunam jornalismo e literatura, ao descobrirem o véu do cotidiano e produzirem efeitos do real, mas os fazem de maneiras distintas. Enquanto os repórteres correm atrás dos fatos e os esmiúçam, mirando a informação noticiosa em si, mesmo que essa transmissão se manifeste de forma mais estetizada, os cronistas se interessam mais pelos fragmentos, pelo não dito, pelo que não é desvelado por técnicas. E é dessa capacidade de extrair da imprecisão dos acontecimentos o que há de mais imponderável, que faz a crônica perdurar, flutuando por dois universos.

#### **2.4 A imaginação entra em campo**

Derivada do termo em latim *fictionem*, a noção de ficção, desde seus primórdios, foi associada à ideia de criação, de fazer algo novo. A raiz do termo antigo era o verbo *fingere*, isto é, fingir, no qual, inicialmente, significava tanto o ato de tocar com as mãos, modelar na argila, como também remetia ao verbo *fazer*, no sentido de criar, e ligado à palavra grega *poiesis*, de poeta (WALTY, 1985, p. 16).

Em seu poema intitulado “Autopsicografia”, o poeta lusitano Fernando Pessoa brincou com a ambiguidade do termo *fingir*, ao caracterizar o poeta como um fingidor por natureza, que chega até a fingir suas próprias dores existenciais. Em uma leitura menos detida e analítica dos versos, rapidamente associamos a palavra ao seu significado mais usual de dissimulação, disfarce, ocultação de algo. No entanto, como vimos, etimologicamente, o termo remete também à simulação, à criação de alguma coisa semelhante ao real. Ser um poeta fingidor, portanto, é ser tanto um artista capaz de esconder seus sentimentos mais agonizantes, como um alguém que fecunda e cria com base em sua experiência e visão de mundo. Seja dando uma forma geométrica a um barro, vide um artesão, seja modelando palavras, como um autêntico poeta, ou criando uma nova realidade a exemplo de um ficcionista, praticar o fingimento é praticar a criação.

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.<sup>5</sup>

Diante da inexorável condição de predominância do neocapitalismo e de seus substratos de poder na contemporaneidade, fazer ficção é como um ato de libertação ante a instrumentalização do mundo. Enquanto o paradigma da sociedade industrializada é a produção, calcada na disseminação de valores burgueses individualistas, efêmeros, e fomentada por um tipo de cultura massificante, a arte se manifesta como o espaço da contestação, da promoção de reflexões críticas, da formação de seres humanos conscientes de seu tempo. (Re)criar novos mundos é combater as formas de poder que instrumentalizam os indivíduos a se adequarem às superestruturas e aos paradigmas da produção. E não há como pensar em arte sem pensar em ficção. Sem pensar, em um âmbito geral, na função da própria literatura.

Em seu clássico ensaio, “Direito à literatura”, Candido (2004) define a literatura como um direito inalienável a todos os níveis de uma sociedade, configurando-se como parte preponderante do conjunto, cujo teórico denomina dos “bens incompressíveis”. Candido elege a literatura, desde as suas formas mais populares, como os folclores e as lendas, até as mais complexas produções romanescas, como uma categoria imprescindível à dignidade humana da mesma proporção que os direitos à saúde, moradia, alimentação e educação são compreendidos.

A necessidade de fabular é intrínseca à natureza humana e, portanto, sua manifestação não se reduz a, apenas, criações literárias. Ela pode ser vista nas mais distintas esferas sociais e situações da vida, desde um mero caso contado entre amigos, nas histórias infantis, na criação de músicas, nos jornais ou perpetrando na imaginação dos grandes poetas,

---

<sup>5</sup> Poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, foi publicado na edição 36 da folha de arte e crítica *Presença*, em novembro de 1932.

romancistas e eruditos em geral. Destarte, para Candido, a literatura – não obstante a arte da ficção – é capaz de humanizar seres humanos pela sua força transgressiva.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2004, p. 175).

Se a arte desperta, no indivíduo, a percepção da complexidade do mundo e exerce o papel de emancipadora do sujeito diante da opressão e do alienamento, ela, também, pode ser utilizada como um aparelho de afirmação do controle do sistema capitalista. De acordo com Walty,

[...] muitas vezes, a ficção está a serviço da realidade a que pertence o trabalhador. Se o indivíduo vê, por exemplo, telenovelas, ele, juntamente com a fantasia, digere uma dose maciça de realidade, vibrando com as peripécias do galã, chorando com as desventuras da mocinha, rindo das piadas ou aspirando ser tal qual seu ídolo, ele está realimentando valores que interessam à ideologia dominante (WALTY, 1985, p. 39).

Como reitera Walty (1985, p. 43), as obras ficcionais, tais como livros, filmes e quadros, por meio do poder de fabular, fantasiar, inventar, têm a capacidade de desmascarar a realidade repressiva de onde o indivíduo vive, já que a própria realidade pode ter a função de maquiagem o real verdadeiro. Sendo a ficção um procedimento presente em todos os lugares, tratá-la como exclusiva do discurso literário nos parece uma definição reducionista. Conter certos elementos ficcionais não caracteriza a obra, necessariamente, como pertencente ao universo da literatura, dessa maneira, não há como definir literatura objetivamente, pois a “definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido” (EAGLETON, 2006, p. 12, grifo do autor). Ou seja, a literatura pode ser caracterizada como um discurso “não pragmático”, como aponta o crítico literário britânico, isto é, um tipo de construção discursiva que não se pretende ter uma finalidade óbvia, mas, sim, de falar sobre si mesma como uma espécie de linguagem autorreferencial.

O significado mais atribuído à ficção, no senso comum, talvez seja a ideia de um domínio artístico capaz de fantasiar e criar algo que não seja aparentemente possível de acontecer no mundo real, por intermédio de imagens, narrativas verbais, cinematográficas, etc. Todavia, não é estranho vermos o termo ficção ser associado à concepção de mentira.



Para o filósofo americano John Searle (1995), a ficção é um fenômeno muito mais complexo. Nesse caso, o autor tem a consciência de que está operando enunciados que não são verdadeiros, mas que não têm a intenção de enganar o interlocutor. A ficção só passa a ser reconhecida mutuamente – entre o ficcionalizador e o receptor – quando há um contrato simbólico em que ambos sabem que aquilo que foge à realidade não tem o propósito de ludibriar. No instante em que o interlocutor participa do fingimento, concordando com o pacto, ele finge que aquilo que está se desenrolando na dimensão narrativa, de fato, é real sob o ponto de vista ficcional. Ficcionalizar seria, então, um ato de fingir intencional, ao contrário da mentira em que, por ser opositora da verdade, há uma intenção evidente de enganar o outro.

Para Searle, não há como verificar o fingimento baseado nas construções textuais semânticas e sintáticas, mas só é possível identificar a ficção contida quando o autor assume a classificação de alguma maneira, seja paratextualmente, seja por meio de alguma intenção inscrita no enunciado, que ele vai chamar de “ato ilocutório”. Segundo o filósofo, um texto se constituirá como ficção, ou não, com base nessas intenções ilocutórias de quem escreve, isto é, de determinadas construções linguísticas padronizadas que são criadas no interior do texto, tais como: fazer afirmações, perguntas, promessas, dar ordens, pedir desculpas, perdoar, agradecer, etc. Ele defende que essas construções linguísticas não vão se modificar em sua essência quando operadas em um texto não ficcional em relação a outro ficcional. O que vai ser alterado serão as regras semânticas. Por exemplo, o recurso da metáfora pode ser visto nas duas categorias de texto; no entanto, a diferença jaz no fato de que, no discurso ficcional, tal construção metafórica se dá de maneira “não séria” e “não literal”, no sentido de que o autor não necessariamente se compromete em enunciar uma realidade no seu ato de fala.

Em seu ensaio, Searle complementa dizendo que é uma característica da ficção de fingir uma ação complexa realizando outras de ordem inferior. Ele cita dois exemplos hipotéticos de atos locutórios reais. O primeiro é quando alguém ergue o punho e faz o movimento do braço com o intuito de bater, constituindo, assim, ações de ordem superior, no entanto, o bater não passa de um fingimento. De maneira semelhante acontece quando uma criança finge conduzir um carro parado, ao sentar no lugar do motorista e tentar mover o volante ou engatar as marchas. Searle utiliza essas duas situações para dizer que o mesmo princípio se aplica à ficção, pois o autor finge realizar atos ilocutórios no ato da escrita. As ilocuições fingidas se constituem e se legitimam nas obras de ficção por causa da existência de um conjunto de convenções extralinguísticas que suspendem a operação normal das regras,

isto é, da relação entre as palavras e o mundo, ao “[...] permitir ao falante usar as palavras com os seus significados literais sem assumir os compromissos que esses significados normalmente exigem” (SEARLE, 1995, p. 108).<sup>6</sup>

Portanto, as construções linguísticas internas ao texto, muitas vezes, não definirão se ele é ficcional ou não. A ficcionalidade é um fenômeno de comunicação geral, ou seja, não se reduz apenas ao estilo literário (LOPES, 2004). Ela pode estar presente em qualquer tipo de discurso, seja em menor ou maior grau, explícita ou implicitamente, inclusive, naqueles que se ancoram no real, conforme vimos anteriormente, vide o histórico e o jornalístico. A ficcionalidade necessita de um contexto e de regras comunicacionais para que se operacionalize. Babo (1996)<sup>7</sup> enfatiza que o caráter ficcional será medido com base na relação entre os interlocutores e, portanto, é de natureza comunicacional, e não um fenômeno inerente às estruturas sintáticas e semânticas imanescentes ao texto. Essa ficcionalidade precisa, então, estar dentro de um conjunto de convenções comunicacionais que comprovem a sua distinção da mentira.

Se a ficção é da ordem do verossímil, e, destarte, do que é supostamente possível dentro de uma concatenação lógica e coerente de ideias para quem está lendo, como que tal fenômeno comunicacional se manifesta textualmente? Segundo Lopes (2004), a ficção é o produto final, mas para se chegar a ela, é preciso de um mecanismo o qual podemos chamar de ficcionalidade. E de quais elementos essa ficcionalidade é composta?

Elementos ficcionalizantes são tudo aquilo que torna um texto ficcionalmente produtivo. Tais recursos utilizados pelo ficcionista, legitimados por um pacto no âmbito textual, promovem efeitos de sentido a fim de impelir o leitor de refletir acerca da realidade. E quanto mais o interlocutor conhecer as operações do mundo real, mais a ficcionalização surtirá efeito sobre ele, a exemplo do que ocorre nas crônicas. Na urdidura do texto ficcional, o escritor pincela suas fabulações com especificidades linguísticas e um estilo que lhe são caros ao criar novas situações.

No emblemático ensaio, “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional” (1979), Wolfgang Iser se afasta da concepção, até então comum, de pensar a relação entre realidade e ficção como oposição para apresentar os interstícios entre as duas noções sob uma perspectiva interacional. Ao substituir a dicotomia por uma tríade composta pelas categorias do *real*, *fictício* e *imaginário*, o crítico literário desenvolve a ideia de uma atuação mútua das

---

<sup>6</sup> Artigo publicado originalmente em *New Literary History*, vol. 6, n. 2, 1975, p. 319-332. Versão na língua portuguesa com tradução de Vítor Guerreiro disponível em: <<https://goo.gl/K8TnE3>>.

<sup>7</sup> Ensaio escrito baseado em uma conferência proferida por Maria Augusta Babo na Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa em 1996.

três instâncias na formação da base de um texto ficcional. Nesse caso, o *real* entendido como o mundo extratextual composto por grandes sistemas de sentido; o *imaginário* sendo a energia constitutiva de um texto ficcional, ou seja, a potencialidade que o autor tem para imaginar; e o *fictício* como o alicerce, na função de mediador, entre as duas outras categorias supracitadas e que, por intermédio do ato, será capaz de *desrealizar* o real e *realizar* o imaginário.

No decorrer de sua postulação teórica, Iser decompõe o fictício em três atos: *seleção*, *combinação* e *autodesnudamento*. No primeiro recurso, o autor escolhe do *real* os elementos que ele usará para construir a sua narrativa ficcional. Ao selecioná-los da linguagem escrita-falada, o escritor ressignifica-os em outro mundo que o crítico chamará de “mundo análogo”, através da *combinação*. Com total liberdade para criar, o ficcionista recompõe os significantes colhidos da instância do real à sua maneira no universo criado. É nesse processo de *desrealização* do real que os elementos intertextuais escolhidos pelo escritor se articularão e ganharão novos atributos de acordo com uma lógica própria. Distintos do campo de referência anterior, esses novos significantes comporão um imaginário com as suas próprias leis de significado.

Todavia, Iser entende que essa nova atribuição de significados só funcionará se os artifícios utilizados pelo autor se assumirem para o leitor como um ato de fingimento próprio do universo da ficção. Ao contrário da esfera da mentira, do não factual, esse novo conjunto de signos não terá a finalidade de enganar quem lê, pois, a sua essência não é de ludibriar propositalmente. O aviso de uma ficcionalização do real é o terceiro ato de ficção apontado por Iser. O *autodesnudamento* é o mecanismo por meio do qual o autor usa, no texto, artifícios para mostrar ao leitor que aquilo tudo é ficção. Uma espécie de contrato de leitura que põe o leitor dentro de uma trama assumidamente criada. Mediante esse pacto, o leitor suspende voluntariamente a sua descrença (*the willing suspension of disbelief*) – termo definido pelo crítico e poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, em sua autobiografia intitulada *Biographia Literaria*, publicada em 1817 – para se permitir penetrar no universo do impossível, do contraditório, da fantasia.

Em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Umberto Eco (1994) traz a figura do bosque como metáfora para obra literária. Ao aceitar entrar no bosque, isto é, no universo inscrito na narrativa, o leitor deve estar de acordo com a lógica interna proposta pelo ficcionista. Ao percorrer os caminhos internos do bosque, o leitor, que Eco denomina de leitor-empírico, precisará preencher os vazios deixados pela narrativa com a sua própria imaginação. Em meio à infinidade de caminhos que podem ser escolhidos, o leitor terá a

autonomia em decidir qual trilha que irá seguir, tomando como referências as suas experiências e bagagem literária. A obra ficcional é vista por Eco, destarte, como um jogo de representações, no qual tanto o autor-empírico, isto é, o escritor, assume o papel de uma voz que se manifesta estrategicamente na ficção, como o leitor-empírico ao aceitar as regras do jogo criativo, as intenções do autor, e adotar a posição de um leitor-modelo.

Nesse texto ficcional inventado, Eco (1994, p. 60) aponta três tempos distintos entre si, mas que operam concomitantemente no plano do enunciado: o tempo da história, do discurso e o de leitura. O primeiro é concernente ao que se revela dentro da narrativa pelo ficcionista; o segundo está relacionado às estratégias textuais utilizadas pelo autor, como descrever minuciosamente personagens, paisagens, objetos a fim de controlar a fruição do texto e definir um ritmo de leitura ao leitor-empírico; enquanto o terceiro é o tempo que o leitor vai demandar para absorver a história. Santos e Oliveira (2001) vão apontar para uma defasagem temporal na escrita característica de textos ficcionais entre o tempo constitutivo da obra – semelhante ao denominado por Eco de tempo do discurso – e o tempo ficcional, isto é, o da história. No caso do último, o autor cria múltiplos planos temporais dentro do enredo, trafegando livremente neles, ao contrário do leitor que está ancorado no presente da leitura.

Para Eco, a capacidade imaginativa do autor em criar mundos possíveis tanto pode exercer uma função consoladora e até mesmo terapêutica – ante angústias e intemperanças do sujeito perante o que o precinge – como em suscitar reflexões críticas acerca da realidade. É diante dessa imbricada e complexa relação do eu com o mundo que faz da ficção uma experiência indelével e transformadora

[e], assim, é fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando, as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente (ECO, 1994, p. 137).

No que tange à questão do desnudamento – terceira categoria que subjaz ao fictício de Iser –, o pacto de fingimento proposto pelo autor pode ser feito de maneira externa ou interna à produção. Ao delimitar como um gênero literário específico, na capa do livro ou em textos que acompanham a narrativa, o escritor classifica a sua obra paratextualmente. Ele também pode assumir a sua fabulação nos interstícios do próprio texto, seja com o uso de expressões linguísticas, seja no processo de seleção e recombinação de signos.

Ao se suspender, voluntariamente, da descrença e aceitar o pacto, o leitor precisa saber de antemão das propriedades e coisas a respeito do mundo real para entender coerentemente o mundo ficcional e a ordenação lógica presente entre as suas fronteiras. Operando nesse mundo análogo, os leitores são levados a explorá-lo profunda e indefinidamente. Como reitera Babo (1996), em “Ficcionalidade e processos comunicacionais”, a ficcionalização “[...] desrealiza o real e exige um processo intersubjectivo para se produzir, exige a presença do outro, a sua aceitação das regras do jogo, e nisso se distancia do puro fantasma individual que assola o sujeito nos processos patológicos” (BABO, 1996, p. 8).

Voltando às três premissas desenvolvidas por Iser, conclui-se que o texto ficcional é aquele que transgride os limites e desnuda para o leitor que aquilo é, de fato, ficcional, por meio de um duplo processo de desconstrução e construção da realidade dentro do universo análogo. Esse procedimento só irá ocorrer no ato de leitura quando o receptor reorganizar essa nova realidade baseada em suas experiências de vida e interpretação da obra.

As criações do ficcionalizador são materializadas no interior do texto para que o leitor experimente e reflita a realidade instrumental, baseado nesse mundo análogo, conforme “simulação de uma situação possível” (LOPES, 2004, p. 231), no qual o mecanismo para produzir tal ficção advém da operacionalização dessa ficcionalidade e de seus elementos utilizados. Em *O demônio da teoria*, Antoine Compagnon (1999) salienta que o funcionamento dos atos de linguagem no mundo ficcional se assemelha aos mecanismos vistos no mundo real. A diferença é que, ao penetrar no universo da fantasia, o leitor tem de aceitar o jogo linguístico proposto pelo autor.

O valor de uso da ficção, portanto, é justamente fazer o leitor viver uma experimentação, sendo capaz de olhar como as coisas seriam se fossem de tal jeito e, desse “como se”, refletir sobre o mundo real. Nesse novo universo, as coisas perdem seus caracteres de designação vistos na realidade, ao serem ressignificados pelos atos de seleção e combinação. É por intermédio desses atos de ficção que a força do imaginário irá desordenar o real. Esses três recursos mencionados por Iser no ensaio, somados aos elementos ficcionalizantes, que serão abordados posteriormente, tornam certos textos oriundos do jornalismo, como a crônica, revestidos de um caráter literário.

[...] O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia do texto. Assim retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta[,] entretanto[,] sob o signo do fingimento. Por conseguinte, este mundo é posto entre parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse. Com isso se

revela uma consequência importante do desnudamento da ficção. Pelo reconhecimento de fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se* (ISER, 1996, p. 24, grifo do autor).

No ensaio “O texto histórico como artefato literário”, o historiador Hayden White (1994) ressalta que o fenômeno da ficcionalização não se limita a textos literários. Mesmo sendo da ordem do referencial, as narrativas históricas, segundo ele, são também ficções verbais, isto é, têm uma carga de ficção, pois, para preencher as lacunas e contar acerca do passado, o historiador necessita de alguma capacidade imaginativa ante a impossibilidade de os documentos dizerem tudo.

Involuntariamente ou não, o historiador faz uso da habilidade do fingimento para selecionar os rastros que levam ao passado e escolher a melhor forma narrativa para a sua construção. A retomada de um passado à luz do presente se efetua por meio de tudo aquilo que ficou de fora dos arquivos, ou seja, daquilo que foi retirado e não necessariamente do que foi apenas afirmado. Diante da impossibilidade de uma restituição total do passado e um acesso direto à realidade, o trabalho de perscrutação deve passar pela capacidade imaginativa para dar coerência ao relato oferecido. Ao fornecer doses de sentido aos eventos passados, o historiador se utiliza de uma linguagem figurativa por meio de movimentos metonímicos e metafóricos. Sem conseguir alcançar uma verdade absoluta, é por intermédio da ficção que será produzida, e não apenas reproduzida, uma nova realidade pelo historiógrafo. De acordo com White,

[...] se o objetivo do historiador é familiarizar-nos com o não-familiar, ele deve se utilizar da linguagem figurativa, em vez da linguagem técnica. As linguagens técnicas são familiarizadoras apenas para aqueles que foram instruídos em seu uso e apenas quanto àqueles conjuntos de eventos que os profissionais de uma disciplina concordaram em descrever numa terminologia uniforme (WHITE, 1994, p. 111).

Ao contrário do ficcionista, o historiador não desnuda o que escreve, assumindo uma narrativa análoga, pois o seu pacto é com o referencial, mas nem por isso seu caráter ficcional e interpretativo exime a historiografia de seu valor. A ficção usa o imaginário como forma de experienciar o mundo real, já a história está submetida a ordens, regras disciplinares, metodologias para lidar com esse mesmo real. Se o que os diferencia é o desnudamento e os distintos contratos de leitura, em contrapartida, ambos têm, em comum, os atos de seleção e combinação dos elementos do mundo extratextual. Na literatura, a linguagem é o artifício utilizado para recriar e reconfigurar o mundo, e é com base nela que o literato pretende esmiuçar temas que tangenciem o ser humano e sua existência. Operando em uma via distinta,

o historiador e o jornalista assumem papéis de examinadores da realidade por meio de fontes, e se utilizam da mesma linguagem como a ferramenta capaz de propor visões objetivas ou subjetivas acerca do mundo.

Ao diferir o discurso ficcional do histórico que busca concatenar os fatos em uma lógica bem ordenada e racional com vistas a reler um passado próximo ou distante, o crítico literário Benedito Nunes, durante o colóquio “Narrativa: ficção e história”, realizado em 1987, reiterou que a ficção tem o papel de recriar os fatos por meio de uma imaginação projetiva, reconstruindo os acontecimentos à luz do presente e por meio da complexidade que a linguagem propicia.

Narrar é contar uma história, e contar uma história é desenrolar a experiência humana do tempo. A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação. A narrativa histórica desenrola-o por força da *mimesis*, em que implica a elaboração do tempo histórico, ligando o tempo natural ao cronológico (NUNES, 1988, p. 34, grifo do autor).

Segundo Nunes, se o historiador está, intrinsecamente, ligado ao passado a fim de reproduzi-lo e mirando uma verdade em sua construção narrativa por meio de minuciosas pesquisas e levantamento de dados, o ficcionista recapitula o passado no ato de narrar, ressignificando-o por intermédio da imaginação e da linguagem figurativa. Em ambos os discursos, o que vemos são maneiras distintas de lidar com a cronologia e de se ler o mundo – uma científica e a outra artística. Enquanto a história é uma ciência da ordem do factual, cuja missão consiste em formular enunciados embasados e explicativos, a ficção reflete sobre a realidade por intermédio de experiências simbólicas e que não são, necessariamente, passíveis de comprovações empíricas.

Em *Sujeito, tempo e espaço ficcionais* (2001), Santos e Oliveira afirmam que a literatura age como um espelho da realidade, no qual o objeto refletor produzirá imagens e representações das coisas como cópias. Da forma como o espelho é visto, podemos fazer uma breve distinção entre o discurso ficcional e o histórico. No campo da ficção, ele é deformante, pois possibilita novas visões de mundo e, conforme visto anteriormente, reconfigura a realidade para fazer uma própria reflexão sobre ela. Portanto, o texto literário é capaz de produzir realidades e não apenas reproduzir uma. Já no paradigma histórico – e, nesse caso, podemos ampliar para os discursos científicas, em geral –, o espelho aparenta ser

planificado, ou seja, uma maneira metafórica em dizer que há uma tentativa intrínseca a essas manifestações textuais de representar a realidade tal qual é.

Por mais que o historiador esteja munido de provas consistentes e detenha técnicas e metodologias sólidas, ele, inevitavelmente, irá imprimir uma visão pessoal do fato em seu relato. Diante de um posicionamento parcial sobre o que está sendo contado, bem como de uma intencionalidade nos processos de apreensão mediada da realidade, seria um equívoco acreditar que o registro no papel aconteceu tal como foi, sem quaisquer deformações.

Também de ordem referencial, de uma verdade positivista, pragmática e totalizante sobre as coisas, o discurso jornalístico se assemelha ao histórico nesse aspecto. Na historiografia, a pretensão em restituir plenamente um passado parece ter sido superada, sobretudo, após reflexões advindas de novas abordagens epistemológicas em diferentes campos do conhecimento. A partir da segunda metade do século XX, as contribuições do *New Historicism*, da hermenêutica, da psicologia lacaniana, da teoria marxista, do desconstrucionismo derridiano, da filosofia rizomática de Gilles Deleuze, bem como das teorias literárias feministas e pós-coloniais, substituíram uma preocupação universalista por uma visão mais descentralizadora e pluralista do ser humano em sua intermitente relação com o mundo. Retrato de um tempo que deseja recontar a história não mais pela linearidade positivista, mas pela via da fragmentação. Entretanto, o que vemos, no âmbito dos jornais, é que o paradigma ainda persiste. Nas escolas de jornalismo, os aspirantes a repórter continuam aprendendo as técnicas do fazer jornalístico – sob o jugo dos mitos da isenção de opinião e da imparcialidade no tom – ao apurar e escrever uma notícia ou reportagem.

Híbrida por excelência, a crônica é um exemplo de gênero textual que rompe com o modelo cientificista, ao trazer a subjetividade e o ponto de vista de um cronista-narrador – resultante da coincidência do sujeito da enunciação com o sujeito do enunciado – acerca do relato, estetizando os fatos e buscando o macro com base no olhar micro. De maneira semelhante, as narrativas biográficas vêm ganhando novos contornos em sua tessitura, ao questionar o paradigma do modelo biográfico oitocentista que pressupunha contar a vida de um indivíduo ordenadamente, em sentido unidirecional e progressivo, como se cada etapa da vida fosse um estágio avançado da anterior.

Pensar em um indivíduo contemporâneo, inexoravelmente, incompleto, fragmentário, singular, contraditório e que está em uma intermitente relação de tensão com o outro, é entender que a narração de uma vida é informe e esbarra no intraduzível. O presente é capaz



de retomar o passado, mas não restituí-lo em sua totalidade, pois o “eu atual” será sempre outro diferente daquele “eu” que vivenciou a experiência. No caso das narrativas biográficas, por exemplo, ao mesmo tempo que os biógrafos pretendem reproduzir um vivido real do passado, existe uma necessidade urgente de se preencher lacunas para lidar com a inevitável incompletude do narrado.

No ensaio de François Dosse (2009), intitulado “A biografia: gênero impuro”, contido em *O desafio biográfico: escrever uma vida*, a biografia, como o próprio título diz, é impura, fronteira, híbrida, pois, da mesma forma que se pretende reproduzir um vivido real passado pela mimese aristotélica, há uma necessidade de se ficcionalizar de acordo com a intuição e o talento do biógrafo. Ou seja, mesmo que tenha um pacto no referencial, a biografia tem rastros de ficção para lidar com as lacunas incompletas de seus relatos, assim como observamos, anteriormente, nos discursos histórico e jornalístico.

A grande virada epistemológica a partir do século XIX e início do XX culminou em um estremecimento dos valores edificantes e das certezas do homem moderno. As ideias de Sigmund Freud, Karl Marx e Friedrich Nietzsche, em seus respectivos campos de atuação, trouxeram à tona as limitações do sujeito perante o tempo e espaço. Antes, visto como o centro de todas as coisas, o ser humano se viu confrontado com as forças do inconsciente, das superestruturas da sociedade e dos valores individuais e morais imperantes, e é nesse momento de revisão de sua posição diante do universo que houve a retomada de uma série de questionamentos, entre eles, a da narração de vidas.

Os historiadores voltaram a se deparar com a complexidade da identidade, da não linearidade constitutiva do indivíduo e de suas naturais contradições. É como o pensador Pierre Bourdieu afirma no ensaio “A ilusão biográfica”, contido no livro *Usos & abusos da história oral*, “[...] tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 185). Ou seja, para o sociólogo francês, existia um senso comum de se pensar a vida como um caminho ordenado e linear, cujo trajeto tem início, meio e fim. Impreciso tal qual a vida, o passado é escrito à luz do presente, baseado nas variadas maneiras de lê-lo, e é por meio de procedimentos ficcionais – apresentados a seguir – que a narração se concretiza. A ficção propicia visitar o passado, ao reconfigurá-lo e não reproduzi-lo de maneira acabada, definitiva ou baseada na crença de uma verdade absoluta.

### **3 O PRIMEIRO TEMPO: das raízes ao auge da crônica esportiva brasileira**

#### **3.1 Os primórdios do futebol no Brasil: breve relato**

Antes da afirmação do futebol como o esporte mais popular do Brasil a partir dos anos de 1930, e de se tornar, concomitantemente, tema recorrente nas páginas dos jornais, a cobertura jornalística brasileira de esportes se restringia às notícias publicadas nas colunas sociais acerca de práticas esportivas importadas da Europa desde o século XIX, pelos jovens abastados das elites cariocas, como o turfe (corrida de cavalos), o remo e o ciclismo.

Em seus primórdios de existência nas terras tupiniquins, o *football* (“futebol” em inglês) era reduzido a um mero entretenimento amador dos jovens da aristocracia fluminense que retornavam de temporadas no Velho Continente. A princípio, visto como uma fonte de divertimento e símbolo de elegância e sofisticação, o futebol era mais um dos elementos que a elite se apoderou, assim como o mundo restrito das letras, para demarcar socialmente o seu espaço. Além do *status quo*, o esporte surgia em solo brasileiro exercendo importante papel para a elite carioca quando passou a ser considerado um artifício para o incipiente projeto de modernização que ensaiava seus primeiros contornos nas duas décadas iniciais do século XX. O país vinha de um recente e gradativo processo de desvinculação de seus velhos costumes portugueses do período colonial com a abolição da escravatura, o posterior advento da República, o incentivo ao afluxo de mão de obra estrangeira e o desenvolvimento dos primeiros grandes centros urbanos.

Seguindo a esteira das tendências burguesas europeias, grande parte da aristocracia intelectual carioca via, no futebol, o exemplo de um modelo civilizatório pautado na obediência e na disciplina, essa imagem, da então nova moda esportiva, suscitou divergências entre literatos influenciadores da época. Antes mesmo da criação dos suplementos esportivos e, conseqüentemente, de uma crônica esportiva brasileira, o futebol rapidamente se tornou assunto de fervorosas discussões.

Um deles era Coelho Neto, um dos escritores mais lidos da época, que defendia o futebol como um componente cívico fundamental para a formação de uma pátria, pois, com base em seu funcionamento pedagógico com a imposição de regras e limites, tornar-se-ia possível uma educação baseada em ordens morais à juventude. Ligado ao Fluminense, clube de forte ligação com a elite carioca daquele tempo, o parnasiano tornou-se porta-voz de um

discurso patriótico e higienista sobre o futebol, ao apoiar e defender incondicionalmente o enobrecimento da prática esportiva em seus prolixos escritos. De acordo com Lucena (2000),

nesse contexto, emerge todo um leque de ações e práticas que buscam se assemelhar ao modo de ser dos países mais "civilizados". Reforma-se o discurso político, com uma crescente ênfase na abolição e na República inspirada no exemplo francês. Cresce o discurso dos higienistas e com ele a necessidade de uma reforma sanitária e urbanística. Cresce o movimento por uma educação mais abrangente e sob a tutela do Estado, que contemple uma higiene corporal e uma ginástica que fortaleça o "tipo físico" e moral do brasileiro [...]. Assim, aumenta o intercâmbio com a Inglaterra e a importação de produtos manufaturados; modifica-se o modo de vestir, com maior ênfase nos tecidos de tons sóbrios, principalmente para os homens; distingue-se o comportamento com a assimilação crescente de práticas como a do esporte, agora centrado em regras e espelhado num tipo de comportamento "civilizado", diferente dos jogos populares tão livres, relacionados com o mundo infantil ou com as festas populares, e lembrando um passado colonial ainda não muito distante, com a ausência de um ordenamento mais eficaz (LUCENA, 2000, p. 45-46).

Ao contrário da crença no futebol como um caminho para a regeneração social e unificação de um povo pela civilidade como pensava Coelho Neto, Lima Barreto enxergava o esporte como um grande instrumento de domínio e um antro de desunião e discórdia, sobretudo, para a mocidade brasileira. Segundo ele, era um tipo de prática inventada pelos costumes estrangeiros que incitava a violência e não era digna de “[...] nenhuma proteção dos poderes públicos, a menos que estes nos queiram ensinar o assassinato” (BARRETO apud CAPRARO, 2007, p. 112).<sup>8</sup>

Nacionalista por excelência e contra o então novo modelo republicano calcado no coronelismo e clientelismo, Lima Barreto também tecia críticas mordazes e irônicas ao aspecto disciplinador e à incorporação de elementos europeus para a formação de uma cultura própria brasileira, exercidos por uma elite que, em suas palavras, era racista e indiferente à desigualdade de classes. O escritor articulou a criação de uma liga de intelectuais que fariam campanha contra o futebol, mas a iniciativa não seguiu adiante. No entanto, apesar da resistência do escritor em suas intensas campanhas contra o futebol, Lima Barreto não negava o fenômeno da popularização daquela atividade.<sup>9</sup>

Apesar de a imprensa da época, dirigir seus escritos para a classe abastada e, portanto, ter propiciado mais visibilidade para a relação do futebol com os jovens ricos, antes mesmo do fim da década de 1910, o esporte bretão já era o mais praticado do país. À medida que se expandia, sem precedentes, atingindo todos os meandros da sociedade, o interesse das elites

---

<sup>8</sup> Trecho da crônica “Não queria, mas...”, publicada por Lima Barreto em *Careta*, no dia 1º de outubro de 1921.

<sup>9</sup> Detalhes sobre o embate das visões distintas dos dois cronistas, acerca do futebol, estão no livro, *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*, de Mauro Rosso.

pelo futebol foi, concomitantemente, diminuindo. Inicialmente, considerado símbolo da modernidade e do progresso, o futebol, durante a sua fase amadora, não era visto mais do que uma tendência europeia de entretenimento, um instrumento de diversão representado pelas elites. No entanto, com o decorrer dos anos, o esporte foi, paralelamente, adotado como prática lúdica no dia a dia das classes mais populares, em virtude de sua fácil acessibilidade, sobretudo, em áreas suburbanas e, especificamente, operárias. Bastava um objeto esférico feito de pano, um par de chinelos para demarcar os gols, e as peladas surgiam nas ruas e nos campos de várzea das periferias.

Outrora, visto como exemplo de civilidade e disciplina, o futebol foi sendo ressignificado pelas massas, ao ser explorado em seu cerne mais visceral e profano, com as gingas irreverentes, os ânimos à flor da pele e as paixões intensas. Em *O negro no futebol brasileiro* (1964), uma das importantes obras literárias já escritas sobre futebol no país, por Mário Filho, o sociólogo Gilberto Freyre, no prefácio, destaca a importância da inserção do futebol na história brasileira, pela sua capacidade de sublimar “[...] vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura” (FREYRE, 1964, p. 2), tais como, a capoeira, o samba e a malandragem.

Em um primeiro momento, impedidos de atuarem nos clubes da elite durante a fase amadora, os negros e mulatos das periferias foram, gradualmente, aceitos, em função do potencial futebolístico que tinham. Após a profissionalização do futebol, em 1933, as elites saíram de cena e as classes populares puderam vislumbrar, pela primeira vez, a possibilidade de ascensão social pela via do esporte.

De uma atividade, meramente, lúdica para poucos, o futebol tornou-se o esporte nacional. As damas e os cavaleiros da aristocracia deram lugar às classes inferiores nas arquibancadas. O comedimento foi substituído pela euforia das massas com suas faixas e cânticos. No campo, novos clubes eram fundados, torcidas apaixonadas se formavam, campeonatos e federações se institucionalizaram e figuras icônicas nasciam como o apolíneo Domingos da Guia e o dionisíaco Leônidas da Silva, o inventor, para muitos, do “gol de bicicleta”.

### **3.2 O jogo virou**

Ao se consolidar como um esporte de multidões após a superação de sua fase amadora, e, conseqüentemente, a consolidação do profissionalismo no decorrer dos anos de

1930, o futebol, com sua nova faceta, acarretou mudanças na forma de cobertura jornalística esportiva na época. Então, restritas às elites, as crônicas e as notícias rebuscadas, excessivamente descritivas e repletas de estrangeirismos, foram substituídas por uma nova linguagem muito mais interessante e acessível às classes médias e baixas predominantemente analfabetas e iletradas, mas que compunham a maior parcela dos ávidos interessados pelo esporte.

Gradativamente, os jornais foram cedendo mais espaço ao futebol, não mais nas antigas colunas sociais e nos folhetins, porém, como notícias curtas nas páginas principais. A maneira de se olhar o futebol atingiu outro nível de compreensão com a incessante luta pela popularização e profissionalização do esporte, e, sem dúvida, o jornalista e radialista Mário Filho foi uma dessas figuras que exerceram papel imprescindível na construção da imagem do futebol como um esporte brasileiro popular, ressoando diretamente no modo de se fazer crônica futebolística na época, a ponto de inscrever uma tradição dentro do jornalismo esportivo brasileiro e que culminou no reconhecimento da crônica esportiva como “um gênero tipicamente nosso” (SILVA, 1997, p. 33).

Na fase amadora do futebol, a imprensa, nos poucos espaços que cediam em suas colunas sociais ao futebol, utilizava uma linguagem por demais empolada, repleta de estrangeirismos. A tarefa de Mário Filho, como um “empreendedor do jornalismo esportivo brasileiro”, foi de empregar uma linguagem autêntica do povo em suas reportagens e transmissões de jogos. A nova forma de discurso, voltada para o público, reconfigurou a cobertura futebolística, forçando as empresas de jornais a trazerem, para os seus periódicos, uma abordagem comunicacional cada vez menos europeizada, e, sim, calcada nos elementos constitutivos da nação brasileira em processo de formação identitária. Os termos sofisticados de origem inglesa como “sportmen”, “football”, “fair play”, “goals”, “offside”, “driblings” deram lugar a uma linguagem popular, sem prolixidades nessa fase profissional do futebol. Mário Filho, portanto, foi uma figura preponderante na construção de uma identidade jornalística própria do país, cujo papel transformador foi de fundamental utilidade para os primeiros passos de um Brasil como projeto de nação.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> É importante ressaltar que, além da contribuição de Mário Filho, outros cronistas contemporâneos a ele, tiveram fundamental papel na difusão de um discurso jornalístico sobre o futebol no país. Em sua tese, “Cronistas esportivos em campo”, André Couto (2016) desmistifica a ideia historicamente defendida de Mário Filho como o único responsável pela popularização desse esporte, e atenta para a contribuição de outros escritores do *Jornal dos Sports*, tais como Mário Vargas Netto, José Lins do Rego, Geraldo Romualdo da Silva, Álvaro do Nascimento, Everaldo Lopes, entre outros.

Na esteira das ideias do modernismo brasileiro – em afirmar os movimentos de brasilidade que surgiam ante um endeusamento da cultura europeia –, a cobertura jornalística esportiva cunhou uma nova linguagem oposta ao rebuscamento e parnasianismo de outrora, dessa vez, mais coloquial. Se, nas duas primeiras décadas, o foco das coberturas era voltado, exclusivamente, para as elites, no qual a prioridade era reportar a beleza das damas na arquibancada, a vestimenta dos cavalheiros, as presenças ilustres de autoridades políticas, o comportamento polido e cortês dos jogadores, os bailes festivos após os jogos, mais do que, de fato, acontecia em campo, com os primeiros diários esportivos e suplementos especializados nos anos de 1930, a atuação jornalística passou a primar por uma linguagem coloquial, informal, simples, em que o protagonismo das notícias era o próprio futebol. Ao analisar esse período de florescimento da crônica esportiva brasileira, Nascimento (2011) faz uma distinção entre dois tipos:

É possível perceber nesse período a vigência de uma *crônica sobre os esportes* e não uma *crônica dos esportes* conforme concebemos hoje. A aversão modernista à fala empolada e ornamental, bem como aos recursos retóricos dos parnasianos, afinava-se com as mudanças promovidas na crônica esportiva, cuja narrativa encontrava-se igualmente presa até a década de 1920 aos cânones greco-romanos e especialmente ao estilo elevado da retórica sublime clássica. Mário Filho vai neste sentido, como vimos, mobilizar seus esforços para a reformulação dos paradigmas do jornalismo esportivo brasileiro (NASCIMENTO, 2011, p. 131).

Concomitantemente ao nascimento dessa nova forma de noticiar os fatos sobre o futebol, nascia a crônica esportiva especializada com os primeiros suplementos dedicados ao tema. Criado em 1931, sob a direção de Argemiro Bulcão, o *Jornal dos Sports* foi o primeiro diário, exclusivamente, focado no esporte e tinha o futebol como seu carro-chefe. Impulsionado pela inovação gráfica e os avanços editoriais, a fim de atrair mais leitores com o uso de manchetes sensacionalistas e a inclusão de entrevistas e imagens nas notícias, o diário esportivo se tornaria um dos importantes espaços de voz para as primeiras gerações de cronistas esportivos. Além das evoluções tecnológicas decorrentes dos tempos modernos que começavam a reverberar nos meios de comunicação, a linguagem jornalística passou a se reinventar, adequando-se às demandas de uma população majoritariamente analfabeta.

Em paralelo à criação do *Jornal dos Sports*, Mário Filho assumiu o caderno de esportes do jornal *O Globo*, em maio de 1931, em que promoveu mudanças drásticas no âmbito editorial com a utilização de charges provocativas e manchetes sensacionalistas, além das entrevistas polêmicas e da busca pelo flagrante. No mesmo período, com o aval do chefe e

amigo Roberto Marinho, ele fundou um novo jornal esportivo da época chamado *Mundo Esportivo*. A empreitada durou apenas oito meses, devido ao baixo poderio de investimento e da escassez de acontecimentos em torno de um futebol que ainda vivia o dilema entre amadorismo e profissionalismo na época. O período de carência acentuada levou o jornal à falência, todavia, deixou um legado importante para Mário Filho. Foi das páginas do pequeno diário que nasceu a tradicional disputa carnavalesca entre escolas de samba. A criação do concurso foi uma estratégia de Mário Filho para suprir a falta de notícias futebolísticas devido ao recesso dos clubes entre o campeonato carioca e o nacional.<sup>11</sup>

Em 1936, Mário Filho deu um grande salto em sua carreira, ao adquirir – com a ajuda financeira de amigos, entre eles, o próprio Roberto Marinho –, os direitos do *Jornal dos Sports*, que passou a ser rodado na redação de *O Globo*. No final da década de 1930, como aponta Couto (2016), o futebol já era um fenômeno bem-sucedido no Rio de Janeiro, com a aprovação maciça da população, a criação de ligas, regras, associações, e, ainda, apoiado pelas políticas nacionalistas do governo getulista em prol de uma identidade cultural calcada nos princípios da disciplina, civilidade, ordem e progresso. Com o assentamento do futebol na cultura brasileira, a discussão acerca daquele esporte ser um modismo das elites ou não, ter um caráter cívico ou não, fora superada.

Cada vez mais profissionais, dinâmicos e com uma roupagem empresarial, os jornais dos anos de 1940 passaram a aderir a novas estratégias editoriais a fim de atender a uma demanda de leitores que crescia vertiginosamente. Nessa época, a imprensa brasileira recebeu forte influência do *modus operandi* americano de se fazer jornalismo. A cartilha estadunidense primava pela objetividade e concisão nos relatos, sob a égide de um discurso imparcial, meramente informativo e o menos opinativo possível. Àquela altura, com mais espaço nos jornais, a crônica esportiva vivia um paradoxo entre o ideal de jornalismo norte-americano técnico, porém, ainda impulsionado pelo modo revolucionário fundado por Mário Filho e inspirado nas experimentações do modernismo brasileiro e das tendências literárias, ficcionais, genuinamente, característicos do gênero.

Parte dos cronistas optava por se restringir aos aspectos técnicos e táticos do esporte, enquanto outros estavam mais preocupados em abordar a subjetividade do futebol, explorando as potencialidades da língua, ao criar narrativas que aproximavam o real da ficção. Para esse segundo grupo de cronistas, o espaço das crônicas era um local de experimentação, de possibilidade simbólica, de novas narrativas e modos de contar o mundo, uma “microscopia

---

<sup>11</sup> Todas essas informações referentes à carreira jornalística de Mário Filho e de seus outros parentes jornalistas, incluindo Nelson Rodrigues, estão contidas na obra *O anjo pornográfico* (1995), do biógrafo Ruy Castro.

subjetiva e autoral da sociedade em questão, procurando no minúsculo, no personagem (fictício ou real), uma identidade cultural individual que se reflete em um todo [...]” (COUTO, 2016, p. 45). Em ambos os modos de leitura do futebol, havia um fim em comum. O objetivo principal era atrair mais audiência, seja pela via de um texto mais frio, objetivo e “neutro” das notícias e reportagens, seja pela via da emoção, do teor ficcional e subjetivo das crônicas esportivas.

Se, nos anos 1940, a crônica esportiva brasileira já conquistara seu espaço nas páginas dos diários especializados, foi mesmo a década de 1950 que marcou o período de sua consolidação. As evoluções gráficas com a aquisição de máquinas mais sofisticadas, a importação do papel e as novas estratégias nos processos de distribuição eram marcas de um Brasil que buscava incessantemente se solidificar como uma nação moderna.

Como um agente afirmador da identidade nacional, o futebol era tido como um esporte de massas e elemento preponderante na construção da identidade nacional. Em meio a uma conjuntura político-econômica desenvolvimentista da época, o futebol passou a ser usado como manobra política para o projeto nacional de modernização. Assim como outros produtos culturais, tais como o cinema, o esporte mais querido do país se tornou parte da engrenagem do projeto industrializante preconizado por Getúlio Vargas em seu segundo governo (1951-1954)<sup>12</sup> e seguido por Juscelino Kubitschek (1956-1961).<sup>13</sup> Nesse período, o Brasil projetava construir uma imagem de grande nação aos olhos do mundo, e as medidas de governos da época – Getúlio com o fomento à indústria nacional em diversos setores e campos de conhecimento, e, posteriormente, com a política oposta de abertura ao capital internacional com JK – foram grandes demonstrações desse projeto.

Nos primeiros anos da década de 1950, os nacionalistas acreditavam que, por meio da política de substituição de importações e do controle da infraestrutura pelo Estado, seria possível fortalecer a economia interna e superar o intrínseco estado de subdesenvolvimento que assolava o Brasil. O capital estrangeiro era visto como uma necessidade muito pequena. Segundo Fausto (2001, p. 409), em *História do Brasil*, Getúlio fez investimentos pesados no setor de transportes e de energia com a abertura de um crédito externo de 500 milhões de dólares e a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), a fim de acelerar o crescimento da indústria nacional e facilitar os investimentos de empresas privadas

---

<sup>12</sup> Mais informações sobre o período getulista podem ser encontradas no extenso trabalho de BASTOS apud BASTOS, Pedro Paulo Z.; FONSECA, Pedro Cezar D., 2012, p. 361-455.

<sup>13</sup> Sobre a política nacionalista-desenvolvimentista e o Plano de Metas de JK, mais detalhes em FARO e SILVA, apud GOMES (Org.), 1991, p. 44-71.



nacionais. Concomitantemente ao avanço da industrialização, o, então, presidente tinha de lidar com os altos índices de inflação e as consequentes medidas impopulares para contê-la.

Já o governo de JK continuou com o incentivo à industrialização do país, a exemplo do setor automobilístico, mas, ao contrário dos nacionalistas, permitiu uma abertura ao mercado estrangeiro, atraindo e concedendo facilidades ao capital estrangeiro. Em uma conjuntura político-econômica menos turbulenta que a de Getúlio, JK implementou o audacioso Plano de Metas que, além da construção de uma nova capital, abrigava 31 objetivos nas áreas de transporte, alimentação, energia, educação e indústria de base.

O projeto por uma nação moderna<sup>14</sup> era evidente também nas artes, com movimentos culturais próprios do país, surgidos naquele tempo, a exemplo da Bossa Nova, do Cinema Novo e dos projetos arquitetônicos de Niemeyer (SILVA, 1997). Com relação aos meios de comunicação, a imprensa passou a ter papel decisivo no plano modernizante, cuja missão era tornar as atividades de lazer e entretenimento, instrumentos favoráveis ao governo na alimentação das massas. Alicerçados às iniciativas no âmbito político, econômico e social, conforme Couto (2016) reitera,

[...] os esportes, desta forma, reavivam os sentimentos nacionais que já discorriam pela sociedade, tanto na ideia de uma modernidade legitimamente brasileira como na percepção de que o Brasil, na década de 1950, ingressava de vez no rol das nações cuja meta era o desenvolvimento constante. As políticas econômicas do período mostravam a tentativa do aparelho de Estado e do próprio mercado de deixar um passado agrário e atrasado para trás e voltar a nação para o crescimento industrial e urbano. O sentimento de país que buscava o seu espaço entre as grandes nações do mundo era o de uma certa euforia e de esperança em uma melhor colocação no *ranking* internacional (COUTO, 2016, p. 72).

Inevitavelmente, inserido nessa esteira de mudanças estava o futebol, como elemento símbolo do povo brasileiro, assim como a capoeira, o samba, o candomblé e outros elementos da cultura negra. Como Proença ressalta em *Futebol e palavra*, o futebol também estava sendo “examinado como uma manifestação, e muito típica, de cultura e da realidade brasileira” (PROENÇA, 1981, p. 32). Um esporte que passou a ser utilizado como artifício político em prol do projeto de modernização em voga, e que, em paralelo, também influenciaria na formação do estereótipo do brasileiro. A ginga, a ousadia, a malemolência e a malícia com os pés dos craques mulatos e negros nos gramados reverberariam fora dos estádios, ao criar uma imagem que conhecemos hoje, vulgarmente, como “jeitinho brasileiro”.

---

<sup>14</sup> Um estudo aprofundado do período de modernização brasileiro a partir dos anos de 1930 está contido em SCHWARCZ (Org.), 2002, p. 489-559.

Portanto, cronistas como Mário Filho, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, Armando Nogueira, João Saldanha e muitos outros ajudaram a pensar o futebol como um fenômeno sociocultural de massa e a superar o paradigma de um esporte alienante e limitado a vinte e dois homens correndo atrás de uma bola. No ensaio “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, contido na coletânea *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, o antropólogo Roberto DaMatta (1982) cunhou a noção de futebol como “metáfora da própria vida”, entremeado por uma multiplicidade de discursos, desde os hinos, os cantos das torcidas, até os causos, as anedotas, as charges, os relatos biográficos, as crônicas e os gêneros do jornalismo, a exemplo da notícia e da reportagem. Tais discursos fazem eclodir o potencial simbólico que o esporte tem diante da sociedade, como uma prática que suscita questões muito além do esporte, afetando a política e sendo capaz de contaminar outros campos culturais. Sua dimensão simbólica ultrapassa a noção de um esporte como um ópio do povo que desvia os indivíduos e a sociedade, em geral, de seus problemas.

### **3.3 Bola no craque**

Se, em Mário Filho, a popularização do futebol atingiu a linguagem dos folhetins e periódicos, foi por meio das narrativas curtas do irmão Nelson Rodrigues, um de nossos objetos de estudo, que a crônica esportiva alcançou o seu ápice ao tratar o futebol de uma maneira singularmente apaixonada.

Conhecido por muitos como o “pai” da dramaturgia moderna brasileira, devido à sua significativa contribuição para o teatro, com suas peças trágicas e cômicas, Nelson Falcão Rodrigues, concomitantemente, atuava como jornalista em muitos veículos cariocas de sua época. Natural de Recife, mas radicado no Rio de Janeiro desde cedo, o dramaturgo e cronista iniciou precocemente, aos 13 anos, a sua carreira jornalística nas páginas de polícia do recém-fundado jornal carioca do seu pai, Mário Rodrigues, intitulado *A Manhã*, no final de 1925. Já desde os seus primeiros escritos no jornal, Nelson Rodrigues desatinava, em palavras, a sua mente inventiva, e nada como os casos policiais para servir de inspiração. As mais simples infringências, Nelson sabia transformá-las em novelas rocambolescas merecedoras de roteiro hollywoodiano. Como narra Ruy Castro, na biografia do cronista, “[...] nas suas mãos, o atropelamento de uma velhinha na rua São Francisco Xavier, no bairro do Maracanã, torna-se uma saga digna do melhor sub-Anatole France” (CASTRO, 1995, p. 47). Sua verve dramática

estava em seu sangue, e Nelson conseguia extrair de qualquer acontecimento, por mais trivial que fosse, uma série inebriante repleta de clímaxes aos olhos do leitor.

Em 1929, pouco tempo depois de fechar o *A Manhã*, o seu pai Mário Rodrigues fundou outro jornal, intitulado *A Crítica*, no qual Nelson também exerceu o seu ofício de repórter, mas, dessa vez, para a seção de esportes que era chefiada pelo seu irmão mais velho, Mário Filho. Dois anos depois, Nelson e seu outro irmão Joffre acompanharam Mário Filho em sua empreitada para o periódico *O Globo*. Àquela altura, com a morte de Mário Rodrigues e o assassinato de um dos irmãos, Roberto Rodrigues, Mário Filho foi incumbido de liderar a família no âmbito profissional.

Após muitos anos na redação de *O Globo*, Nelson foi convidado, em 1951, para ser o redator da página de esportes do incipiente jornal da época chamado *Última Hora*, que sucedia o outrora prestigiado *Diário Carioca*. Foi nesse periódico que Nelson explorou seu talento nato como ficcionista quando seu chefe e amigo, Samuel Wainer, sugeriu a ele escrever uma coluna diária baseada em casos do cotidiano. As pequenas histórias de assassinato, incestos, traições, paixões da “A vida como ela é...” se tornaram febre no Rio de Janeiro, atraindo a atenção até das famílias mais rígidas e moralistas da alta sociedade.

Em 1955, Nelson Rodrigues teve a sua segunda experiência como jornalista de um veículo exclusivamente esportivo – a primeira ocorreu quando seu irmão adquiriu o *Jornal dos Sports*, em 1936, periódico em que continuou escrevendo até 1966. Convidado pelo seu irmão e por Adolpho Bloch, Nelson migrou para a *Manchete Esportiva* para ser o redator principal, mas manteve a sua coluna “A vida como ela é...” no jornal *Última Hora*. Na revista, o anjo pornográfico abastecia suas exageradas histórias futebolísticas na coluna “Meu personagem da semana”, conhecida por ter abarcado crônicas ácidas e satíricas que se consagrariam, posteriormente, pelas suas críticas, sobretudo, ao comportamento do brasileiro diante de fracassos como a Copa do Mundo de 1950.

Com o fim da *Manchete Esportiva* em 1959, Nelson seguiu trabalhando por um tempo no *Última Hora* até 1961, quando escreveu um polêmico artigo a respeito de seu ex-chefe Roberto Marinho. Não obstante, após rápida passagem no *Diário da Noite*, o cronista retornou ao jornal *O Globo* e com uma nova coluna sobre futebol intitulada “À sombra das chuteiras imortais”. Ele permaneceu no periódico da família Marinho até 1967, quando foi convidado a escrever para um novo espaço nas páginas do *Correio da Manhã*, dessa vez, não acerca do futebol, mas sobre as suas próprias memórias.

Em Nelson Rodrigues, se verifica a crônica em seu estado limítrofe entre os campos jornalístico e literário. Com toda a sua excentricidade, extravagância linguística e virtuosismo, as obras do “anjo pornográfico” permeavam o dia a dia das matérias temporais, factuais e objetivas dos jornais, sem perder de vista os recursos de um discurso ficcional característico de gêneros da literatura com alto teor estético como os contos e romances. Os fatos cotidianos do esporte, muitas vezes, eram relegados a segundo plano para expor questões humanas com personagens reais criados por ele, em vez de se ater aos detalhes meramente técnicos relacionados aos jogos de futebol.

Ao fazer uso do discurso ficcional, predominante em suas crônicas, Nelson Rodrigues suspendia a pretensa verdade absoluta do discurso jornalístico, ao se deter mais em uma verdade simbólica e imaginativa, assumindo uma figura politicamente incorreta e controversa nas redações de jornal. Um tipo de “ovelha negra” entre os seus colegas jornalistas que seguiam as leis inerentes dos manuais de redação. No meio de um ambiente cerceado por matérias jornalísticas de cunho restritamente noticioso, buscando uma verdade dos fatos sob a ótica da isenção, a crônica rodrigueana, com todo seu arranjo literário e, ao mesmo tempo, de um coloquialismo ao rés do chão, propiciou um novo olhar sobre o futebol, então, menos analítico e pragmático, como Sá (1985) ressalta:

Para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que a aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados. É preciso ir mais longe, romper as conceituações, buscar exatamente aquilo que caracteriza a poesia: a imagem (SÁ, 1985, p. 48).

Sá (1985), também, reitera, em seu estudo, a respeito do gênero que é da missão do cronista construir: um alter-mundo capaz de confluir o real e o irreal, tal como Iser (1996) suscitou quanto ao papel da ficção em propiciar o encontro do real com o imaginário. Nelson buscava não se ater ao real em seus escritos. A linguagem vibrante e intensa extrapolava os limites do jornalismo, “desrealizando” o próprio real com seus elementos ficcionalizantes.

Livre de engessamentos e com a imaginação em punho, Nelson escrevia para além do óbvio e desejava que seus leitores também rompessem com a visão contingente e literal sobre os fatos, pois, de um lado, havia, na imprensa esportiva carioca, um tipo de escrita mais prosaica, preocupada com uma isenção e distanciamento dos acontecimentos, enquanto que a outra – de cronistas como Nelson Rodrigues – primava pelo equilíbrio entre o real e o imaginário, dando enfoque às abordagens mais simbólicas, porém, sem perder de vista o seu

teor trivial. Em suas crônicas, Nelson se aproximava desse segundo tipo de escrita, ao produzir novos sentidos e gerar diferentes formas aos fatos, que se tornam “[...] deslocados da moldura objetiva da notícia e inseridos em um ‘enquadramento de significação’” (SILVA, 1997, p. 41).

Sob a tutela de um gênero, imanentemente, híbrido, o irreverente cronista carioca recorria à ficção para fugir do pragmatismo dos “idiotas da objetividade”, como ele apelidava os seus colegas jornalistas de redação que se preocupavam com a “realidade concreta”, em reportar os fatos de maneira nua e crua. Nelson criticava-os por verem apenas os aspectos explícitos do jogo de futebol sem ter a capacidade de refletir e analisar o que havia, de fato, por dentro do esporte, já que, para ele, os fatos pouco importavam, pois “[...] o que dá autoridade é o acréscimo da imaginação” (RODRIGUES, 1994a, p. 12). Ao contrário dos “entendidos de táticas”, o dramaturgo reduzia o protagonismo dos fatos em suas histórias, pois havia muito mais a ser contado por meio da construção de suas fantasias. Como ele reiterou em uma de suas crônicas escritas para o jornal *O Globo* em 18 de novembro de 1963, intitulada “O divino delinquente”, “[...] em futebol, o pior cego é o que só vê a bola” (RODRIGUES, 1993a, p. 103).

As fábulas de Nelson estavam alicerçadas nos acontecimentos reais do cotidiano e tais fantasias eram construídas baseadas em sua visão subjetiva acerca dos fatos. Se as narrativas de futebol são preenchidas por doses de imprevisibilidade, as histórias criadas por Nelson tornavam-se igualmente ambíguas pelo seu toque peculiar de imaginação. Segundo Jaime (2010), o futebol em Nelson adquiria uma proporção para além do campo.

[...] As suas crônicas davam enfoque ao espetáculo, aos 90 minutos de bola a rolar, sem perder a dimensão do palco muito mais amplo que é o futebol e a vida. Seja pelas redundâncias típicas do jornalismo ou pelas criações imagéticas pescadas na literatura, Nelson actuou em ambas frentes – e, por vezes, confundiu-nos acerca de que jogo estava a praticar (JAIME, 2010, p. 45).

Resistente e crítico às leituras óbvias sobre o futebol, Nelson Rodrigues articulava estratégias enunciativas em seus escritos a fim de despertar os leitores para uma visão imaginativa e simbólica acerca do fenômeno, opondo-se à visão predominante de cunho objetivo e analítico da grande imprensa noticiosa esportiva. Como forma de enfatizar seu posicionamento e, conseqüentemente, persuadir quem lia suas crônicas, o cronista criava imagens pitorescas, a exemplo da “grã-fina das narinas de cadáver”<sup>15</sup> e do “Sobrenatural de

---

<sup>15</sup> Personagem icônica das crônicas de Nelson Rodrigues que pergunta quem é a bola, em RODRIGUES, 1993b, p. 141-144.

Almeida”,<sup>16</sup> e imprimia um poder de argumentação mais hiperbólico do que propriamente lógico. Não bastava apenas se opor às ideias dos “idiotas da objetividade” com um discurso racional para persuadir os leitores, mas, sim, extrapolar a linguagem com falas expressivas e exageradas.

Nelson se interessava por tudo que não era óbvio do futebol, não obstante era a sua resistência aos videoteipes quando passaram a ser utilizados nas discussões sobre futebol nos programas televisivos, pois a nova tecnologia podava a imaginação humana. Em uma das edições do “Grande resenha Facit”,<sup>17</sup> Nelson classificou, em uma das acaloradas discussões, o novo aparato tecnológico, de burro, quando o recurso comprovou uma penalidade contra o seu time de coração, o Fluminense. Ele não se interessava pela busca incessante por respostas objetivas e análises precisas, mas, sim, pela subjetividade e o controverso olhar humano sobre o que se via em campo.

### **3.4 O futebol nas *entre linhas* ou nas *entrelinhas*?**

Em 1971, o cineasta, poeta e escritor italiano, Pier Paolo Pasolini, escreveu um ensaio intitulado, “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”<sup>18</sup> para o jornal de seu país, *Il Giorno*. Fascinado pela cultura popular, como terreno de luta política, e pelos espaços que transgrediam os códigos de uma nova Itália reconstruída no pós-guerra sobre o paradigma do capitalismo, Pasolini via o futebol como um desses elementos capazes de reagir à lógica instrumental do sistema imperante. Em meio a um tempo trágico, o esporte, para o cineasta, assim como para Nelson Rodrigues, era o lugar do escape, da possibilidade catártica, e, portanto, da subversão da linguagem. Não obstante, o fascínio de Pasolini pela bola vinha desde os tempos de infância, nos jogos de rua com os amigos, e de juventude, quando defendeu as cores do time de Casarsa, cidade natal de sua mãe.

Nesse artigo, Pasolini propôs, sem pretensões teóricas, como um “trato lúdico”, um modelo semiológico do futebol, inspirado na linguística de Ferdinand de Saussure. O pensador italiano vai estabelecer duas categorias – o “futebol de prosa” e o “futebol de

---

<sup>16</sup> Outro conhecido personagem fictício rodrigueano que representa os componentes da imprevisibilidade e de forças metafísicas que circundam o futebol. O “Sobrenatural de Almeida” aparece em RODRIGUES, 1994b, p. 138-139.

<sup>17</sup> O programa, veiculado na TV Rio durante a década de 1960, foi o pioneiro do formato de discussão sobre futebol entre especialistas. Na época, ele reunia grandes nomes da crônica esportiva, como Armando Nogueira e João Saldanha, além do próprio Nelson Rodrigues. Atualmente, as mesas-redondas dominam as grades de programação dos canais esportivos.

<sup>18</sup> A tradução é “O futebol ‘é’ uma linguagem com seus poetas e prosadores”, e o título publicado em português, “O gol fatal”.

poesia” – com o intuito de distinguir os estilos de jogo praticados pelos europeus e latino-americanos, respectivamente. A criação de tal distinção estética foi em referência ao que aconteceu no ano anterior quando a Seleção Brasileira de 1970, com seu modo artístico e vistoso de jogar bola, foi tricampeã mundial contra a *Squadra Azzurra*.

Pasolini, assim como o linguista suíço, partiu da premissa de que a Semiologia é uma teoria geral de sistemas de signos que recebe, da Linguística, as estruturas para a sua elaboração. Com base nisso, o cineasta observou o futebol como um sistema de signos que é passível de ser modelado dentro de uma teoria semiológica. Portanto, ele distinguiu o futebol como uma linguagem de signos não verbais que tem características semelhantes ao sistema de linguagem verbal da escrita-falada e é composta pela relação intrínseca entre os “cifradores” (os jogadores) e os “decifradores” (os torcedores). Em seu ensaio, Pasolini (2005) situa o futebol no mesmo patamar linguístico que outras artes:

Outro sistema de signo não-verbal é o da pintura; ou o do cinema; ou o da moda (objeto de estudo de um mestre nesse campo, Roland Barthes) etc. O jogo de futebol também é um sistema de signos, ou seja, uma língua, ainda que não-verbal [...]. Ele tem todas as características fundamentais da linguagem por excelência, aquela que imediatamente tomamos como termo de comparação, isto é, a linguagem escrita-falada (PASOLINI, 2005, p. 2-3).

Mas, como se daria esse código linguístico do futebol? De modo paródico, o escritor italiano estabeleceu a ideia do futebol como sintaxe, em que as “palavras” do futebol vão se formar da mesma maneira que as palavras da linguagem escrita-falada. Se, na segunda, a articulação acontece por meio de infinitas combinações entre os fonemas (as 21 letras do alfabeto italiano), o mesmo se manifesta na linguagem não verbal futebolística. Segundo ele, a unidade mínima do futebol seria, nesse caso, o “podema”, isto é, “um homem que usa os pés para chutar a bola” (PASOLINI, 2005, p. 4). Os 22 jogadores em campo seriam os podemas, que, juntos, formariam as palavras futebolísticas por meio de dribles e jogadas individuais, e, com base na combinação delas, surgiria o discurso futebolístico, ou seja, o conjunto de todas as jogadas que representaria a sintaxe (a partida de futebol).

Pasolini, portanto, concluiu que o futebol é regulado por um código instrumental que só é reconhecível por sujeitos que se familiarizam pela língua ali inscrita, nesse caso, pelos jogadores e torcedores, tal como o filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, caracterizou os gêneros discursivos em *Estética da criação verbal* (2000), ou seja, como uma forma heterogênea, relativamente estável e que decorre das interações entre interlocutores dentro de esferas sociais da atividade humana.

Portanto, utilizando-se de termos saussurianos, tanto os “emissores” (os jogadores de futebol) e os “receptores” (os torcedores) se interagem dialogicamente por meio de um processo de interação verbal responsivo. Ou seja, só quem estiver dentro deste “jogo linguístico-futebolístico” e familiarizado com os jargões especializados do código será capaz de manipular a sublíngua do próprio futebol.

Baseado nesta concepção do esporte como um fenômeno cultural regido por um código instrumental, Pasolini divide a linguagem futebolística em duas: o *poético* e o *prosaico*. Ele define o *futebol de poesia* como um subcódigo que se diferencia da linguagem cotidiana ao transgredir o sentido formal das palavras. Seria, então, aquele jogador, time ou seleção (como a campeã geração brasileira de 1970) que pratica um estilo de jogo ofensivo, ousado, vistoso, de refinamento técnico e talento, com muitos dribles e gols capazes de subverterem as normas inscritas na linguagem do esporte. Já o *futebol prosaico* seria um modo de jogo oposto, de uma obediência tática rígida, mais formal, pragmático, previsível e sem brilhantismos, como era característico daquela seleção italiana que perdeu a final da Copa do Mundo de 1970 para Pelé e companhia.

Para Pasolini, quem praticava um futebol menos vistoso, criativo, hábil, era considerado um jogador prosaico, enquanto aquele que tinha um talento inquestionável, um dom imanente para jogar bola, era um jogador que fazia poesia com os pés. Ou seja, esse atleta talentoso era capaz de transgredir o discurso linguístico do cotidiano. Segundo o ensaísta e cineasta, o esquema de jogo prosaico é geométrico, conciso e concatenado, já o modelo poético é flexível e concêntrico, pois mira o futebol-arte, o predomínio da posse de bola e de passes precisos que quebram o código.

Pasolini dizia que o gol é o momento poético mais sublime do futebol, porque é marcante, irreversível e subverte a linguagem. “Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fulguração, espanto, irreversibilidade” (PASOLINI, 2005, p. 5). Segundo o intelectual italiano, o futebol que exprimia mais gols era o mais poético e o artilheiro era sempre o “poeta do ano”, no entanto, ele ponderava que a distinção feita entre futebol de poesia e futebol de prosa era puramente técnica, isto é, a comparação não era com o intuito de realizar um juízo de valor. São apenas formas diferentes de se familiarizar com o gênero – seja pela via da afirmação, seja pela via da transgressão.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Um estudo mais detido sobre a leitura semiológica de Pasolini, acerca do futebol, está contido no ensaio de CORNELSEN (2006), intitulado “A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’”.



Semelhante à leitura de Pasolini acerca do futebol, Nelson Rodrigues via a poesia em face da prosa nos gramados. O futebol era mais importante nas *entrelinhas*, isto é, pela sua subjetividade, do que nas *entre linhas* do campo, do que acontecia, analiticamente, nas partidas. Em seus escritos, o futebol era visto como metonímia da vida (SILVA, 2014),<sup>20</sup> porque representa a trajetória do herói, do vilão que é o ser humano e o seu eterno ciclo de lutas, glórias, quedas, vitórias e derrotas. O futebol como o antro das emoções, o coliseu da contemporaneidade, onde os torcedores externalizam seus sentimentos por meio dos gritos à flor da pele que ecoam nas arquibancadas, de fúria ou de alegria, enquanto os 22 guerreiros em campo buscam a glória e o reconhecimento, sendo a bola uma mera coadjuvante, porém, capaz de propiciar os objetivos maiores. Como o próprio Nelson disse certa vez que “a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe” (RODRIGUES, 1993a, p. 104).

Nelson Rodrigues, portanto, via o futebol como um grande espetáculo dramático e catártico, que se constituía como um lugar social de projeção dos sentimentos de pertencimento, dos sofrimentos e dos desejos dos indivíduos e dos grupos sociais e que, por isso, ele tanto enxergava uma relação íntima com o teatro. Para o cronista, o futebol encena o destino heroico ou trágico do homem no campo e, nas arquibancadas, funciona como uma “catalizadora de sentimentos” (COUTO, 2016, p. 39) que emana paixões como um motor de despejamento das emoções, aflições, revoltas, em suma, de tudo quanto é sentimento de mundo reprimido pelos torcedores.

É interessante notar que Nelson, por mais paradoxal que seja, tinha um apreço tanto por jogadores adeptos do futebol de poesia como pelos que jogavam de maneira prosaica. O cronista não economizava nos adjetivos para falar dos atletas aguerridos, raçudos, grosseiros e até os mais violentos que representavam virtudes como bravura, coragem e força. Segundo ele, “a poesia do futebol está no *foul*. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos” (RODRIGUES, 1993c, p. 133). Ao mesmo tempo, Nelson admirava jogadores hábeis com a bola nos pés, como Garrincha e Pelé, ambos “condenados” à glória, que transgrediam a linguagem com dribles desconcertantes e um estilo malemolente e atrevido.

Para ele, craques desse tipo eram seres grandiosos, verdadeiros heróis e mártires de um povo, capazes de enfrentar quaisquer intemperanças da vida como super-homens nietzscheanos resistentes às forças reativas do futebol que não fugiam da luta e de seus próprios destinos. Por intermédio do tom exagerado que lhe era peculiar, afirmou em uma de

---

<sup>20</sup> Silva faz o uso dessa expressão em um posfácio do romance *Segunda Divisão*, de Clara Arreguy. O mesmo texto faz parte da compilação de ensaios sobre futebol e literatura em seu livro *Quem desloca tem preferência* (SILVA, 2014, p. 231-235).

suas crônicas que “no dia em que desaparecerem os pelés, os garrinchas, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro” (RODRIGUES, 1994c, p. 130). Marques (2012) diz que

[...] essa dimensão humana do futebol, ou seja, os aspectos que o referem ao campo da subjetividade, é importante também na medida em que representa uma ruptura ou suspensão das normatividades presentes no cotidiano massacrante do homem moderno. Provém daí a dimensão mítica do esporte: o futebol no Brasil teria esse poder de negar a lógica do trabalho e do lucro a qualquer custo (MARQUES, 2012, p. 127).

Tomado como instrumento metafórico e representação do vivido, o futebol encerra valores entre si que refletem o caráter humano. O jogo passa a ser interpretado como uma encenação da vida e, por isso, era um intenso objeto de estudo para um autêntico dramaturgo e apaixonado pelo teatro que era Nelson. Ele sabia que o futebol não podia ser analisado de maneira micro, apenas em suas *entre linhas*, pois, o que se via em campo era o reflexo das próprias relações humanas. O futebol, em suas crônicas, “[...] deixa de ser apenas um esporte e adquire uma dimensão de representação, uma ‘ressonância alegórica’, tornando-se uma ‘metáfora de situações universais’” (SILVA, 1997, p. 38). Como uma enorme rede de significações, o futebol produz sentidos diversos, no qual os agentes participantes – jogadores, torcedores, clubes, dirigentes – fazem parte do imaginário coletivo ao representarem instituições, grupos sociais, comunidades, cidades e até nações. É o esporte, portanto, visto nas *entrelinhas*, como um pano de fundo para falar do homem, de suas aflições, fragilidades, dores, sentimentos, alegrias, etc.

### **3.5 O futebol de poesia de Nelson Rodrigues**

Nelson transgredia o registro do circunstancial com o intuito de escapar da ordem do real. Imbuído de um tom lírico e dramático, e fazendo uso de adjetivações valorativas diversas e recursos linguísticos, tais como metáforas, metonímias, ironias e hipérboles, o cronista ressignificava as leituras objetivas e analíticas sobre o futebol dos periódicos da época, trazendo modos diferentes de enxergar o jogo e o ambiente dos estádios. Para ele, “[...] muitas vezes, o que importa é o que o placar não diz, o que o placar não confessa” (RODRIGUES, 2007a, p. 186).

Além da sua narrativa trágica e hiperbólica, Nelson Rodrigues ganhou notoriedade pela criação de expressões e personagens que se tornariam clássicos pela sua singular maneira de ficcionalizar os relatos e ao descrever os objetos que vivenciava por relações de

intertextualidade, recorrendo, sobretudo, ao cânone literário mundial para fundamentar e suscitar suas opiniões fervorosas. Por meio de elementos ficcionalizantes e recursos intertextuais no plano do enunciado, Nelson construía suas narrativas alicerçado em discursos de outros e de textos passados, mas sem perder a sua forma original e peculiar de se posicionar diante do mundo.

Seu modo ímpar de narrativa passional, despojada e subjetiva, portanto, era composto por uma abundância de estratégias narrativas que se tornaram alicerces fundamentais para que o seu texto fosse ficcionalmente produtivo e, além disso, servissem para moldar os acontecimentos vivenciados intensamente por ele como se fossem grandes mitos representativos da sociedade. As ironias, hipérboles, metonímias e metáforas vão compondo um cenário ficcionalizante de criação de personagens excelsos e míticos.

Em suas crônicas carregadas de muito sarcasmo, hipérboles e de referências mitológicas a deuses e entes sobrenaturais, Nelson buscava valorizar a figura humana e suas intempéries como sujeito etéreo no mundo pela via do drama. O que acontecia objetivamente no campo pouco importava. O mais importante era enxergar as coisas que saltavam a essa linguagem pragmática do futebol e fosse ao encontro do transcendental e do trágico. Por isso, suas crônicas eram verdadeiras sagas sobre glória, derrota, vitória, superação, queda, sacrifício, no qual os atores das “guerras” e “batalhas”, isto é, das partidas, eram os próprios jogadores travestidos de heróis e guerreiros gregos.

Marcelino Rodrigues da Silva (1997) reitera que as crônicas de Nelson configuram o futebol como um espaço de significação que cristaliza sentidos ao homem brasileiro e ao imaginário coletivo de nação que se formava na época, em que as ações dos jogadores eram mais importantes que o próprio jogo em si. Nelson canalizava as suas atenções na narrativa que se criava em torno daqueles 22 atletas durante o jogo, em que seus respectivos comportamentos vão lhes conferir atributos de caráter. Cada um dos homens tinha uma saga homérica de reviravoltas que, auxiliados pelos sobrenaturais, imprevisíveis e imponderáveis deuses do futebol, eram capazes, ora de simples jogadores se transformarem em mártires, ora de estrelas virarem odiados anti-heróis. De acordo com Jaime (2010), nas crônicas de Nelson,

[...] os seus personagens ganharam vida e gozaram de notoriedade mesmo após o imediatismo da partida. Muitos deles experimentaram a imortalidade pelas crônicas rodriguianas e triunfaram em virtudes que estão ocultas no desporto. Nelson modelou o homem de suas narrativas com a minúcia de um artesão, sem enxergar antes o atleta, o jogador, o desportista, o profissional, o trabalhador... a cada linha, ele descascou a criatura humana e mostrou que a partir do futebol – considerado uma mera e ingênua paixão – é possível atingir a alma, é possível abarcar toda uma dimensão de cultura. Nelson enxergou o que os profissionais da mesmice não

conseguiam, o que os “intelectuais” desprezaram, e subverteu não só a imagem que nos escancarava a cada texto, como a forma estilística – a fertilidade do discurso (JAIME, 2010, p. 47).

Marcelino Rodrigues da Silva (1997), também, ressalta, em sua pesquisa, que a noção de tragédia nas crônicas rodrigueanas é invertida se comparada à definição clássica do conceito preconizado por Aristóteles em *Poética*. Na obra do filósofo grego, a tragédia é considerada um gênero de imitação das ações humanas, pautada no mito, isto é, no conjunto desses atos, para se engendrar como um texto. Ao contrário de outras formas miméticas narrativas, como a epopeia e o drama, o gênero tragédia atinge a catarse ao suscitar o terror e a piedade nos espectadores, levando-os à purificação de suas emoções. No entanto, Silva diz que a lógica se inverte nas crônicas rodrigueanas. Se, na tragédia grega, o foco é o mito (o conjunto das ações), nos escritos de Nelson o mais importante para se chegar à catarse eram as próprias ações que se inscreviam na partida de futebol. Ou seja, mais fundamental que a trama, no caso, a partida em si, eram as atitudes dos jogadores no trato com a bola. Seus textos eram grandes odes à virulência, à bravura e à irreverência. Quanto mais caricatos e emblemáticos eram os jogadores em campo, mais Nelson observava-os, como o caso da “cusparada metafísica”<sup>21</sup> do flamenguista Dida que, aos olhos do cronista, teria evitado o gol de pênalti e o consequente empate da equipe do Canto do Rio. Ou seja, para Nelson, as ações mais transgressoras ao código linguístico do futebol eram dignas de serem enaltecidas nos relatos, ao contrário dos jornalistas objetivos das redações que tratavam tais atitudes como desprezíveis e antidesportivas.

Os pormenores táticos e técnicos envolvidos nos jogos pouco importavam a Nelson, mas o que valia, de fato, era observar as ações dos jogadores, todo o aspecto lúdico do futebol, o caráter humano, o mais ínfimo e ridículo detalhe, em suma, o que de menos relevante era aos olhos da grande imprensa. As jogadas inesperadas, as partidas imprevisíveis, os gols sobrenaturais eram interpretados, por ele, como componentes que se transformam com base no imponderável, em que a linguagem pragmática é incapaz de alcançar.

Ao observar para além do “óbvio ululante”, Nelson preferia dar ênfase aos caracteres humanos, tanto que a sua tradicional coluna “Meu personagem da semana” – cujos textos compuseram as compilações de *À sombra das chuteiras imortais* (1993) e *A pátria em chuteiras* (1994), organizadas por Ruy Castro – descrevia as qualidades desses homéricos personagens futebolísticos responsáveis pelo mito trágico. Muitas vezes, o cronista escolhia

---

<sup>21</sup> Trecho da crônica intitulada “Meu personagem da semana: a cusparada”, publicada em 9 de novembro de 1957 na *Manchete Esportiva*.

jogadores que foram protagonistas de grandes batalhas e exaltava as suas ações como potenciais representativos de vida.

Se a sua missão é fazer o leitor enxergar mais do que a mera factualidade, Nelson Rodrigues necessitou elaborar certas estratégias na materialidade de seu texto para criar uma relação íntima e empática entre ele e os seus “desconhecidos íntimos”, como apelidava os seus leitores. Repletas de paixão e emoção, suas palavras faziam o leitor experimentar o futebol para além das quatro linhas. A projeção de um universo imaginário, a fusão das vozes do narrador (sujeito do enunciado) e do autor (sujeito da enunciação), a (re)criação dos fatos ocorridos, como também a transformação de pessoas reais em personagens ficcionais foram recursos técnicos constantemente utilizados por Nelson.

Em suas crônicas, ele também recorria às técnicas intertextuais, ao citar escritores e obras canônicas da literatura para potencializar a dramatização de seus relatos e, principalmente, manter o tom de exagero. Tais estratégias enunciativas e discursivas são formas que o auxiliam em seu projeto de ficção, ao estimular a cabeça do leitor com criações imagéticas. Segundo Marques (2012), essas alusões e referências literárias distanciam a visão de Nelson do objeto relatado, seja do jogo de futebol, de um personagem, comportamento, situação, como também quebram o código linguístico, empregando outros significados, ao parodiá-lo. Ainda de acordo com Marques, “esses significados necessitam exatamente do ocultamento de seus significantes arcaicos e de suas sequências denotativas para então se sublimarem na hipérbole, na enunciação paródica” (MARQUES, 2012, p. 116).

Introduzido por Julia Kristeva, em 1966, o termo intertextualidade é postulado pela linguista como uma extensão do fenômeno do dialogismo bakhtiniano, pois, um texto, seja ele da ordem verbal, não verbal ou qualquer outra forma de sistema cultural para além do campo linguístico, não se encerra em si mesmo, pois é um espaço polissêmico que contém um intermitente cruzamento de vozes e enunciados concretos. É no texto como materialização da língua que os sentidos serão construídos e desconstruídos, e o próprio sujeito será formado socialmente. Como aponta Barthes, “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (BARTHES, 1994, p. 1683).

Assim como a ficção não se reduz ao universo da literatura, mas, sim, está presente em tudo que vemos e vivemos na sociedade, desde os desenhos animados da televisão e os filmes, a escola, igreja e a família, a intertextualidade também jaz nos mais variados campos

da cultura, tais como as artes, o cinema, a literatura, a música, e pode ser compreendida como um fenômeno linguístico determinante nas construções sociais.

Visto que há uma constante influência de processos de ficcionalização e incorporação de outros discursos no ato da fala, como também na elaboração de enunciados, a apreensão direta da realidade é ilusória, já que a nossa experiência de mundo é sempre apreendida semioticamente, por intermédio de outros discursos atravessados. Esse dialogismo se constituirá como a única possibilidade de leitura de tudo que vemos e apreendemos do mundo, e não é diferente ao lermos as crônicas rodrigueanas.

A crônica, sendo um gênero “monodialógico” como vimos anteriormente, traz uma relação íntima entre o autor e o leitor e suas constantes intertextualizações, e reitera a ideia de que cada texto é um mosaico de citações que absorvem outros textos (KRISTEVA, 1978). No caso de Nelson Rodrigues, as intertextualidades observadas em suas crônicas são construídas de maneira mais coloquial e leve possível, fazendo o uso de recursos imagéticos, metafóricos e metonímicos. A função desses movimentos intertextuais tem o intuito de endossar o enunciado, usando o texto do outro, como forma de apoio, promover um tipo de dramatização dos relatos e, também, de provocar um tom de exagero para legitimar o seu discurso hiperbólico e irônico. As alusões, referências e citações – utilizadas pelo dramaturgo – realçam a sua escrita hiperbólica e irônica na esteira contrária às narrativas engessadas do jornalismo puramente informativo.

Ontem, eu assisti a uma cena que me pareceu, salvo engano, uma pequena, incisiva e inefável lição de vida. Eis o episódio: – estava eu na esquina de Carioca com Uruguaiana. Fecha o sinal. Os homens estacam para o surdo escoamento de veículos. E, súbito, uma voz gaiata anuncia: – “Olha o rapa!”. O que houve, a seguir, foi um desses espasmos coletivos que só o Tolstói de *Guerra e paz* ousaria descrever (RODRIGUES, 2007b, p. 41, grifo nosso).<sup>22</sup>

Nesse exemplo, temos a presença de um dos principais escritores do cânone literário e de uma das obras clássicas mais importantes da literatura mundial. Na crônica “Rigoletto de lança-perfume”, Nelson Rodrigues faz menção, como diversas outras vezes em seus escritos, a Liev Tolstói. O cronista não escondia o seu apreço pelo escritor, tanto que também fazia referências constantes a outras obras do russo como o romance *Anna Karenina*. Nesse excerto, com o intuito de enfatizar a cena que vivenciou, ele se apoia na figura do grande escritor, em que só o Nelson seria capaz de descrever o acontecido. A hipérbole só surtirá

---

<sup>22</sup> Crônica intitulada “Rigoletto de lança-perfume”, publicada em 4 de fevereiro de 1956 na *Manchete Esportiva*.

efeito se o leitor já conhecer, mesmo que superficialmente, Tolstói ou o seu livro *Guerra e paz*.

E aqui pergunto: o que entende de alma um técnico de futebol? Não é um psicólogo, não é um psicanalista, não é nem mesmo um padre. Por exemplo: – no jogo Brasil x Uruguai entendo que um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco. Nos Estados Unidos, não há uma *Bovary*, uma *Karenina* que não passe, antes do adultério, no psicanalista. Pois bem: – teríamos sido campeões do mundo, naquele momento, se o escrete houvesse frequentado, previamente uns 5 anos, o seu psicanalista (RODRIGUES, 2007c, p. 66, grifo nosso).<sup>23</sup>

Na citação acima, Nelson recupera personagens literários icônicos como exemplos indubitáveis da importância das sessões de psicanálise. Em vez de ele enfatizar com alguma sentença hiperbólica, o cronista apenas cita duas importantes figuras fictícias do cânone literário como argumentos de autoridade na hora de falar sobre adultério. Tanto em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, como em *Anna Karenina*, de Liev Tolstói, há casos emblemáticos de traição. Ao referi-las intertextualmente, Nelson quer dizer que até mesmo as duas protagonistas dos livros teriam de passar por um encontro terapêutico antes de praticar o adultério.

Ainda a despeito desse caráter monodialógico e interacional das crônicas rodrigueanas, a forma de escrita lúdica, simples e coloquial permite uma troca de experiências com os leitores, ao compartilhar suas emoções mais profundas. As estratégias narrativas são criadas com o intuito de cultivar uma relação de confiança com o leitor, que vai construindo suas interpretações subjetivas. Fragmentária, sentimental, com reviravoltas e requintes de suspense para atizar a curiosidade nos próximos capítulos, as narrativas rodrigueanas se assemelham ao estilo folhetinesco.

Como parte da estratégia discursiva em dialogar com seus leitores, enfatizando o caráter oral do gênero crônica, Nelson fazia uso frequente da linguagem fática por meio de locuções, a exemplo de “amigos”, propondo uma conversa íntima com o leitor, e do uso da terceira pessoa do plural em suas reflexões filosóficas. Como Couto (2016) atenta,

[...] as crônicas possibilitam, por meio de narrativas específicas, fronteiriças, do ponto de vista cultural e híbrido, cunhar identidades coletivas em torno de temas diversos vinculados ao esporte e que, por ser um gênero quase instantâneo, constrói uma memória coletiva. Estas vinculações a um passado recente se identificam com as lembranças dos leitores, por meio da vivência e da experiência dos mesmos, e que, agora, poderiam ser acompanhados pela narrativa no jornal (COUTO, 2016, p. 85).

---

<sup>23</sup> Crônica intitulada “Freud no futebol”, publicada em de 7 de abril de 1956 na *Manchete Esportiva*.

Essas escolhas linguísticas do cronista, além de acentuar determinados efeitos de sentido ao seu texto, ratificam a proposição de uma relação ativa para com o leitor, convidando-o para o diálogo e a experiência narrada que foi vivida, pois, conforme bem ressalta Macedo (2009), Nelson quer

[...] o público imerso e emergindo da obra, transbordando nela – acredita que os personagens realizam “a miséria inconfessa de cada um de nós”; trata destas misérias como vontades humanas que a sociedade reprime, mas que devem, de alguma forma, serem satisfeitas: quando trazemos, para a cena, a ficção, ela funciona no sentido de amenizar vontades concentradas e dissimuladas do/no indivíduo ao mesmo tempo que as torna pulsantes. Para Nelson, essa necessidade de, de certa forma, aliviar tais vontades é o que conduz a maioria dos brasileiros aos seus às vezes nem tão aconchegantes sofás, onde compartilharão de vidas deveras alheias a sua, mas que, no fundo, estão muito próximas dele mesmo – dessas suas vontades, de forma que a ficção pode ser encarada como análoga ao sonho, em que afirmamos nossa necessidade de dissimulação (MACEDO, 2009, p. 371).

### **3.6 Copa de 1950: uma Hiroshima no projeto de nação**

Nas crônicas de Nelson Rodrigues, vemos o futebol como um dos retratos culturais representativos da nação, ao lado de outros elementos lúdicos que se constituíam no imaginário coletivo brasileiro, a exemplo do samba e do carnaval. Com o futebol em sua fase profissional, a conseqüente aceitação, já não mais tácita e, sim, explícita dos mulatos e negros, além da consolidação do posto de esporte mais popular e apaixonante do país, o escrete – termo que o cronista gostava de escrever ao se referir à seleção nacional – passou a simbolizar, desde então, toda a nação brasileira nas quatro linhas. Para o cronista, por meio do comportamento dos onze homens vestidos com o manto canarinho, em ação nos gramados, era possível deduzir, traçar e profetizar o destino venturoso ou trágico do Brasil. Foi assim que aconteceu na Copa do Mundo de 1950, um dos capítulos mais emblemáticos da história do futebol brasileiro e que marcou o início do drama épico do escrete até o alcance da glória, vinte anos depois, com a conquista do tricampeonato mundial.

Após um hiato de duas edições (1942 e 1946) sem o evento esportivo, devido à instabilidade político-econômica e as turbulentas conseqüências advindas da Segunda Guerra Mundial que assolou boa parte dos países do Velho Continente, o Brasil venceu a candidatura para sediar o quarto campeonato mundial de seleções em 25 de julho de 1946. O principal fator que motivou a escolha de um país não europeu a ser sede da Copa seguinte foi a preferência dos dirigentes da FIFA, organizadora do torneio e entidade máxima do futebol no



mundo, em escolher uma nação democrática, isto é, que não estivesse sob influência de um regime autoritário (FARRUGIA et al., 2013, p. 20). Brasil e Argentina chegaram a principiar uma disputa pelo posto, porém, pouco tempo depois, a FIFA descartaria o país *hermano*, na época, sob o jugo da família Perón. Todavia, por mais paradoxal que fosse, a instituição do Estado Novo, por Getúlio Vargas, nove anos antes, foi decisiva na escolha brasileira de sediar a Copa.

Em seu governo centralizador, Vargas se apoderou do esporte como um oportuno meio de controle de massas e propagação da ideologia de uma nação forte, disciplinada e resiliente perante às possíveis adversidades que poderiam acometer a nação. Apesar de o anúncio ter acontecido um ano após a renúncia de Vargas, o triunfo da sede era parte da estratégia política do Estado Novo, que, a exemplo de outros governos autoritários, como bem ressalta Zanin (2013), utilizava o futebol como massa de manobra e instrumento de prática ideológica nacionalista para conquistar a confiança do povo. Por intermédio do discurso em defesa ao esporte, Vargas construía um ideário comum de interesses mútuos, de união racial e harmonia entre classes sociais distintas. Segundo Farrugia et al (2013),

[o] futebol, que conquistava cada vez mais adeptos, tornou-se uma ferramenta importante de manipulação do regime varguista. Por meio do esporte, era possível controlar a população e inserir na cultura brasileira os conceitos de educação, disciplina e constante aperfeiçoamento. O principal objetivo de Vargas, neste âmbito, era o de criar uma nação forte e unida, que legitimasse o regime vigente e estivesse preparada, fisicamente, para as adversidades, como batalhas e guerras (FARRUGIA et al., 2013, p. 25).

Destarte, fixado pelo governo getulista como uma ferramenta unificadora e representativa da nação, o futebol tornou-se um elemento identitário da formação do caráter brasileiro e parte da construção de um ideal de brasilidade na fundação da identidade de nosso povo. O Estado nacional oportunamente se apoderou de um esporte popularizado e legítimo das massas como um elemento aglutinador de raças e classes, e, também, como síntese da capacidade e originalidade do brasileiro (BRINATI, 2014).

Os moldes da velha política do pão e circo já acontecera em anos anteriores, como na Itália de Benito Mussolini durante a Copa do Mundo de 1934, sediada no país, na qual o ditador enviou um telegrama aos jogadores da *Squadra Azzurra* às vésperas da final contra a Hungria, com a frase emblemática “vencer ou morrer”. Dois anos antes, o esporte já mostrara sinais de sua importância no quadro político na Alemanha de Adolf Hitler. O *Reich* fez uma intensa campanha pangermanista nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, incentivando os atletas alemães “arianos” a, qualquer custo, sobressaírem às demais nações. O resultado da

propaganda nazista surtiu efeito nas competições, já que conquistaram o maior número de medalhas, superando, inclusive, os Estados Unidos.

Para a Copa de 1950, um apoteótico estádio, com capacidade para mais de 150 mil pessoas, foi construído. O Maracanã, batizado anos depois, em 1968, de Jornalista Mário Filho – em homenagem ao irmão de Nelson que foi o principal incentivador do projeto –, sediou oito jogos daquela edição, incluindo a partida decisiva do quadrangular final, reunindo as seleções de Brasil e Uruguai. A surpreendente derrota por 2 a 1 para os vizinhos, diante de, aproximadamente, 200 mil brasileiros, episódio conhecido como *Maracanazo*, foi um choque para toda a nação. O futebol brasileiro – desde a sua popularização visto como um instrumento de agregação cultural, regenerador social e unificador de classes – sofria o primeiro grande abalo em sua história. Um revés que se tornou, indelevelmente, trágico aos olhos de Nelson Rodrigues, e uma inesgotável fonte de reflexões para os seus escritos. O cronista em questão, inclusive, foi a principal figura da imprensa esportiva brasileira a construir uma narrativa sobre o trauma, por intermédio de seu icônico estilo hiperbólico, contribuindo para a criação de um verdadeiro mito da derrota no imaginário do povo brasileiro.

Se, para o cronista, o escrete exprimia o caráter de toda a nação, a humilhação de 1950 foi uma derrota sem precedentes para o país e seu incipiente projeto de modernização e cristalização da ideia de identidade nacional, conforme aponta Roberto DaMatta (1982), no seu ensaio “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”.

Essa derrota no futebol tem um peso social muito grande e deve ser investigada de nossa perspectiva. Primeiro, ela é talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil. Porque implicou numa coletividade e trouxe uma visão solidária da perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir. O resultado foi uma busca incansável de explicações e responsabilidades para essa vergonhosa derrota (DAMATTA, 1982, p. 31).

A Copa de 1950 era a chance de o Brasil se projetar para o mundo como uma emergente e promissora potência, e aquela final, como Jô Soares relatou em *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*, “[...] não era um jogo de futebol, era a [...] afirmação do Brasil como primeiro em alguma coisa” (NOGUEIRA; SOARES; MUYLAERT, 1994, p. 69). No entanto, a derrota foi como uma morte simbólica em vida da nação brasileira. O decreto fatal de uma vã luta protagonizada por uma sociedade

autocondenada à mediocridade. De um país ainda recém-saído das amarras coloniais que se viu compelido a suportar sua inferioridade e aceitar o destino trágico que lhe esperava.

Munida de uma geração de craques, como Ademir, Zizinho, Juvenal, Barbosa e Bigode, com os países europeus ainda abalados em fase de reestruturação após as duas grandes guerras, o triunfo mundial inédito, em casa, parecia ser plenamente possível. A seleção brasileira fez jus às expectativas depositadas pela imprensa e torcida durante todo o torneio. Pela fase de grupos, foram vitórias categóricas contra México (4 a 0) e Iugoslávia (2 a 0), e um empate diante da Suíça (1 a 1). No quadrangular final, o escrete foi irrepreensível, aplicando 7 a 1 nos suecos e 6 a 1 nos espanhóis, assomando ao último jogo, invicto, precisando apenas de um empate para ser campeão em seu principal palco esportivo.

Tragédia consumada, o abatimento e a frustração de um título certo se transformaram em raiva e indignação. Minutos após o incrédulo resultado, o estádio era uma “pluralidade de solidões” (PERDIGÃO, 1986, p. 163). Parte da imprensa esportiva procurava culpados, e os alvos foram os mulatos e negros do time, como o goleiro Barbosa, “assassinado por um frango” (RODRIGUES, 1994d, p. 69)<sup>24</sup>, e o zagueiro Bigode, que sofreram até o resto de sua vida ao serem taxados de vilões, por, supostamente, terem falhado no segundo gol dos uruguaios, marcado por Ghiggia. Tal versão racial para a derrota foi postulada por Mário Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro* (1964), todavia, tem sido questionada pela historiografia contemporânea, por carecer de fontes para legitimar as suas afirmativas.



FIG. 1 – Recorte da repercussão do Maracanazo

<sup>24</sup> Na crônica intitulada “A eternidade de Barbosa”, publicada em 30 de maio de 1959 na *Manchete Esportiva*, com seu costumeiro tom hiperbólico, Nelson Rodrigues lembrou o emblemático gol de Ghiggia que deu o título mundial aos uruguaios.

<sup>25</sup> Recorte da repercussão do Maracanazo em um jornal impresso brasileiro da época (10.251: MEGA..., 2014).

Em *Dossiê 50*, resultado de um minucioso trabalho investigativo do repórter Geneton Moraes Neto (2013), que colheu depoimentos inéditos dos onze jogadores brasileiros, Barbosa se defendeu do estigma de único culpado: “Talvez tenha havido falha no nosso time, sim, mas falha de *conjunto* – não *individual*. Não se pode dizer que o culpado foi A, B ou C. Éramos 11 lá dentro do campo. Não éramos nem Barbosa, nem Bigode, nem Juvenal [...]” (NETO, 2013, p. 41, grifo nosso).

A derrota foi tão traumática para a nação que, após a Copa, o escrete abandonou o branco do uniforme com golas azuis, passando a aderir à camisa amarela e aos calções azuis. Depois da humilhação, dois dos três considerados culpados (Bigode e Juvenal) nunca mais atuaram pela seleção – apenas Barbosa defendeu as cores do país, pelo Sul-Americano de 1953, no Peru. Os onze titulares foram, praticamente, condenados ao esquecimento na época, já, que, apenas Bauer voltaria a disputar uma Copa do Mundo.

Segundo relatos contidos em *Anatomia de uma derrota* (1986), de Paulo Perdigão, uma das obras jornalísticas de referência sobre o trauma de 1950, um dos fatores preponderantes para a derrota foi a mudança de concentração às vésperas da decisão. De acordo com alguns jogadores, a Copa estava sendo usada como instrumento político para os candidatos à Presidência da República, uma vez que as campanhas para as eleições, marcadas para outubro, começaram dias antes do torneio. Os políticos queriam os jogadores por perto para se autopromoverem durante a realização da competição. A agitação política reverberou diretamente no ambiente futebolístico no dia 10 de julho, um dia após a goleada diante da Suécia, com a mudança da delegação e os atletas de uma casa isolada no Joá para as dependências do estádio São Januário. De acordo com Zizinho, o Brasil perdeu a Copa na mudança de ambiente: “[...] Nós estávamos numa casa muito tranquila e, do dia em que fomos para São Januário em diante, a partida com o Uruguai passou a não mais existir. São Januário passou a ser a sede da política nacional [...]” (PERDIGÃO, 1986, p. 72).

Além das críticas ao futebol dos mulatos e negros, por parte da imprensa, ainda se viu o questionamento do próprio caráter miscigenado do povo brasileiro, o mesmo citado nos estudos de historiadores e sociólogos da época, como Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (1933) e Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil* (1936), como criador de uma andrógina identidade nacional independente das antigas heranças europeias e influenciada por elementos indígenas e africanos. O pensamento recorrente da época apontava a derrota como decorrência de uma inexorável inferioridade cultural, fruto dessa mestiçagem racial, perante o estrangeiro. DaMatta (1982), também, reitera que uma parcela da imprensa

endossava o discurso de demonização da raça negra e da origem mestiça do povo brasileiro como fatores determinantes para a derrota.

O futebol de poesia, malandro, artístico, malemolente, peculiar dos brasileiros, outrora considerado como qualidades pungentes, passou a ser visto como os motivos determinantes que desencadearam a formação de um espírito fraco e preguiçoso, proveniente dessa cultura mestiça e “impura”. Em *À sombra das chuteiras imortais* (1993), livro organizado por Ruy Castro, que contém setenta crônicas escritas por Nelson Rodrigues para a *Manchete Esportiva* (de 1955 a 1959) e *O Globo* (a partir de 1962), que englobam desde a tragédia de 1950 até o tricampeonato de 1970, o cronista pernambucano retoma, em vários de seus textos, o dia da derrota. Em “O divino delinquente”, ele disse que a “experiência bíblica”, a tal “humilhação pior que a de Canudos” mostrara que o brasileiro era, inegavelmente, hábil com a bola no pé como nenhum outro estrangeiro, “[...] mas frouxo como homem” (RODRIGUES, 1993a, p. 102).

O “Waterloo dos trópicos”, como Paulo Perdigão apelidou a tragédia de 16 de julho, em *Anatomia de uma derrota* (1986), constituir-se-ia como a jornada mítica clássica do herói, nesse caso, a “pátria de chuteiras”. A Copa de 1950 foi o divisor de águas do futebol canarinho. Nelson, desde então, iniciou sua empreitada otimista defendendo, ferrenhamente, o potencial do homem brasileiro e a sua capacidade em se superar do “complexo de vira-latas”<sup>26</sup> que lhe tinham empossado. O espírito fraco dos brasileiros, fruto de sua origem mestiça, segundo a visão eugênica de muitos da época, era o que impedia a nação de encontrar a sua potência interior. Ironicamente, foi em virtude do mesmo estilo de futebol derrotado em 1950, resultante de uma cultura diversificada – alvo de críticas nas primeiras décadas do século XX, por impedir o avanço civilizatório e o consequente projeto de modernização do país –, que o Brasil alcançou o seu reconhecimento mundial no campo esportivo.

O futebol virtuoso, lúdico, criativo voltou a ser valorizado graças à posterior geração de craques negros, como os icônicos Pelé, Garrincha e Didi, recorrentemente enaltecidos nas crônicas de Nelson Rodrigues, por serem os principais responsáveis pela vitória de uma nação, em tese, inferior, e pela consequente superação do drama coletivo de uma “pátria de chuteiras” afundada pelo excesso de humildade e resignação.

---

<sup>26</sup> Termo cunhado por Nelson Rodrigues na crônica homônima “Complexo de vira-latas”, publicada em 31 de maio de 1958 na *Manchete Esportiva*. A expressão ficou popularmente conhecida para descrever a inferioridade acometida ao povo brasileiro diante do mundo.



27

FIG. 2 – O gol eternizado de Ghiggia

Com base em nossa “tragédia de Hiroshima”<sup>28</sup> que havia transformado um apoteótico estádio em uma “pluralidade de solidões” (PERDIGÃO, 1986, p. 163), iniciou-se uma saga épica do escrete em busca da redenção e cura de seu “vira-latismo”, e não havia melhor cenário político-econômico para isso do que na época. Nos anos de 1950, após a Copa, o Brasil vivia uma expectativa de florescimento com as políticas desenvolvimentistas impulsionadas desde o segundo governo de Getúlio Vargas e, na época, com o audacioso Plano de Metas de JK, cujo lema era desenvolver o país “50 anos em 5”. A construção de Brasília, o surgimento da Bossa Nova, do Cinema Novo brasileiro, bem como os avanços na industrialização nacional, sobretudo, no setor automobilístico, e a abertura ao capital internacional, eram sinais de um futuro venturoso para o país em diversos âmbitos. Com o futebol, retrato identitário da nação, não podia ser diferente. Havia todo um sentimento unísono e uma vontade compartilhada que moviam o país no caminho para a sua consagração.

Nos anos subsequentes à trágica derrota, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), até então, a entidade máxima do futebol brasileiro na época, posteriormente, extinta em 1979, foi influenciada pela esteira modernizante que o país atravessava, ao adotar medidas semelhantes ao governo no âmbito esportivo. Ao contrário do amadorismo visto nas preparações para as Copas de 1950 e 1954, João Havelange, presidente da CBD em 1958, articulou um planejamento mais profissional para o Mundial do mesmo ano, ao implantar

---

<sup>27</sup> O gol eternizado de Ghiggia que vilanizou Barbosa, Bigode e Juvenal e enterrou o sonho do, então, primeiro título mundial do escrete brasileiro (URUGUAI..., 2018).

<sup>28</sup> Mais uma das expressões hiperbólicas utilizadas por Nelson Rodrigues para descrever a derrota de 1950. O termo aparece na crônica intitulada “O drama das sete Copas”, publicada na revista *Realidade*, em junho de 1966.

métodos científicos, promover testes psicológicos a fim de fortalecer o aspecto emocional dos atletas e criar uma inédita comissão técnica com profissionais especializados – equipe médica, preparadores físicos, supervisores, psicológicos – à disposição dos jogadores do escrete.

Na época, os veículos de comunicação tornaram-se porta-vozes do projeto de modernização e do impulsionamento por mudanças, pois era justamente a imprensa que garantia a propagação das ideias de progresso advindas do Estado nacional. Como um exímio ufanista e patriótico que era, Nelson acreditava na superação e dizia que o ressurgimento só viria se o escrete, finalmente, solucionasse o seu problema de fé em si mesmo, como ele escreveu na crônica, “Complexo de vira-latas”, às vésperas do início da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Ao contrário do que se diziam da mestiçagem do Brasil, ele acreditava que o fracasso de 1950 aconteceu em decorrência do descrédito da nação sobre si mesma e de um consequente autoflagelamento.

Para ele, o brasileiro não podia jamais abdicar da sua essência de praticar um futebol vistoso, moleque, dionisíaco, para se adequar ao futebol prosaico, pragmático e normativo dos europeus, como se, imitando-os, fosse garantia de sucesso. Nas derrotas e nos fracassos, o que Nelson Rodrigues mais repudiava “[...] era a negação da nossa própria identidade, da nossa forma de jogar, da ‘narrativa’ própria do nosso futebol e a busca e a valorização de ‘narrativas’ importadas, o denominado ‘futebol-força’” (SANTOS e BORGES, 2012, p. 69).

Autêntico defensor desse estilo poético de se jogar do brasileiro, Nelson chegou até a suscitar polêmica com seu amigo Armando Nogueira, que revelara, certa vez, uma admiração pela seleção húngara vice-campeã mundial de 1954. Desde a confissão do colega, Nelson passou a chamar o time do craque Ferenc Puskás e companhia de “a seleção do Armando Nogueira”.<sup>29</sup>

As vitórias em 1958, 1962 e 1970 confirmaram o otimismo de Nelson Rodrigues. O futebol moleque e dionisíaco, protagonizado pelos mulatos e negros, que havia frustrado a nação em 1950, provou a sua eficiência e passou a ser admirado pelo próprio povo como exemplo de orgulho e de superação. Vista, outrora, como inferior pela visão eugênica de brasileiros, a raça negra ressignificou a sua imagem perante a sociedade, ao tomar as rédeas da “vingança nacional”.<sup>30</sup> Garrincha e Pelé – figuras fundamentais para as conquistas do bi e do tri, respectivamente – salvaram a geração de Barbosa e Bigode de uma condenação eterna,

---

<sup>29</sup> A expressão é vista em uma das crônicas escritas após a eliminação na Copa do Mundo de 1966, intitulada “A vergonha”, publicada no *O Globo* em 20 de julho de 1966.

<sup>30</sup> Expressão usada por Roberto DaMatta em “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro” (1982, p. 33) ao descrever a função do futebol em seu cenário de consolidação como pátria.

e foram canonizados no imaginário popular como os principais heróis da história do futebol brasileiro.

Desde então, por décadas, o Brasil manteve o seu árduo e conquistado prestígio no âmbito futebolístico. O posto de a “pátria de chuteiras”, o vulgo “país do futebol”, e aquele preconizado futuro trágico traçado nas primeiras décadas do século XX, resultando na “maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (DAMATTA, 1982, p. 31), parecia ter sido, indubitavelmente, superado, sobretudo, após outras duas novas conquistas, em 1994 e 2002. Todavia, sessenta e quatro anos depois, o fatídico 8 de julho de 2014<sup>31</sup> abalou as estruturas do futebol brasileiro, suscitou novos questionamentos ao caráter nacional e ressuscitou o que Nelson Rodrigues sempre temeu: a maldição do vira-latismo.

---

<sup>31</sup> Essa data ficou popularmente conhecida no mundo do futebol como *Mineiraten*, em alusão ao *Maracanazo* de 1950. Nesse dia, a seleção canarinho perdeu de 7 a 1 para a Alemanha, no Estádio Mineirão, em partida válida pelas semifinais da Copa do Mundo de 2014, constituindo um novo capítulo dramático na história do futebol brasileiro.



## **4 O SEGUNDO TEMPO: o nascimento de um novo mito e a cruel realidade da crônica esportiva brasileira**

### **4.1 Política e futebol: as estratégias se repetem**

Durante a década de 1950, o Brasil, como observamos anteriormente, estava em franco processo de industrialização, com vias de se tornar uma nação moderna no que tange aos parâmetros neoliberais. Ainda, predominantemente, um país rural,<sup>32</sup> a Copa do Mundo de 1950 foi a oportunidade encontrada pelo governo federal para alavancar o seu projeto modernizante, além de mostrar, ao mundo, o potencial futebolístico do país e as incipientes marcas de pátria independente. Mais de seis décadas depois, o retorno da Copa do Mundo ao Brasil foi motivado por razões semelhantes àsquelas da primeira vez.

Conforme vimos no capítulo passado, o Brasil venceu o direito de sediar, pela primeira vez, a Copa do Mundo, sobretudo, em função do frágil momento político-econômico que as nações europeias atravessavam após as duas Grandes Guerras Mundiais. Analogamente ao principal motivo de 1950, a história se repetiu em 2014, com a escolha sendo oficializada em meio a um cenário global impactado pela grave crise econômica de 2008.

Se, nas Copas que sucederam ao *Maracanazo*, o Brasil lutou para superar a sua condição de vira-latismo no campo, a organização do Mundial de 2014 foi uma iniciativa, dessa vez, em termos macropolítico e econômico, de superação da condição de inferioridade perante as nações mais desenvolvidas. Soberano, com cinco títulos de campeão do mundo, o Brasil já não precisava provar a sua tradição inventada e capacidade técnica no âmbito esportivo. Ser hexacampeão em casa, superando o trauma de 1950, configurava-se como um objetivo relevante para as pretensões do país, mas a principal intenção em ser sede do Mundial tinha claros contornos extracampo.

De acordo com Ferreira (2014), as escolhas por países em potencial desenvolvimento econômico para sediar Copa do Mundo e Olimpíadas, decorrem do fato de as instâncias governamentais – dessas nações em crescimento – serem mais, facilmente, seduzidas pelo grande capital, propiciando maiores lucros às entidades organizadoras, por meio de isenções fiscais e leis de exceção. Nos últimos dez anos, países emergentes promoveram grandes

---

<sup>32</sup> Dos 50 milhões de brasileiros estimados, somente um quinto vivia nas cidades urbanas, de acordo com dados de NOVAIS, F. A.; MELLO, J. M. C. apud SCHWARCZ, L. M. (Org.), 2002, p. 574.

eventos esportivos a fim de se projetarem internacionalmente, como aconteceu nas Olimpíadas de Pequim na China (2008), e no Brasil (2016); nos Jogos da Commonwealth na Índia (2012); e nas Copas do Mundo da África do Sul (2010), em nosso país (2014), Rússia (2018) e, possivelmente, Catar (2022).

Destarte, o papel estratégico brasileiro, em sediar os dois megaeventos<sup>33</sup>, era de provar, para o cenário mundial, a sua consolidação como país em franco desenvolvimento, tal como as demais nações que formam o grupo político de cooperação BRICS (Rússia, Índia, China e África do Sul), tornando o Brasil um espaço atrativo tanto para grandes investimentos externos quanto para variadas esferas da economia interna – construção civil, hotelaria, transporte, turismo, mercado imobiliário, gastronomia, entre outros. No que tange ao âmbito político, a Copa tornou-se um aliado do governo federal na crença em obter o apoio das massas, com o surgimento de um evento que envolve um esporte de apelo popular, apesar da já arrefecida imagem do futebol brasileiro como uma paixão nacional que fora décadas atrás.

Com relação aos esforços do Estado brasileiro em sediar os dois magnânimos eventos esportivos, Ferreira reitera que

[o] empenho do presidente Lula na candidatura para a Copa e as Olimpíadas diz muito sobre o papel estratégico desses eventos para a imagem de um país. Trata-se de posicionar-se no capitalismo financeiro global como um “bom lugar para investimentos”. Internamente, em países com severas insuficiências de logística e infraestrutura e sedentos por investimentos que lhes permitam construí-las, esse discurso é facilmente apoiado pela opinião pública (FERREIRA, 2014, p. 12).

Em suma, acelerar, mais uma vez na história, o desenvolvimento do Brasil, com vistas em sua consolidação no rol das nações em emergência, era o principal objetivo quando o país se tornou sede da Copa em 30 de outubro de 2007 e das Olimpíadas em 2 de outubro de 2009. Uma medida nos moldes neoliberais, ao fortalecer e concentrar o capital na iniciativa privada para pesados investimentos na infraestrutura do país, propiciando um *boom* de mercado em variados setores.

Conforme Chade (2014) ressalta, em *A Copa como ela é: a história de dez anos de preparação para a Copa do Mundo de 2014*,

[n]ão restam dúvidas hoje de que a escolha do Brasil como sede foi, acima de tudo, uma definição política e resultado de um acordo e de barganhas que impediram que o país sequer enfrentasse um concorrente para sediar o maior evento coletivo da

---

<sup>33</sup> O termo tornou-se comum na imprensa brasileira e, para fins semânticos, será utilizado neste trabalho como sinônimo de “grandes eventos”.

sociedade moderna e o torneio mais cobiçado do mundo do esporte (CHADE, 2014, p. 21).

Durante a Copa do Mundo de 2014, vimos a interferência da FIFA na política interna, instituindo leis de exceção e exigindo maciços investimentos nas construções de obras astronômicas, sob o falacioso discurso de estarem propiciando um legado ao povo brasileiro. Intervenções que custaram o teto de inúmeras famílias marginalizadas e, no caso dos estádios, foram constatados, posteriormente, gastos superfaturados, conforme o minucioso levantamento de dados apurado por Chade (2014).

Em seu livro, *O Brasil dança com o diabo*, Zirin (2014) ressalta o interesse das entidades esportivas organizadoras dos megaeventos de se enriquecerem às custas dos países-sede em desenvolvimento.

Os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo e outros megaeventos ofereceram, ao longo dos últimos trinta anos, algo que não poderia ser encontrado na ponta de um cassete militar: o consentimento das massas para os objetivos da política neoliberal. A cidade murada de Troia é a rede de segurança social, e o cavalo de Troia são os jogos que o povo no início se orgulhou em receber – até que os saqueadores do livre mercado desceram de seu estômago oco e começaram a se apoderar de seu naco de carne. Os países mudam, mas o cenário permanece o mesmo: a orgia de lucros e um paraíso fiscal para os patrocinadores e as empresas de segurança privada, os obscenos gastos públicos em novos estádios e, em seguida, os cortes brutais que recaem sobre as costas dos pobres quando a festa acaba (ZIRIN, 2014, p. 192).

A escolha por sediar a Copa do Mundo e, posteriormente, os Jogos Olímpicos, desagradou diferentes parcelas da população brasileira, culminando em uma onda de manifestações a partir de meados de 2013 que ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”. Em princípio, os protestos – liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL) que defendia a tarifa zero para o transporte coletivo – dirigiam suas forças em oposição ao aumento das tarifas de R\$ 3 para R\$ 3,20 dos ônibus, metrô e dos trens urbanos em São Paulo. No entanto, a indignação quanto à subida do preço das passagens se alastrou por outras capitais brasileiras, ganhando contornos de uma insatisfação nacional após o recrudescimento das ações policiais nas ruas.

Tendo como premissas básicas, a horizontalidade e o apartidarismo na organização, as marchas nacionais a favor da diminuição dos preços das passagens encontravam dificuldades de centralizar uma agenda precisa de reivindicações, pois não tinham um caráter político-ideológico definido. No início, os atos se restringiam à questão das tarifas do transporte coletivo e foram marcados por violento confronto entre os policiais e os manifestantes

considerados “baderneiros” e acusados de “perturbarem a ordem pública”. As ações, em sua maioria, truculentas da polícia, gerando inúmeros feridos durante os protestos, culminaram em uma forte comoção nacional que, por conseguinte, levou milhares de pessoas às ruas em repúdio às intervenções agressivas dos agentes, sobretudo, nas manifestações do dia 13 de junho, em São Paulo, quando o confronto atingiu o seu ápice, deixando centenas de protestantes feridos, segundo informações veiculadas pelo portal *O Globo* na época.<sup>34</sup>

Em sua segunda fase, as passeatas receberam ampla cobertura midiática e uma adesão maior de manifestantes em todo o país, desta vez, impulsionados por um intenso sentimento de reforma e bradando por novas exigências. Com a iminente chegada da Copa das Confederações e da Copa do Mundo no ano seguinte, a pauta de reivindicações se ampliou, adquirindo um novo caráter, ao suscitarem esclarecimentos acerca dos gastos desmedidos direcionados à organização dos bilionários megaeventos esportivos, como também clamarem pela criação de CPIs a fim de investigar os superfaturamentos das obras, além de outras questões políticas e sociais como as PEC 33 e 37, o fim da corrupção e temas como igualdade de gênero com a polêmica proposição da “cura gay”.

Nessa nova fase das passeatas, as ruas, conseqüentemente, foram ocupadas por diversos segmentos sociais e de orientações políticas distintas, o que desencadeou uma peculiar miscelânea ideológica com a presença maciça de manifestantes de centro, esquerda e direita. O cenário difuso de 2013 se mostrou contrário ao da polarização vista, por exemplo, nas manifestações de 2014 e 2015 em meio ao contexto de indefinição presidencial. Nessa época, os protestos estiveram divididos entre os verde-amarelos do antipetismo e pró-impeachment da então presidenta Dilma Rousseff – em sua considerável maioria composta por uma classe média alta e elite brancas de históricos privilégios sociais, defensores dos “bons costumes” e de um determinado comportamento moral e ético – e, do outro, por uma parcela, cujos ideais políticos se dirigem para um coletivo, ao defenderem os direitos dos desfavorecidos pelo *status quo*. Esses mesmos grupos historicamente marginalizados pelas injustiças decorrentes do sistema capitalista se opuseram, fervorosamente, à deposição de Dilma, alegando golpe de Estado, como também à posterior gestão conservadora do governo de Michel Temer.

Se, por um lado, governantes, investidores e setores da indústria apoiavam a Copa do Mundo como oportunidade única para fortalecer o país no cenário global sob o discurso da

---

<sup>34</sup> Segundo apuração da referida reportagem do portal *O Globo*, alguns jornalistas que cobriam os atos também foram feridos, e a Polícia Militar deteve mais de 230 manifestantes para averiguação. Disponível em: <<https://goo.gl/t9iVKm>>.

modernização urbana e enxergavam o torneio como uma valiosa marca (*branding*) capaz de atrair o capital internacional, por outro, milhares de pessoas protestavam nas ruas, de diferentes formas, questionando os gastos deliberados com o megaevento, a falta de transparência e a má gestão no uso do cofre público. Respalado pelo ambiente de insatisfação generalizada, o movimento “não vai ter Copa” acusava os governantes e a iniciativa privada de realizarem obras superfaturadas, principalmente, no investimento das novas arenas, com financiamento de dinheiro público, para se adequarem ao “padrão FIFA” de qualidade, secundarizando precisos investimentos em setores primordiais, como saúde e educação.

Apesar de os protestos anticopa terem sido apoiados por grupos que se mobilizavam a favor dos Direitos Humanos, da igualdade de gênero e raças, do fim da violência contra a mulher, entre outras pautas de viés social, em contrapartida, as passeatas eram alavancadas por interesses políticos, sobretudo, de uma camada populacional do país, majoritariamente, de alto poder aquisitivo, resistente às mudanças sociais e defensora da manutenção de privilégios nas mãos de uma minoria. Essas forças reacionárias se utilizavam das manifestações em “[...] um esforço oportunista barato para desviar a atenção do frenesi corporativo [...]” (ZIRIN, 2014, p. 193), alegando estarem protestando contra os gastos desmedidos do governo federal, todavia, tinham a real pretensão de questionarem a política pública do Partido dos Trabalhadores e, conseqüentemente, desgastar a imagem da legenda, visando às eleições presidenciais de outubro. A heterogenia das pautas, nesta segunda fase das manifestações, abarcava até grupos de extrema direita, que pediam intervenção militar e propagavam ideias fascistas, bem como de fanáticos religiosos preocupados em deslegitimar as causas de grupos minoritários, ao tratarem, por exemplo, a homossexualidade como doença.

Frases em cartazes, tais como “O gigante acordou”, “Queremos hospitais padrão FIFA” e “Da Copa eu abro mão, quero dinheiro para saúde e educação”, foram cenas corriqueiras nas ruas e nas arquibancadas dos estádios durante os jogos da Copa das Confederações. É curioso notar que essa mesma parcela da população que clamava por uma melhoria sistemática da saúde pública e pelo desenvolvimento do ensino pedagógico no país, em detrimento dos gastos direcionados aos megaeventos, muito, provavelmente, não vivenciou a precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS) e, portanto, não sofreu na pele com o sucateamento dos hospitais públicos por pertencer à outra realidade socioeconômica.

Além disso, trata-se de um segmento da sociedade que, comumente, opõe-se a medidas que visem à democratização do acesso ao ensino superior e à redução da

desigualdade social, a exemplo do sistema de cotas em instituições públicas e privadas, tema de acalorados debates. As pessoas que, de fato, necessitavam de “qualidade padrão FIFA” em setores como saúde e educação, nem sequer tinham acesso aos estádios, em virtude dos elevados preços de ingressos que tornavam inacessíveis as partidas, e pelo fato de os megaeventos terem um caráter, economicamente, seletivo, restrito aos estrangeiros e brasileiros com poder aquisitivo condizentes com o padrão.

No dia 17 de junho de 2013, dois dias depois da abertura da Copa das Confederações, o, então, ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmara inoportunamente que “futebol e política não se misturam”, em evidente alusão à crônica rodrigueana, “À sombra dos criolões em flor”, publicada em 1969, no jornal *O Globo*, e reproduzida no livro *À sombra das chuteiras imortais*. Na ocasião, em outro contexto bem distinto, Nelson Rodrigues criticara o comportamento da torcida brasileira e da mídia, que tinham o hábito de diminuir os feitos do escrete.

Destarte, o contexto de insurgência social, mesmo que insuficiente na missão de boicotar o megaevento, trouxe, à tona, uma imagem de Brasil diferente do já desgastado estereótipo de “país do futebol”, ao evidenciar as fragilidades de uma sociedade entremeada por conflitos sociais e políticos. Campos (2015) reitera que a principal herança da Copa do Mundo de 2014 ao país foi essa intensa politização gerada pelos protestos aos gastos e à organização da Copa.

A particularidade desta copa foi a expressão da política em uma chave democrática [...] As demandas das ruas calçaram chuteiras ao estabelecerem como parâmetro os gastos com a organização da copa e o propalado padrão FIFA. Ao mesmo tempo, fortaleceu-se a percepção coletiva de que uma extensa lista de responsabilidades – atrasos nas obras de infraestrutura e mobilidade urbana, problemas na construção dos estádios e o desperdício da janela de oportunidades – deveria ser atribuída ao governo federal. Percepção bastante distorcida porque tais responsabilidades mereceriam ser repartidas com governantes estaduais e municipais de muitas siglas partidárias, inclusive do campo oposicionista (CAMPOS, 2015, p. 37).

De fato, o Mundial não só contou com dinheiro público, como também isenção fiscal e a promulgação de leis de exceção a fim conceder privilégios à FIFA. Segundo dados revelados por Chade (2014), dos doze estádios utilizados na Copa, nove foram bancados por governos estaduais que fizeram empréstimos nos cofres da União. Os empréstimos concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) poderiam atingir até 75% do custo total dos investimentos nos estádios, e a empreiteira, ou o governo estadual responsável, teria um prazo de doze anos para pagar os financiamentos a taxas de juros bem baixas. Ao

final da preparação para o megaevento, estima-se que os estádios teriam custado três vezes mais do que a CBF informara à FIFA, na época da candidatura, em 2007.

Comparando com a organização em torno da Copa de 1950, o cenário foi outro. De acordo com Chade (2014), a edição de 2014 totalizou um custo de 28 bilhões de reais – um valor bem inferior comparado aos 437,5 milhões de reais despendidos em 1950.<sup>35</sup> Seis décadas atrás, o torneio mal contava com patrocinadores, direitos televisivos milionários, diversos contratos publicitários, um mercado sedento por produtos ou investimentos maciços em obras de mobilidade urbana. Além disso, o nível de exigência pela FIFA era menor na época, tanto que só houve dois estádios construídos após o anúncio – o Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Independência, em Belo Horizonte – e outros quatro reformados, ao contrário da última edição em que sete arenas foram erguidas e cinco estádios revitalizados.



36

FIG. 3 – Mineirão lotado durante o jogo entre Costa Rica 0 x 0 Inglaterra

#### 4.2 Copa de 2014: uma nova hecatombe abala as estruturas

Às vésperas da Copa de 1950, a imprensa esportiva brasileira funcionava como uma porta-voz do constructo ideológico, paulatinamente, orquestrado, anos atrás, durante a

---

<sup>35</sup> Os valores relacionados ao Mundial de 1950 estão contidos no livro *1950: o preço de uma Copa*. Para se aproximar dos números exatos, os pesquisadores consideraram o salário mínimo vigente, entre dezembro de 1943 e janeiro de 1952, de 380 cruzeiros como referência na conversão monetária para a moeda real.

<sup>36</sup> O duelo aconteceu no dia 24 de junho e terminou em 0 a 0. Foi o último jogo sediado no Mineirão pela primeira fase e contou com a presença de 57.823 pagantes. Posteriormente, o estádio recebeu a seleção brasileira nas oitavas de final, diante do Chile, e no fatídico 7 a 1, nas semifinais. Crédito da foto: Gabriel Gama/Arquivo pessoal.

primeira gestão do governo getulista – mandato de caráter autoritário e centralizador entre 1937 e 1945, conhecido como Estado Novo. Parte preponderante, no projeto de modernização de um país ainda incipiente na política republicana, a mídia era responsável pela propagação do famigerado discurso patriótico e otimista. Munido de uma geração talentosa e anfitriã de um evento esportivo mundial, o futebol brasileiro se tornou o centro das atenções dos jornais impressos e das rádios, que passaram a assumir um posicionamento de euforia e confiança pela vitória inédita daquele potencial escrete.

Ao contrário do otimismo exacerbado disseminado pela mídia naquela época, o contexto em 2014 se mostrou bem distinto. Fora de campo, o clima era de apreensão diante dos atrasos nas obras e a incerteza acerca da capacidade dos brasileiros de organizar um grande evento. Nas quatro linhas, mesmo hegemônica com cinco títulos mundiais e há tempos consagrada no cenário global, a seleção brasileira chegava para a sua segunda Copa no país, ainda sob desconfiança e cercada de pessimismo.

O futebol pragmático do time de Felipão não entusiasmava a imprensa, que, por sua vez, preferia enaltecer o potencial técnico de outras rivais, como a, então, campeã Espanha, a tradicional Alemanha e a vizinha Argentina. As contestações a respeito da qualidade técnica do escrete diminuíram quando a seleção derrotou os espanhóis, por 3 a 0, na final da Copa das Confederações – tradicional torneio realizado no ano anterior ao Mundial, que reúne as seleções campeãs continentais, a detentora do título mundial e algumas convidadas. Após o título brasileiro, o ceticismo, por parte da mídia quanto ao desempenho no Mundial, cedeu lugar a um sentimento de tensão quanto ao cumprimento dos prazos impostos pela FIFA e a capacidade ou não do país em se organizar, coletivamente, para receber o megaevento.

Sob a batuta do craque Neymar, o escrete brasileiro estreou na Copa de 2014 contra a Croácia, em São Paulo, com vitória por 3 a 1. Sem quaisquer sustos, a seleção canarinho se classificou em primeiro lugar do grupo A, após um segundo jogo sem gols com o México, em Fortaleza, e um triunfo diante do Camarões, por 4 a 1, em duelo realizado na cidade de Brasília. Cinco dias depois, no Mineirão, o Brasil venceria, em uma partida com requintes dramáticos, a seleção chilena nas oitavas de final, por 3 a 2 nos pênaltis, após empate no tempo regulamentar em 1 a 1.

Mesmo sem convencer dentro de campo com atuações vistosas que dignificassem o tradicional estilo malemolente de se jogar bola do brasileiro, a seleção seguia avançando no torneio. Pelas quartas de final, em Fortaleza, os canarinhos enfrentaram mais um rival sul-americano, a Colômbia. O Brasil venceu o duelo por 2 a 1, no entanto, a classificação para



semifinais foi ofuscada pela inesperada lesão de seu craque Neymar. Se antes do início da Copa, já havia um ceticismo da imprensa com relação à participação do escrete, sem o principal jogador diante dos alemães, a desconfiança aumentou.

Nos dias que antecederam à disputa em Belo Horizonte, era comum ver comentaristas enaltecendo a qualidade do futebol dos europeus nas bancadas esportivas em programas televisivos e radiofônicos. Para uma considerável parcela da mídia esportiva e dos torcedores, o revés de nosso escrete parecia iminente, mas o que poucos imaginavam era uma derrota da magnitude que se construiu diante de mais de 58 mil pessoas presentes no estádio Mineirão naquele fim de tarde de terça-feira, 8 de julho de 2014. O 7 a 1 sofrido para os alemães foi a maior derrota da seleção brasileira em Copas do Mundo e a pior de uma anfitriã em todas as edições do torneio, além de ter sido o quinto revés com o placar mais elástico sofrido por um país na história da competição.



37

FIG. 4 – Torcedores ironizam a seleção brasileira minutos após o 7 a 1

O indelével vexame, inevitavelmente, reacendeu o trauma de 1950 e, poucos minutos após o término da partida, diversos portais de notícias faziam referências, em suas manchetes, ao *Maracanazo*, como o portal *Estadão* do jornal *O Estado de S. Paulo*, que descreveu a derrota brasileira como “a maior em sua história de 100 anos”<sup>38</sup>, e o site da rede televisiva

<sup>37</sup> Exerci a função de repórter esportivo para o jornal *Estado de S. Paulo* durante a Copa do Mundo. No dia do 7 a 1, fiquei responsável pela cobertura jornalística na região da Savassi, em Belo Horizonte, e entrevistei estes torcedores minutos depois do fim da partida. Crédito da foto: Gabriel Gama/Arquivo pessoal.

<sup>38</sup> Ver notícia em: <<https://goo.gl/tvRoqi>>.

paga *ESPN Brasil* que intitulou a sua matéria com “Maracanazo foi trágico, ‘Minerazo’, a maior vergonha do Brasil”.<sup>39</sup>

A repercussão nos jornais impressos do dia seguinte foi semelhante. A capa mais emblemática foi a do polêmico periódico carioca *Meia Hora*, conhecido por sua linha editorial sarcástica e ácida, que optou por um fundo preto ocupando toda a página, acompanhado do título, “Não vai ter capa”, e seguido do subtítulo logo abaixo: “Hoje não dá para fazer graça, a gente ficou com vergonha. Amanhã nós voltamos”. O jornal *Extra*, também do Rio de Janeiro, fez uma alusão direta ao escrete derrotado em 1950, “parabenizando” os jogadores da época por terem mostrado o que era “vexame de verdade”, ou seja, de que o 7 a 1 foi mais humilhante que o revés sofrido para os uruguaiois no Maracanã.



FIG. 5 – Capa do Jornal *Meia Hora*

Em outro recorte de comparação a 1950, o *Diário de Pernambuco* estampou, na capa, a imagem do gol sofrido por Ghiggia, com a manchete, “Barbosa, descanse em paz”, em referência ao icônico goleiro, um dos supostos culpados pelo 2 a 1. Como se pode observar, as recorrências à tragédia de 1950 foram estratégias editoriais utilizadas pela mídia esportiva da época a fim de ressaltar a dramatização do novo acontecimento, criando um clima de

<sup>39</sup> Ver notícia em: <<https://goo.gl/wn4xeW>>.

<sup>40</sup> Essa capa de jornal do *Meia Hora* foi vencedora da edição de 2014 do Prêmio Esso Especial de Primeira Página (HUMILHAÇÃO..., 2015).

colapso e horror com manchetes sensacionalistas, absolutas, e textos em que predominavam adjetivos de grau para dimensionar a queda.

Apesar das magnânimas consequências e reflexões decorrentes do superlativo golpe sofrido pelo escrete, é possível estabelecer uma distinção entre as duas derrotas no que tange às suas ressonâncias ao futebol e à nação brasileira. Por mais que tenha se configurado como um vexame nacional, tal como o fatídico 7 a 1, o *Maracanazo* guarda um peso diferente, visto que o contexto do futebol brasileiro, em meados do século XX, não era de um país hegemônico e reconhecido mundialmente no esporte, como em 2014. O Brasil já conquistara alguns títulos em âmbito sul-americano antes de 1950, como as extintas Copas Rio Branco (1931, 1932, 1947 e 1950) e Roca (1914, 1922 e 1945), além do antigo formato da Copa América, o então, Sul-Americano (1919, 1922 e 1949), todavia ainda buscava uma afirmação internacional – o máximo que conquistara foi um terceiro lugar na Copa do Mundo de 1938.

Como Leda Costa (2016) ressaltou em seu estudo de caso,

[...] A memória da derrota de 1950 teve sua construção iniciada após o jogo Brasil 1 x Uruguai 2, mas somente firmou lugar com o passar do tempo, com a sequência das Copas e não imediatamente após a partida. Portanto, concluir que o 7 a 1 conseguiu superar a derrota de 1950 como foi proposto por considerável parcela da imprensa é uma leitura precipitada e que somente se justifica pela ânsia por manchetes marcadas pelo excesso (COSTA, 2016, p. 145).

A diferença na formação da memória coletiva nas duas situações também se mostra pertinente quando observamos o comportamento da imprensa esportiva logo após as duas derrotas. Nos jornais de 1950, inevitavelmente, o inesperado revés foi evidenciado, todavia, outro foco de cobertura pôde ser notado. Em sintonia com as ambições do governo junto ao projeto modernizante na criação de uma nação forte, pungente e disciplinada, a imprensa esportiva fez um esforço para ressaltar o modo cívico e respeitoso dos torcedores presentes no Maracanã mesmo após serem derrotados na decisão, como ressalta Hollanda et al (2015):

Os meios de comunicação davam com frequência conselhos para o bom usufruto do espetáculo e manifestavam sua expectativa em face da conduta dos torcedores: o apoio patriótico e incondicional à Seleção Brasileira e o “bom comportamento” nas arquibancadas, mediante atos civilizados e exemplares (HOLLANDA et al., 2015, p. 69).

Além disso, ao contrário das manchetes hiperbólicas, satíricas e até mesmo em tom ridicularizante, vistas posteriormente ao 7 a 1, os jornais esportivos, nos dias seguintes à derrota de 1950, tentaram atenuar o impacto da perda do título, enfatizando a qualidade

técnica dos jogadores brasileiros, o bom futebol demonstrado no decorrer do torneio, o *fair-play* da torcida, além da boa imagem construída e disseminada mundo afora, a exemplo do destaque na capa do principal veículo esportivo da época, o *Jornal dos Sports*, dois dias depois: “Uruguai campeão de fato; mas Brasil, melhor *team* do mundo”.

A expectativa da imprensa esportiva brasileira antes da final de 1950 também era de um evidente otimismo pelo título e de confiança no potencial do escrete,<sup>41</sup> diferentemente de 2014, em que o sentimento de pessimismo pairava nos veículos midiáticos antes do duelo contra a Alemanha, sobretudo, após a lesão de Neymar. No primeiro Mundial no Brasil, o clima de “já ganhou” não acontecia somente na cobertura da imprensa esportiva. Fora dos gramados, a atmosfera de euforia era criada por políticos que já contavam com a vitória brasileira e até prometiam cargos e prêmios a alguns atletas às vésperas do derradeiro jogo.

Portanto, a ideia de tragédia na Copa do Mundo de 1950 foi sedimentada no imaginário brasileiro somente nas décadas seguintes à derrota, em vez do observado após o *Mineiraten*,<sup>42</sup> em que a memória coletiva sobre o acontecimento foi construída instantaneamente. Elcio Loureiro Cornelsen, no ensaio intitulado, “As imagens de um gol fatídico e seus mitos no imaginário da derrota”, contido na coletânea, *Em torno da imagem e da memória*, aponta o fato de a memória traumática relacionada ao *Maracanazo* ser de uma derrota que “já é passado, mas um ‘passado que não quer passar’, perpetuado por verdadeiros mitos de vitória heroica, no olhar dos uruguaios, e, respectivamente, de profunda derrota no olhar dos brasileiros” (CORNELSEN, 2016, p. 58). Ou seja, um tipo de narrativa trágica que foi sendo ressignificada, recapitulada, adquirindo uma condição mítica no decorrer das décadas.

Em pouco tempo, os sentimentos de indignação, perplexidade e até comicidade vieram à tona. Em meio a um cenário contemporâneo entremeado por diversos aparelhos de comunicação, o impacto da derrota, no imaginário do torcedor, tornou-se difuso. Se, na primeira derrota, a repercussão se restringia às opiniões dos cronistas, locutores de rádio e editorialistas de jornais, na segunda, o que marcou foi a pluralidade de vozes. Cada indivíduo

---

<sup>41</sup> Paulo Perdigão, em *Anatomia de uma derrota*, recupera manchetes de alguns periódicos da época que confirmam o sentimento de otimismo que cercava as redações dos jornais no dia em que antecedeu ao jogo contra os celestes. A *Gazeta Esportiva* escreveu em sua edição “Venceremos o Uruguai” (PERDIGÃO, 1986, p. 69). O mesmo ponto de vista esteve registrado na edição do *Diário Carioca* de 15 de julho: “Se os brasileiros jogarem como das outras vezes, não há dúvida, o Uruguai também será goleado [...] O futebol mundial tem novo senhor: chama-se Brasil o novo astro-rei do futebol. Amanhã, 200 mil pessoas assistirão à sua consagração” (PERDIGÃO, 1986, p. 69). E, também, na edição do mesmo jornal, no dia 16, cujo trecho era: “Os brasileiros prometem arrasar a Celeste. Todos são unânimes em acreditar na vitória” (PERDIGÃO, 1986, p. 69).

<sup>42</sup> Termo que ficou popular entre os torcedores e jornalistas em referência ao 7 a 1. O neologismo é uma alusão ao apelido *Maracanazo*, dado ao dia da derrota brasileira para os uruguaios em 1950.

brasileiro ressignificava a derrota à sua maneira. O resultado foi uma exposição de reações heterogêneas nas redes sociais, nos blogs especializados, nas bancadas esportivas em rádio e televisão, e em crônicas escritas por torcedores e jornalistas. Uma parcela considerável de brasileiros, em sua maioria, jovens, reavivou a eliminação, em tom de comédia no universo cibernético, fundando comunidades de humor com piadas irônicas e imagens parodísticas, criando inúmeros *memes*<sup>43</sup> que se popularizaram na época, além de expressões que se tornaram corriqueiras no vocabulário futebolístico brasileiro, tais como “7 a 1 foi pouco”, “Geração 7 a 1” e “Todo dia é um 7 a 1 diferente”.<sup>44</sup>

Por outro lado, outra parcela de fãs de futebol e analistas do esporte se manifestou em tom de revolta, indignação e vergonha diante da humilhação sofrida. Em uma crônica publicada no portal do *ESPN Brasil*, o, então, repórter da emissora e um dos mais prestigiados comentaristas esportivos do país, Paulo Vinícius Coelho, classificou o 8 de julho como a autópsia de uma derrota.<sup>45</sup> Em alusão ao livro de Perdígão (1986) sobre a Copa de 1950, *Anatomia de uma derrota*, o jornalista elencou uma série de evidentes fatores, como questões táticas, erros individuais e fragilidade emocional, que, reunidos, culminaram na maior goleada sofrida pela seleção em cem anos de história.

Em uma crônica veiculada em sua coluna hospedada na página de esportes do portal *UOL*, Juca Kfourri, outro consagrado comunicólogo do mundo esportivo, intitulou a derrota de “massacre” e descreveu o vexame como “um jogo de adulto contra crianças”.<sup>46</sup> O jornalista Antero Greco, em uma crônica publicada no portal do *Estadão* no dia seguinte, elencou algumas deficiências do futebol brasileiro como razões determinantes para a eliminação, tais como, o atraso tático em relação ao futebol praticado na Europa, a falta de investimento em categorias de base e a má administração de anos das entidades responsáveis pelo esporte no país.

No que tange à dimensão da derrota e aos impactos advindos dela, Greco utilizou termos como “surra”, “sova”, “atropelamento”, “desastre” e “lavada” como estratégias

---

<sup>43</sup> *Meme* (sing.) é um termo contemporâneo largamente utilizado no âmbito da internet. A expressão se refere a produções escritas e audiovisuais que se espalham rapidamente entre os usuários e ganham popularidade, em sua maioria, com tons cômicos e sarcásticos. Alguns *memes*, em referência à derrota para os alemães, estão disponíveis em: <<https://goo.gl/x7aktu>>.

<sup>44</sup> Na contramão das reações observadas em defesa ao escrete após a derrota para os uruguaios em 1950, pela imprensa, a Copa do Mundo de 2014 ficou marcada pelo humor sarcástico nas redes sociais, a exemplo da reprodução de trechos da narração de Galvão Bueno na Rede Globo de Televisão. Algumas frases proferidas pelo locutor durante a transmissão ao vivo, tais como, “E lá vêm eles de novo”, “Virou passeio”, “[...] Grande seleção contra um time de meninos”, se tornaram expressões populares no universo boleiro.

<sup>45</sup> Ver crônica, “Da anatomia de uma derrota à autópsia de uma campanha. O Brasil sofre a maior derrota em cem anos de seleção”, disponível em: <<https://goo.gl/ym8128>>.

<sup>46</sup> Ver crônica, “O massacre do Mineirão”, disponível em: <<https://goo.gl/A2SqWt>>.

linguísticas para hiperbolizar o seu discurso e despertar o interesse de seus leitores. O jornalista também fez referência à perda do título de 1950 como um trauma que já pode ser compreendido e esquecido, dada a proporção que foi o vexame nas semifinais da Copa de 2014.

Meu amigo, esqueça o *Maracanazo*. Há 64 anos, a derrota por 2 a 1 para o Uruguai, na partida de encerramento da Copa de 1950, era vista como episódio mais triste da seleção. Uma geração de jogadores de qualidade recebeu condenação popular por trair o sonho de título, então inédito para o País. Barbosa carregou até a morte a culpa pelos gols que decretaram aquele desastre. Pois o goleiro pode, enfim, descansar em paz, assim como todos os demais que viveram pesadelo diante de 200 mil torcedores atônitos. A equipe que entrou em campo, ontem, no Mineirão, resgatou, de maneira entortada, a memória deles, ao protagonizar a pior página da história de 100 anos de um escudo pentacampeão (GRECO, 2014, grifo nosso).<sup>47</sup>

Na contramão dos cronistas supracitados, o polêmico Xico Sá escreveu para o site da *Folha de S. Paulo*, à época,<sup>48</sup> bem aos moldes da escrita rodrigueana, ao empunhar frases de efeito, recorrer a técnicas de intertextualidade e explorar figuras de linguagem, que o sofrimento ocasionado pela derrota em 2014 foi menor que 1950 por mais elástico que o placar tenha sido. Em tom nostálgico, como é recorrentemente observado em discursos de comentaristas esportivos da velha guarda do jornalismo, Xico Sá argumentou dizendo que a paixão pelo futebol brasileiro não é mais a mesma que a de outrora e, por conseguinte, eventuais decepções geram menor grau de tristeza.

Nem se quiséssemos, por enviesado orgulho de testemunha ocular da história, 2014 seria igual a 1950. Não é mesmo. Nossa dor não é maior mesmo, sinto muito. *Never more*. Por mais que insista um cronista anacrônico como este que vos chora as pitangas na madrugada. Nada mais verdadeiro, sempre, do que a ideia de que os tempos são outros. Era um retrato na parede, Carlos, e como doía... É apenas um arquivo de *selfies* e como dói bem menos, digo, como passará bem mais rápido. Para o bem ou para o mal – mais para o bem, creio eu – não se chora tão intensamente e por tanto tempo como antigamente. Nem no amor e muito menos no futebol (SÁ, 2014, grifo nosso).

Seja qual tenha sido a reação, o que nos parece óbvio, ao perscrutar acerca das consequências dessa segunda tragédia histórica do esporte brasileiro, é a formação de uma nova aura mítica em torno de uma segunda derrota nacional, assim como acontecera em 1950. Pela primeira vez após o tricampeonato mundial que imortalizou a seleção canarinho nas páginas do futebol e afugentou as impressões iniciais de uma nação fadada ao fracasso, o

---

<sup>47</sup> O cronista inicia o texto de modo semelhante ao procedimento usual recorrente nas crônicas rodrigueanas, ao fazer o uso da locução “meu amigo” a fim de suscitar uma relação íntima com o leitor. Ver crônica, “1950 terminou em 8/7/2014”, em: <<https://goo.gl/HCEgky>>.

<sup>48</sup> Ver crônica, “Tristeza agora tem fim: 2014 está longe de ser 1950”, em: <<https://goo.gl/1a3RHd>>.

imaginário popular do futebol brasileiro sofria um forte abalo com o 7 a 1. O histórico revés trouxe à tona o desvelamento de um discurso, paulatinamente, orquestrado por autoridades, durante décadas, de uma seleção mística e soberana perante as demais.



FIG. 6 – Em atuação como repórter esportivo do *Estadão* no dia do jogo entre Bélgica e Argélia

#### 4.3 Maracanazo e Mineiraten: memórias afetivas nacionais

Pollak (1992), em *Memória e identidade nacional*, reforça a tese de Maurice Halbwachs (1990), ao posicionar a memória como um fenômeno coletivo e herdado, passível de constantes transformações à medida que se torna foco de disputa político-ideológica pela supremacia de um modo de narrá-la à luz dos interesses de determinados grupos sociais. Em meio à efervescência do paradigma positivista, os estudos historiográficos do século XIX, ao chafurdarem o passado, privilegiavam o uso de documentos escritos e informações oficiais por meio de um modo narrativo linear e progressivo, constituindo formas de enquadramento de memória. Tal método cientificista tendia a priorizar a versão narrativa dos grupos dominantes, isto é, dos algozes que desejavam tornarem-se senhores da memória e do

---

<sup>49</sup> O duelo terminou com vitórias dos belgas por 2 a 1 e contou com a presença de 56.800 torcedores. Crédito da foto: Gabriel Gama/Arquivo pessoal.

esquecimento ante os povos dominados (LEGOFF, 1992). A partir de meados do século passado, uma parcela dos estudos historiográficos – por influência das ideias pós-estruturalistas no campo da filosofia; das novas correntes literárias, tais como as teorias feministas e pós-coloniais, da psicologia lacaniana e do marxismo – abandonou a premissa das narrativas temporais para dar luz às vozes marginalizadas, cujas memórias foram silenciadas e enterradas pelas versões oficiais dos vencedores.

A Nova História e a Literatura Comparada voltaram-se para os estudos acerca da memória coletiva, ao valorizarem a história oral e darem ênfase aos relatos e testemunhos de grupos minoritários e reprimidos pela tradição. Nesse movimento de revisão do cânone e reconstrução das narrativas do passado, destacam-se, acerca do mito da derrota de 1950, os trabalhos de investigação de Perdigão (1986), em *Anatomia de uma derrota*, e Moraes Neto (2000), em *Dossiê 50*. Em ambas as pesquisas, o procedimento historiográfico adotado visou a recuperar as memórias individuais recalcadas dos excluídos, em que, Pollak (1989), no ensaio “Memória, Esquecimento, Silêncio”, denominou de “subterrâneas”. Marginalizados pela “memória oficial e nacional” da imprensa esportiva, de que eram os culpados pela derrota, em um dos poucos espaços de voz concedidos, jogadores como Barbosa, Juvenal e Bigode puderam exprimir, publicamente, os seus sofrimentos e terem o direito à voz.

Como aponta Kessel (2008), em *Memória e memória coletiva*, a memória é viva, mutável e sempre uma construção feita no presente com base nas experiências do passado. Partindo, destarte, do pressuposto teórico de que é, socialmente, construída, e de maneira consciente, ela torna-se uma ferramenta de fundamental importância para a construção de uma identidade, seja individual, de uma comunidade, seja de uma nação. Sendo o futebol uma tradição inventada no Brasil – embora tenha se popularizado no país, o esporte nasceu na Inglaterra –, a prática se tornou um eficiente instrumento estatal de unificação social e propagação de ideais patrióticos desde o seu princípio em terras tupiniquins. Nos primeiros anos do século XX, em sua fase amadora e elitista, como uma modalidade para fins pedagógicos, mais tarde, por meio da política populista do Estado Novo de Getúlio Vargas e do projeto nacional-desenvolvimentista dos anos de JK, e, recentemente, na estratégia petista, com a promoção dos megaeventos nos governos de Lula e Dilma Rousseff.

Representante do futebol nacional, o escrete passou a ocupar, naturalmente, o posto de uma memória afetiva comum a todos os cidadãos brasileiros, que, assim como outros símbolos patrióticos: a bandeira e o hino, têm a sua imagem zelada e perpetuada. Considerada, portanto, uma metonímia da nação, a seleção brasileira e o sentimento coletivo



que ela pode proporcionar têm sido, tradicionalmente, explorados por autoridades, sobretudo, em anos de Copas do Mundo. No capítulo anterior, vimos o rebuliço que o Mundial de 1950 causou meses antes da eleição presidencial de outubro que seria vencida por Getúlio Vargas, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) sobre os candidatos, Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional (UDN) e Cristiano Machado, do Partido Social Democrático (PSD). Às vésperas do jogo decisivo contra o Uruguai, políticos faziam campanhas na concentração do escrete, prometiam cargos públicos e prêmios aos jogadores. O técnico Flávio Costa, inclusive, chegou a se candidatar ao posto de deputado federal, embora não tenha sido eleito ao final.

Já vimos, no início deste capítulo, como futebol e política estiveram atrelados, também, na edição de 2014, em função das manifestações anticopa, sobretudo, nos meses que antecederam ao megaevento e, posteriormente, à desclassificação para a Alemanha, quando a pauta de reivindicações voltou à tona mesmo sem a força de outrora, suscitando questionamentos à política de gastos do governo de Dilma Rousseff. Apesar dos esforços da oposição em desgastar a imagem da presidenta, visando às eleições ao final de 2014, e contribuindo para o clima de ceticismo quanto à organização que se instalara com as Jornadas de Junho de 2013, nem o 7 a 1 e nem os protestos impediram a reeleição de Dilma. O fato reforçou a tese de que as eliminações da seleção em Copas do Mundo não influenciam diretamente no resultado das eleições para pleito presidencial do mesmo ano. Desde que foi aprovada a emenda da reeleição em 1997, ocorreram cinco Copas do Mundo. Em 1998, o Brasil foi derrotado na final e, mesmo assim, Fernando Henrique Cardoso foi reeleito. Quatro anos depois, o Brasil foi pentacampeão e a oposição venceu com Lula. Em 2006 e 2010, a seleção caiu nas quartas de final e a situação venceu nas duas oportunidades.

Após 1950, as manchetes veiculadas pela mídia, mais os discursos dos cronistas e outros líderes de opinião do âmbito esportivo da época, ajudaram a fundar o mito eterno do trauma. A imprensa foi, possivelmente, a principal responsável pela construção de uma memória coletiva em torno do futebol brasileiro e de sua seleção, controlando o que deveria ser lembrado e esquecido da derrota, e se assumindo como portadora representante de um *real*. Essa memória coletiva tratou de zelar por um sentimento comum entre a geração que viveu o trauma e as posteriores, constituindo um mito acerca do indelével acontecimento.

Ao contrário do vexame de 2014 mais vívido no imaginário de todos, devido à infinidade de aparatos tecnológicos que auxiliavam na transmissão das partidas, com câmeras sofisticadas em diversos ângulos e filmadoras que captavam os detalhes de cada no

imaginário de todos, em 1950 foi diferente. Em virtude dos poucos registros audiovisuais dos jogos da época, o que sobrou da decepção daquele Mundial foram as lembranças e os relatos imprecisos e, por vezes, contraditórios, de torcedores que testemunharam o evento. Como reitera Cornelsen:

As narrativas em torno do Brasil x Uruguai sofreram variações ao longo de décadas. Como bem aponta Thomas Brussig, “lembranças não se interessam pelo que ‘realmente’ foi. Elas iludem, enganam, adulam, ocultam”; “Recordar é sempre transfigurar, que caminha lado a lado com o ato de esquecer” (BRUSSIG, 1999, [s. p]). Portanto, a memória é lacunar, instável, sujeita a alterações e distorções tanto pela ação do tempo quanto pela ação traumática. O que nos parece óbvio, é que o passado não é recuperado pela memória para o presente, mas sim é no presente que se tem a chave para se rememorar o passado (CORNELSEN, 2016, p. 58).

Tanto o 7 a 1 como a derrota de 1950 configuram-se como memórias afetivas nacionais, pois são eventos, cujas diversas lembranças individuais se interagem, constituindo um conjunto de experiências e laços comuns que levam a uma memória social sobre o fato, ao reverberarem eternamente no imaginário coletivo até mesmo nas gerações que não estiveram diretamente envolvidas no acontecimento – como é o caso, por ora, da primeira derrota. Tais memórias coletivas revelam-se como fatores preponderantes na formação da identidade de um sujeito ou de um povo, como também exercem “[...] uma função importantíssima, tanto na preservação da experiência histórica acumulada, de valores e de tradições, como, em muitas situações, pretende ser depositária da própria história” (PADRÓS, 2001, p. 80).

Diante de duas derrotas separadas por seis décadas, todavia, igualmente, emblemáticas e responsáveis por culminar em consequências para além do esporte, é preciso lembrá-las para não serem esquecidas, ou esquecidas para não serem lembradas? As eternizadas capas dos jornais pós-derrota para o Uruguai, os infundáveis *memes* viralizados na internet em referência ao *Mineiratzen*, a famigerada foto do gol de Ghiggia, a narração (quase) folclórica de Galvão Bueno no 7 a 1, são recordações que permanecem vivas e constituem a memória coletiva da Nação sobre o seu escrete. O vexame de 1950 culminou na máxima rodrigueana de um complexo de vira-lata imanente à seleção brasileira, e a lembrança de tal condição de subserviência do país ao estrangeiro contribuiu para a própria redenção do Brasil com três títulos mundiais nos vinte anos seguintes. A lembrança, portanto, exerce a função de manter viva a memória coletiva e ser um ponto de referência para escrever o futuro.

Em contraponto à ideia de valorização da memória, Friedrich Nietzsche (2015), em *Genealogia da moral*, defendia a ideia do esquecimento como força inibidora ativa e positiva,

pois propicia um constante renovar-se e é desse recomeço que surge a possibilidade do novo. Segundo a tese do filósofo alemão e, conforme aponta Seligmann-Silva (2003), no ensaio “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”, a *verdade* não se encontra em sua acepção original de desvelar (*aletheia*, em grego), mas no sentido de esquecimento (*lete*).

[...] não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento [...] Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde forte, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer [...] (NIETZSCHE, 2015, p. 43).

#### **4.4 Em meio ao caos, ela respira**

Entre as décadas de 1950 e 1960, a crônica esportiva vivia o seu ápice, tanto em termos de produtividade como em capacidade criativa. O arroubo literário e a linguagem transgressora, aliando oralidade com requintes de ficção, dos irmãos Rodrigues, deixaram um legado com o surgimento de uma geração de novos cronistas contemporâneos, a exemplo de Antônio Prata, Luis Fernando Veríssimo, Ugo Giorgetti e Luiz Zanin.

Em meio à efervescência de um mundo contemporâneo globalizante, regido pela lógica do consumo, do imediatismo e do culto à obsolescência das coisas em prol de um estilo de vida materialista, os meios de comunicação foram, paulatinamente, adequando-se a um novo *modus operandi* de interpretar o mundo e os fenômenos da sociedade. Impulsionado pelo advento das novas tecnologias da era digital nas últimas décadas do século XX, os veículos de informação fundaram novos paradigmas na concepção de seu fazer jornalístico, sobretudo, com o surgimento do jornalismo *on-line* e suas idiosincrasias. Os jornais impressos, que, outrora, ao lado do rádio, detinham o poder da informação, foram perdendo espaço para a instantaneidade e o dinamismo da cobertura dos portais de notícias.

Diante de um tempo sem fronteiras, marcado pelas “relações humanas líquidas” (BAUMAN, 2001) – isto é, frágeis, facilmente substituíveis e superficiais em decorrência da rapidez e produtividade do mundo pós-moderno –, o jornalismo fugiu à sua gênese frutiva e criativa ao privilegiar um tipo de escrita cientificista e, excessivamente, objetiva. É nesse cenário pós-moderno frenético no qual os seres humanos, afogados em suas crises existenciais e angústias coletivas, vivem o paradoxo de estarem, ora hiperconectados, ora hipersolitários em meio ao mar de infindáveis informações, que gêneros textuais híbridos, próximos do fazer

artístico, como a crônica, têm perdido espaço nos meios de comunicação para o *hard news* e pela profusão de imagens subsidiadas por um cenário cada vez mais midiático.

No âmbito do jornalismo esportivo, a rapidez e a produtividade desse novo modo de escrita revolucionaram a dinâmica de trabalho dos repórteres. As clássicas crônicas esportivas dos cadernos de esportes, nos impressos, cederam espaço para uma rotina de trabalho pautada em uma cobertura diária e em tempo real dos clubes por setoristas especializados que frequentam, diariamente, os centros de treinamento, cuja produção se restringe à publicação de notícias, majoritariamente, curtas e superficiais. Grande parcela do trabalho dos jornalistas esportivos se delimita em temas como, escalções prováveis dos times nas partidas seguintes, possíveis ausências de jogadores em função de suspensão automática e lesões, informações de transferências de atletas, divulgação de resultados e classificação das competições, transcrição de entrevistas coletivas com técnicos, dirigentes e jogadores – em sua maioria das vezes formuladas com perguntas enfadonhas e respostas previsíveis e repetitivas – e, por fim, a escrita de relatos frios e objetivos dos jogos, evitando imprimir quaisquer emoções ao texto.

São cada vez mais raros os espaços que privilegiam uma crônica esportiva de cunho mais ficcional. Outra razão para a carência de boas histórias, da busca pelo extraordinário no ordinário, por parte da nova geração de jornalistas, jaz no fato de o futebol estar atrelado a um tempo marcado pelo negócio, pelo lucro, pela concentração de capital em grandes corporações e conglomerados, acarretando na perda do caráter lúdico do futebol. Uma notícia de uma transação milionária envolvendo um craque vale mais do que um caso esportivo ou de um lance, aparentemente, banal durante uma partida. O resultado do trabalho jornalístico, em meio a essa fase mercadológica do esporte, é a canalização dos esforços de apuração e redação em produzir notícias curtas e em privilegiar informações sucintas. Tal linha editorial mais objetiva e, supostamente, imparcial é de interesse de quem gere os meios de comunicação, pois se torna mais fácil a manutenção do controle, ao contrário do estilo autêntico, contestatório, ácido e espontâneo, característico da crônica.

Diante de um cenário de cobertura esportiva influenciado pelo fenômeno da mercantilização do futebol, os repórteres se preocupam mais com a exatidão, o detalhe das informações e a veracidade dos fatos do que em produzir textos com traços ficcionais e que apelem para o emocional. Os textos ufanistas e apaixonados dos tempos dos irmãos Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira cederam espaço para análises frias de pós-jogo, com matérias jornalísticas e artigos de opinião em que o futebol é visto estritamente como um espetáculo. As crônicas de outrora, ao aliar forma e conteúdo, estavam mais

próximas do literário, da ficção, da fantasia, e sugeriam um tipo de escrita engajada e sensível, pois traziam o olhar do outro, no caso do torcedor, como também tinham o potencial de despertar o interesse, mesmo daqueles que não acompanhavam o futebol. A mudança de perspectiva a favor dos “idiotas da objetividade” acarretou um panorama de escassa presença de “jornalistas literatos” na nova geração da imprensa esportiva, tanto que os principais escritores do gênero híbrido, atualmente, nem sequer são cronistas esportivos de profissão ou até mesmo jornalistas da área, a exemplo de Luis Fernando Veríssimo e Tostão.

Nem mesmo nomes renomados em atividade na imprensa esportiva, tais como Juca Kfourri, Mauro Cezar Pereira, Paulo Vinícius Coelho e Mauro Beting produzem uma crônica de cunho literário nos espaços semanais, publicada nos portais de notícias. Em geral, são colunas e editoriais que privilegiam a informação e, quando há algum grau de subjetividade ou que fuja, em certa medida, às regras do modelo norte-americano de jornalismo, o texto mais se assemelha a um artigo de opinião do que propriamente a uma crônica, ainda que tais jornalistas sejam livres para criar, ao contrário dos cronistas do passado que eram reféns dos espaços limitados nos cadernos esportivos dos jornais impressos. Em suma, são textos que se prendem a uma lógica argumentativa e “[...] encena também a objetividade. Não a objetividade empírica da notícia, mas a objetividade do mundo visto através de uma moldura racional” (SILVA, 1997, p. 29).

Se, antes, as crônicas futebolísticas despretensiosas em tom exagerado, cômico e sarcástico, que reuniam uma série de elementos ficcionalizantes, eram praticamente diárias, na atual imprensa esportiva está cada vez mais raro encontrar uma produção sistematizada de textos com esse viés. As autênticas crônicas esportivas tornaram-se espaçadas, pontuais, vez ou outra aparecendo com certa assiduidade no decorrer de eventos extraordinários, como as Olimpíadas e, sobretudo, a Copa do Mundo. Conforme salienta Brauner (2010), a paulatina mudança de paradigma no escrever cronístico do jornalismo esportivo se evidencia até na definição do nome do ofício. Os jornalistas ou literatos que mais se aproximam da autêntica crônica esportiva na atualidade são chamados de colunistas, enquanto o termo “crônica” está mais associado aos textos analíticos, frios e sintéticos de pré e pós-jogo, nos quais se relatam os lances da partida e as estatísticas, de maneira objetiva e sucinta.

Na contramão da nova tendência de cobertura da imprensa esportiva, há algumas exceções, em sua maioria de escritores independentes dos grandes portais de notícias, esportivos e dissociados dos principais veículos de comunicação, que saem da mesmice e buscam resgatar a emoção, alegria e malemolência da crônica em sua forma *sui generis*.

Ao perscrutar o que foi escrito a respeito do 7 a 1 no meio jornalístico *on-line*, a fim de encontrar crônicas que saíssem do pragmatismo, deparamos com espaçadas e minorias produções de colunistas e grupos de cronistas em blogs que não se limitavam a análises concretas, em reproduzir estatísticas dos jogos e comentar atuações individuais ou sistemas táticos das seleções. Dois dias após a humilhação, Luis Fernando Veríssimo se manifestou em seu espaço semanal no portal do *Estadão*.<sup>50</sup> No texto, o cronista ironizou o feito, ficcionalizou um encontro e uma hipotética conversa entre os zagueiros Dante e David Luiz antes do fatídico duelo, resumiu a goleada alemã em expressões hiperbólicas como, “galhofa cósmica”, “invasão sobrenatural” e “catatonia coletiva”, e, tal como característica peculiar do gênero, estreitou a relação entre os interlocutores – ele (autor) e o seu leitor – ao propor um trato.

Em mais um exemplo de outro intelectual, cuja formação não advém do jornalismo, Antônio Prata, em 20 de julho, dias após o ocorrido, publicou, em sua coluna, no site da *Folha de S. Paulo*,<sup>51</sup> uma crônica em que ressignificou a expressão “gol da Alemanha” que havia viralizado, nas redes sociais, depois do 7 a 1. O escritor inventou uma série de acontecimentos inusitados e improváveis e, ao fim de cada sentença, confirmava o fato com essa expressão como comprovação para os catastróficos eventos criados por ele.

Outra crônica fora dos moldes da cobertura jornalística tradicional foi a escrita por José Roberto Torero, no dia seguinte à derrota, também para a *Folha de S. Paulo*.<sup>52</sup> O colunista fabulou um encontro espírita entre ele e o personagem criado, Zé Cabala, uma entidade espírita que lhe concedeu a permissão para “entrevistar” ex-treinadores da seleção brasileira que foram derrotados com o escrete em Copas do Mundo. Nas conversas com os técnicos, o autor-personagem pedia um conselho a cada um para ser encaminhado ao recém-derrotado Felipão. O final surpreendente, elemento típico do gênero crônica, acontece por meio do derradeiro diálogo entre Torero e Flávio Costa, comandante do time de 1950, que agradece ao treinador de 2014 por tirá-lo do posto de o “homem culpado pela maior derrota da história da seleção brasileira”.

Acima, exemplos de algumas produções isoladas a respeito do 7 a 1, mas que não se configuraram como uma tendência jornalística na cobertura dos meios de comunicação da grande mídia na Copa. No entanto, nesta pesquisa empírica, foram identificadas duas exceções ao modelo da nova imprensa esportiva, e a segunda será aprofundada neste trabalho.

---

<sup>50</sup> Ver crônica, “Seis minutos”, de 10 de julho de 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/SpdVwQ>>.

<sup>51</sup> Ver crônica, “Gol da Alemanha”, de 20 de julho de 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/v2cskA>>.

<sup>52</sup> Ver crônica, “Obrigado, diria o técnico da seleção de 1950 a Felipão”, de 9 de julho de 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/ox8kYg>>.

O primeiro observado foi do grupo de jovens blogueiros do *Impedimento*. Fundado pelos jornalistas Leonardo Sacco e Douglas Ceconello, o blog iniciou as atividades em 2005 e perdeu até o final da Copa do Mundo de 2014. Com uma média de 500 mil visualizações por mês, o *Impedimento* tinha um elevado número de acessos para um veículo independente da grande mídia, cujo modelo de jornalismo valoriza a superficialidade, objetividade e rapidez na transmissão das informações. Em contrapartida, foi justamente no meio de comunicação responsável por esta mudança de estilo predominante, a internet, e, também, pelo declínio da mídia impressa, que o grupo de blogueiros ganhou espaço e notoriedade entre os fãs de futebol.

Em entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco*, em junho de 2014, Ceconello fez uma breve leitura acerca do atual cenário da imprensa esportiva em comparação com o que se observava décadas atrás:

Tratar o futebol de uma forma apaixonada é algo que sempre se manteve, mas a diferença é que hoje se faz isso apenas da perspectiva do torcedor de clube, então se perdeu a vocação para aquela visão profunda sobre os fatos menores que sempre caracterizou a crônica. Hoje, a crônica é tratada como um texto de jogo, com o único diferencial de obedecer a ótica subjetiva de um jornalista ou escritor. Não há inovação estilística e nem percebemos um esforço em aproximar a crônica da literatura. Hoje praticamente se confunde crônica com coluna, que é opinião (CECONELLO, 2014, sem página).

Tendo como ponto de referência a inovação das crônicas rodrigueanas, o trabalho do blog *Impedimento* foi, em um passado recente e no contexto atual, um dos veículos que mais se aproximaram do icônico e excêntrico estilo de Nelson Rodrigues, afastando-se do modo canônico de produção jornalística, ao expor questões humanas, seja por meio de situações reais, seja na criação de personagens. Durante a Copa do Mundo de 2014, o blog publicou uma série de crônicas a respeito dos jogos, do clima e dos acontecimentos marcantes ao longo dos trinta dias de megaevento. Acerca do vexame brasileiro diante dos alemães, quatro textos publicados nos dias subsequentes à derrota se destacaram, ao retratarem pontos de vista particulares e distintos entre si.

A primeira crônica, intitulada “Anatomia de um fiasco: o complexo de cachorro grande”, escrita no mesmo dia por Douglas Ceconello, ainda no calor da queda, dissecou a humilhação e alega que a postura prepotente do escrete levou à derrota. Em uma espécie de complexo de vira-latas reverso, a quem o cronista denominou de síndrome de “cachorro grande”, Ceconello atentou para o excesso de confiança da seleção canarinho antes da semifinal, por jogar em casa e ser pentacampeã mundial, mesmo atuando sem brio no decorrer

do torneio e com a ausência do craque Neymar. Um escrete que, aos olhos de Ceconello nesta crônica, perdeu a sua modéstia que lhe era característica de tempos passados ao dar lugar à soberba e se tornar, em seguida, a imagem de “um deprimente *bon vivant* falido que cambaleia de bar em bar em um terno roto narrando seus grandes feitos do passado, contando com a boa vontade alheia para manter o bico molhado”. (CECONELLO, 2014, sem página).

Em “O Barbosa perfeito”, crônica escrita no dia seguinte à eliminação, Luís Felipe dos Santos culpabilizou o técnico Felipão pelo vexame. Munido da verve ácida rodrigueana, o cronista canalizou as suas críticas ao treinador, chegando à conclusão de que a série de fatores técnicos e táticos que levaram à derrota adveio de Felipão, a quem o autor apelidou de o “pária ideal”, a “Geni encarnada” – em alusão à personagem travesti contida na obra musical, *Ópera do malandro*, de Chico Buarque – e o “Barbosa perfeito” em referência irônica ao goleiro de 1950. “Perfeito”, nesse caso, porque, ao contrário da alcunha de maior vilão do futebol brasileiro dada ao arqueiro vice-campeão mundial, o comandante de 2014 tornou-se a figura metonímica da principal humilhação da história da seleção.

Na terceira crônica, “Baixinho para mamãe não ouvir”, publicada em 11 de julho, Leandro Iamin, ao desabafar para o leitor os seus sentimentos acerca do 7 a 1, relatando os seus causos de torcedor durante a Copa do Mundo, intertextualiza uma experiência pessoal vivida com a sua mãe, Dona Lúcia, e o polêmico episódio protagonizado pela comissão técnica, ao divulgarem uma carta em defesa de Felipão, dois dias após a eliminação para os alemães, cujo remetente é uma suposta torcedora do escrete chamada “Dona Lúcia”. À época, o texto virou motivo de piada nas redes sociais e teve a legitimidade de seu conteúdo questionada pelos torcedores e pela imprensa.

Por último, em “Os outros”, publicada em 15 de julho, Felipe Sant’Angelo compara o 7 a 1 com o *plot twist* da narrativa de suspense do filme homônimo, estrelado por Nicole Kidman. No longa-metragem, sucesso de bilheteria no início dos anos 2000, o público é direcionado a crer que a personagem central e sua família estão sob ameaça de entes sobrenaturais em uma casa mal-assombrada, porém, ao final da história, o espectador descobre que os fantasmas, na realidade, são a protagonista e seus filhos, enquanto a outra família é que era composta por pessoas reais assombradas por eles. O cronista traça um paralelo com o 8 de julho, em que a humilhação, a princípio, parecia pertencer ao campo do imaginário dos torcedores canarinhos, mas foi se delineando como a mais cruel realidade. Os fantasmas, portanto, não eram os alemães, mas a encarnação da própria seleção brasileira.



#### 4.5 O jogo inventivo de Chico Bicudo

Mais de três anos decorridos do *Mineiraten* e muito material já foi publicado a respeito da trágica derrota de 8 de julho de 2014 e as suas consequências para o futebol brasileiro. No âmbito acadêmico, merece destaque trabalhos como os de Brinati (2014; 2016), Corteze (2015), Costa (2016), Helal e Lisboa (2016), Marques (2015), e uma série de textos publicados por pesquisadores no Ludopédio que refletem acerca do futebol sob uma perspectiva sociocultural. No entanto, apesar da extensa produção de escritos sobre o megaevento de 2014 sob diferentes vieses epistemológicos, há um escasso número de produções relacionadas ao Mundial em questão, de fato, criativas e que se revestem de um estilo mais literário. Uma das exceções encontradas foi a figura de um jornalista paulistano que se sobressaiu no cenário da crônica esportiva contemporânea, ao transpor suas indelévels experiências de torcedor da seleção brasileira para a tinta e o papel.

Munido de uma verve literária que lhe é peculiar, Francisco Bicudo<sup>53</sup>, mais conhecido no âmbito literário e jornalístico como Chico Bicudo, rememorou os principais momentos do megaevento com requintes de entusiasmo, ironia, acidez e comicidade, marcas idiossincráticas de um autêntico cronista esportivo. Entre 2014 e 2016, o cronista publicou dois livros pela Chiado Editora, nos quais reuniu relatos sob a forma de crônica acerca do Mundial de 2014. A primeira obra, *Memórias de uma Copa no Brasil* (2014), é resultado de uma compilação de textos escritos diariamente, durante o torneio internacional, em sua página na rede social *Facebook*, relatando o ambiente das seleções às vésperas do torneio, o clima nas ruas e arquibancadas, a preparação das equipes e a emoção das partidas. Segundo Bicudo, em entrevista exclusiva para este trabalho, a reunião das 35 crônicas aconteceu de maneira inesperada após o franco sucesso de suas postagens no mundo virtual e o consequente interesse da editora portuguesa em publicar seus textos.

Não tinha a menor pretensão de concorrer com os jornalistas e o privilégio que eles tinham das informações. Assumi que fosse um olhar sobre a Copa de um torcedor

---

<sup>53</sup> Nascido em São Paulo/SP, em 1972, o cronista é mestre em Ciências da Comunicação (Jornalismo) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Fez pós-graduação (lato sensu/especialização) em Política Internacional, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP). É graduado em Jornalismo (ECA/USP). Chico Bicudo é autor de cinco livros: *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil* (2004); *Saúde – Exercício da Vida* (2009); *Memórias de uma Copa no Brasil* (2014); *Crônicas Boleiras* (2016); e *Crônicas Boleiras – Segundo Tempo* (2018). Já atuou, como professor e pesquisador, nas áreas de Educação, Saúde, Ciência e Tecnologia e Esportes. Foi coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, entre 2002 e 2003, e é professor da instituição desde 2001. Também colabora como repórter na revista "Giz" ([www.revistagiz.sinprosp.org.br](http://www.revistagiz.sinprosp.org.br)) e cronista no "Chuteira FC" ([www.chuteirafc.com.br](http://www.chuteirafc.com.br)).

apaixonado e fui tentando encontrar causos, personagens, episódios insólitos, tristes, enfim, situações que pudessem ser marcantes e representassem as minhas experiências de torcedor (BICUDO, mai. 2016).

O seu segundo livro, *Crônicas boleiras* (2016), engloba 37 crônicas esportivas, escritas entre 2011 e 2015, e aborda vários temas que tangenciam o futebol, e duas delas em referência direta à Copa no Brasil. A obra marca a relação inveterada de Bicudo com a crônica e a sua inexorável paixão pelo futebol, que ele denominou, no texto, de apresentação do livro de “vulcão d’alma que tensiona placas tectônicas dos meus órgãos e esparrama lavas impulsionadas pelos instintos mais primitivos” (BICUDO, 2016a, p. 19). No decorrer da obra, o jornalista traça um voo panorâmico pelo futebol brasileiro na última década, desde a campanha do tricampeonato da Copa Libertadores da América pelo seu time do coração, o Santos, até o “aniversário” de um ano do fatídico 7 a 1.

Influenciado pela escrita otimista, exagerada e obsessiva de Nelson Rodrigues, Bicudo também aproxima o futebol do fazer ficcional, ao fabular encontros impossíveis, fantasiar personagens e dramatizar situações inusitadas por meio de um estilo oral e despretenso. Em todas as crônicas relativas à seleção, é possível observar – por intermédio do uso de figuras de linguagem e seus respectivos efeitos de sentido, além do emprego de variados adjetivos de grau – que Bicudo transparece uma paixão intensa pelo esporte em um movimento similar ao ufanismo desmedido tradicionalmente visto nos textos rodrigueanos e nos de outros cronistas das décadas de 1950 e 1960.

No que tange às crônicas referentes diretamente ao 7 a 1 – quatro observadas em *Memórias de uma Copa no Brasil*, e uma quinta, em *Crônicas boleiras* –, o cronista utiliza de operadores ficcionalizantes, que será aprofundado no capítulo seguinte, para construir uma forma particular de escrita e articular específicos efeitos de sentido. Em “Felipão recebe uma ligação” (7/7/2014), o jornalista cria uma hipotética conversa entre o técnico da seleção brasileira e uma divindade do futebol. Em “Juntando os cacos” (9/7/2014), Bicudo recorre à narrativa da popular saga *Harry Potter* para projetar o futuro da seleção após o *Mineiratzen* e, também, prossegue com outro diálogo entre Felipão e o deus da bola.

Na crônica, “Marin, Del Nero e cia – Peçam para sair!” (11/7/2014), Bicudo simula ter enviado uma carta aos dirigentes da CBF, expressando a sua indignação e raiva perante a derrota do esporte para os alemães, como também a sua vergonha pelos desmandos da entidade. Na crônica do dia seguinte, “Felipãozinho vermelho, um conto de fadas” (12/7/2014), o autor, em evidente alusão ao conto de fadas *Chapeuzinho vermelho*, desloca a figura do treinador brasileiro para a personagem principal da história infantil. Ao fabular a

narrativa do escritor francês, Charles Perrault, Bicudo inventa um diálogo entre Felipão e o lobo mau, nesse caso, na forma de disfarçados jornalistas esportivos que assediavam o técnico com perguntas maliciosas a respeito do 7 a 1.

Na quinta crônica escolhida para posterior análise, “A Alemanha de novo no caminho do Brasil” (13/6/2015), publicada em *Crônicas boleiras*, o cronista retoma a memória acerca da goleada sofrida na semifinal para os alemães, ao escrever sobre os preparativos do escrete às vésperas da Copa América daquele ano. No decorrer do texto, Bicudo ironiza o fato de a delegação canarinho estar hospedada em um hotel no interior do Chile, localizado em uma Avenida chamada Alemanha. De um dado, aparentemente, banal e irrelevante aos olhos da mídia, o cronista transformou em um grande causo, ficcionalizando novas coincidências com base naquela informação, ao dizer que os jogadores se hospedariam no sétimo andar do edifício e que o zagueiro Thiago Silva passaria a noite no apartamento 71.

Em palestra concedida para a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) em 15 de setembro de 2016,<sup>54</sup> Bicudo reiterou a importância do caráter híbrido do gênero, ora com marcas jornalísticas, por estar, historicamente, ancorada nas páginas de jornais, ora no campo da literatura, por permitir arroubos de criatividade e ficção, sem precisar se ater ao compromisso de restituir os fatos de maneira imparcial. Em virtude desse caráter fronteiriço da crônica, Bicudo a caracteriza como uma “narrativa de realidade”, capaz de deslocar histórias triviais, experiências banais do homem comum, em princípio particulares, em sentimentos universais. Ao falar do rés do chão (CANDIDO, 1992) e do universo ordinário, Bicudo expressa o valor da superficialidade, humaniza e recupera a subjetividade do cronista, diferentemente dos textos analíticos e impessoais da grande imprensa. Segundo ele,

[...] o cronista é escritor que consegue observar e revelar, ouvir e diagnosticar, respirar e fazer suspirar, perceber e expressar a singela boniteza das coisas miúdas desse mundão nosso de cada dia, para em seguida transformar ambientes e personagens em narrativas literárias com potencial para, além da diversão e da fruição, tirar o leitor de sua zona de conforto, convidando o interlocutor a acompanhar embates que dão conta das inquietudes de nosso tempo. É também por meio da crônica que o cotidiano enche-se de relevância e faz pensar. Nas letras e parágrafos breves de um cronista, o corriqueiro torna-se banquete especialíssimo. Chacoalha. Inquieta. Incomoda. Desnuda virtudes e fraquezas humanas (BICUDO, 2016a, p. 13).

---

<sup>54</sup> A palestra completa de Chico Bicudo pode ser acessada em: <<https://goo.gl/CQ7cD2>>.

## 5 GOL DE OURO: contiguidades e diferenças em Nelson Rodrigues e Chico Bicudo

### 5.1 Os elementos ficcionalizantes

No primeiro capítulo deste trabalho, foi analisada uma série de características intrínsecas ao gênero híbrido crônica e sua estreita relação com a ficção. Conforme visto nas reflexões postuladas no decorrer do estudo, o cronista é um recriador estético do suposto real, capaz de construir uma ligação afetiva entre as suas experiências pessoais e as de seus interlocutores por intermédio de uma paradoxal relação denominada monodialógica. De posse dos alicerces da ficção, o escritor, desse gênero, une o real, isto é, o mundo ulterior ao texto, com o imaginário, ou seja, a potencialidade criativa do próprio autor, retirando a moldura racional e denotativa dos fatos corriqueiros. Ao elevar tais acontecimentos do universo cotidiano a um segundo plano de significação no horizonte da leitura, o cronista propõe, ao seu interlocutor, uma visão reflexiva sobre as miudezas do cotidiano, pela natural simplicidade que a linguagem pode proporcionar.

Neste derradeiro capítulo, o objetivo é analisar, materialmente, as crônicas selecionadas de Nelson Rodrigues e Francisco Bicudo, apontando relações de contiguidade e afastamento no que tange aos aspectos ficcionalizantes observados na tessitura de suas produções. Situadas em tempos midiáticos distintos do futebol brasileiro, porém, munidas do mesmo impacto de uma derrota nacional, as crônicas de ambos trazem singularidades próprias, como também aproximações no processo de construção de seus discursos ficcionais. Para fins metodológicos, elencamos três elementos ficcionalizantes – a oralidade, a hipérbole e a fabulação – que percorrem as dez crônicas sob análise para, com base nesses distintos fenômenos, verificar as semelhanças e especificidades entre os escritos rodrigueanos sobre a inesperada derrota em 1950, e os textos futebolísticos de Bicudo acerca do desastre canarinho nas semifinais da Copa de 2014. É importante frisar que a comparação não visa a uma distinção qualitativa dos textos, mas, sim, a uma análise das semelhanças e diferenças quanto ao uso desses recursos estilísticos no deslocamento do real para o ficcional.

Um dos maiores ícones da crônica esportiva brasileira, Nelson Rodrigues, transformou o subgênero literário ao falar de futebol de uma maneira, singularmente, apaixonada e sem pudores, salvando a linguagem da instrumentalização aniquilante, ocasionada pelo *modus operandi* jornalístico. A sua escrita transgressora, hiperbólica e dramática transformou a crônica esportiva e permanece até hoje como referência e objeto de inspiração para cronistas

das novas gerações, a exemplo do próprio Bicudo. A presença notória de determinadas marcas da escrita rodrigueana pode ser constatada nos textos contemporâneos do jornalista paulista, autor de *Crônicas boleiras* e *Memórias de uma Copa no Brasil*.

Em *Elementos de semiologia*, o linguista francês Roland Barthes define o fenômeno da conotação como “[...] um sistema cujo plano de expressão é, ele próprio, constituído por um sistema de significação” (BARTHES, 2006, p. 95), ou seja, um tipo de segundo sentido em que o seu significante é constituído por um primeiro sistema de significação, conhecido como plano denotativo, e um significado. Essa nova dimensão – mais complexa de atribuição de novos sentidos – é um valor textual que emerge somente no instante da leitura, isto é, quando o leitor expande o valor dos signos presentes no texto, ao reorganizá-los e recombina-los dando forma a novas relações de significados. E é por meio dessa linguagem conotativa que as crônicas esportivas de Nelson e Bicudo – cada qual com seu particular poderio imaginativo e situado em diferentes contextos sócio-históricos – abordam as minúcias do cotidiano, mantendo a ênfase nas potencialidades do significante, ou seja, na construção da própria linguagem.

## 5.2 A oralidade

Constituinte intrínseca da crônica, a oralidade percorre a escrita futebolística tanto de Nelson Rodrigues como de Chico Bicudo, ao conferir um aspecto informal, leve e descompromissado em seus relatos textuais. Apesar da produção rodrigueana, o vasto campo lexical do universo futebolístico perfaz as crônicas a todo o momento e se evidencia por meio de marcas linguísticas explícitas e recorrentes. Nelson mantinha um tom permanente de diálogo com o leitor, cujos recursos estéticos consistiam no uso constante do discurso direto, enfatizando o caráter dramático, e principiado por locuções conjuntivas, vocativos e verbos no imperativo. Vogel (1997) ressalta o desígnio da oralidade como uma estratégia eficaz do cronista em estreitar a relação com o seu interlocutor, transformando um texto predominado por uma única voz, a do narrador, em um aparente diálogo, visto que o leitor não participa diretamente das elucubrações, no caso, de Nelson.

O cronista se alia nessa coletividade pelo uso do vocativo *Amigos*. Entre ele e o leitor, presume-se, existe toda uma gama de afinidades, já que é possível esse tom familiar. Há uma aproximação e a identidade coletiva se cria a partir da própria tonalidade da narração. Narrador e leitor se posicionam, narrativamente, numa mesma linha de condições, enquanto as diferenças existentes são externas aos dois,

compondo uma outra linha, a metade de campo do adversário (VOGEL, 1997, p. 61, grifo do autor).

As saudações também funcionavam como uma estratégia discursiva de Nelson Rodrigues sempre que desejava realçar um raciocínio, ideia ou opinião que julgasse ser fundamental para o entendimento do leitor. Nas cinco crônicas rodrigueanas analisadas, há uma recorrência em quase todas do uso do vocativo “amigos” e da expressão “eis a verdade, amigos”, além de casos em que se observam outras formas de cumprimento, tais como, “mas digo”, “vejam vocês”, “reparem” e “pois bem”.

Na crônica “O quadrúpede de 28 patas”,<sup>55</sup> publicada em 17 de maio de 1958 na *Manchete Esportiva*, o escritor fez referência direta e de diferentes formas ao seu interlocutor em quatro oportunidades. Em um dos casos, Nelson usa o recurso como um marcador de confiança ao segredar para o leitor as suas mais profundas opiniões sobre o futebol.

*Eis a verdade, amigos:* — tratam do craque, tratam da equipe e esquecem o torcedor, que está justificando cuidados especiais. Que estímulo poderá ter um escrete que é negado mesmo na vitória? A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Durma-se com um barulho desses! (RODRIGUES, 1993d, p. 50, grifo nosso).

Em “A eternidade de Barbosa”, publicada em 30 de maio de 1959 na *Manchete Esportiva*, Nelson se referiu diretamente ao leitor por quatro vezes, e, em duas delas, com finalidades distintas. No primeiro caso, ao se posicionar sobre a função do goleiro, o cronista introduziu a expressão, “Amigos, eis a verdade eterna do futebol”, preparando o leitor para uma grande revelação. Por intermédio desse recurso, Nelson criava uma atmosfera de tensão e expectativa no interlocutor, bem aos moldes do gênero dramático, instigando a curiosidade da plateia com o que viria a seguir na narrativa.

*Amigos, eis a verdade eterna do futebol:* — o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol, e, numa palavra, a derrota (RODRIGUES, 1994d, p. 69, grifo nosso).

---

<sup>55</sup> A crônica foi publicada com esse título na edição *À sombra das chuteiras imortais* (1993), organizada por Ruy Castro. Na obra compilada *O berro impresso das manchetes* (2014), da editora Agir, o título foi adaptado para “Meu personagem da semana: o torcedor”.

Além de se utilizar das locuções e dos vocativos para endossar as suas verdades sobre os temas, Nelson também as empregava na concatenação de seus casos de boleiro, como no exemplo abaixo. A expressão “e foi trágico, amigos, foi trágico!” realça a interação em pé de igualdade com o seu receptor e o vínculo de confiança estabelecido entre eles.

Nove anos depois de 50, ele joga contra o Santos, no Pacaembu. Funcionou num time de reservas contra um dos maiores, senão o maior time do Brasil. *E foi trágico, amigos, foi trágico!* Começa o jogo e, imediatamente, Pelé invade, perfura e, de três metros, fuzila. Fosse outro, e não Barbosa, estaria perguntando, e até hoje: — “Por onde entrou a bola?”. Barbosa defendeu e com que soberbo descaro! Daí para frente, a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista (RODRIGUES, 1994d, p. 69, grifo nosso).

Se, nas crônicas de Nelson Rodrigues, o texto se assemelha a um monólogo de um narrador-personagem externalizando as suas experiências e pontos de vista sobre o mundo do futebol, nas crônicas de Chico Bicudo, tais marcas linguísticas não existem. Ao contrário da interação dialógica dos textos rodrigueanos que se evidenciam pelo uso recorrente dos vocativos, locuções conjuntivas e afins, a relação entre o cronista e o leitor, nos escritos de Bicudo, é perceptível ao verificar o tom de indignação e desabafo inerentes à voz do narrador-personagem em sua conturbada relação com o exterior, seja criticando a idoneidade das entidades esportivas, o desempenho do escrete na Copa, seja no complexo de inferioridade dos torcedores e da imprensa brasileira.

Em “Juntando os cacos”, crônica de 9 de julho de 2014, um dia após o fatídico 7 a 1, o narrador constrói uma crítica mordaz a um tipo de brasileiro que age incoerentemente em relação às suas ações ou que boicota o próprio país. No plano enunciativo, Bicudo parece insinuar uma raiva e indignação ao público que o lê quando utiliza a expressão “vocês são” – seguidamente dos substantivos – “lamentáveis”, “crápulas”, “hipócritas” e “desprezíveis”. Contudo, percebe-se contextualmente que o sujeito “vocês” não se dirige aos leitores da crônica, mas, sim, aos inimigos da seleção brasileira que torceram pelo insucesso da Copa e pelo fracasso do time de Felipão. É pelo tom de desabafo de Bicudo, ao compartilhar seu sentimento com o leitor, que o discurso do cronista transparece uma dose de oralidade, recurso inerente ao gênero crônica.

O futebol brasileiro – aquele que ficou perdido em algum lugar do passado – agradece. Mirem-se no exemplo daqueles boleiros de Berlim. De minha parte, vaias em alto e bom som para os que queimaram a bandeira do Brasil na Vila Madalena. Vocês são lamentáveis. Vaias ainda mais fortes para os que usam o tsunami do Mineirão para comemorar suposta vitória do país da honestidade e do trabalho sério contra o país do jeitinho, da vagabundagem e das bolsas para meliantes. Vocês são

crápulas. Sanguessugas [...] Vocês são hipócritas. Heróis sem nenhum caráter. Por fim, vaias ensurdecedoras para quem comemora a derrota da Seleção, acreditando que por conta dela poderá colher dividendos eleitorais. Vocês são desprezíveis (BICUDO, 2014a, p. 155).

Enquanto, em Nelson, a oralidade decorre do elo de confiança e afetividade que ele constrói junto ao leitor por meio de recursos linguísticos, como o uso de vocativos e do discurso direto, nas crônicas de Bicudo, ela sobressai pelo coloquialismo presente no compartilhamento das experiências de um narrador-torcedor acalorado pelos acontecimentos históricos do Mundial.

Ainda, em “Juntando os cacos”, Bicudo recorre a expressões do linguajar popular, tais como “Vá se catar” (BICUDO, 2014a, p. 152), “um pingo de vergonha na cara” (idem, p. 153), “Corram para as montanhas” (idem, p. 153), “Precisa desenhar?” (idem, p. 154) e “Quem foi o mané que disse que a Copa acabou ontem?” (idem, p. 156). A estratégia linguística que demarca a oralidade de seu texto se materializa nos instantes em que o cronista dialoga diretamente com o leitor.

Já, em “Marin, Del Nero e cia – peçam para sair!”, publicada em 11 de julho de 2016, os traços coloquiais se evidenciam quando o narrador-cronista de ânimos inflamados se dirige aos políticos da CBF. Em sua carta fictícia, Bicudo utiliza expressões corriqueiras do linguajar popular: “Engulam por gentileza essa conversinha mole do ‘foram só seis minutos de apagão’” (BICUDO, 2014b, p. 164), “Vocês, senhores gestores (adoro essa palavra!), estão jogando na lata do lixo a linda história do futebol brasileiro. Viramos motivos de chacotas, no mundo todo” (idem, 2014b, p. 165) e “Vazem! Caiam fora! Sumam! Peguem seus bonés (ou cartolas)! Peçam para sair! [...]” (idem, 2014b, p. 166).

Cada qual operando com suas especificidades, entretanto, é inegável que tanto Nelson Rodrigues como Chico Bicudo concebiam uma crônica esportiva que se assemelha a uma conversa de bar entre torcedores apaixonados e patrióticos, ao explorar em uma linguagem ao rés do chão, simples, leve, sem pernosticismos, transpondo elementos do universo da fala para a dimensão da escrita e realçando o viés descontraído de seus textos.

### **5.3 A hipérbole**

Além da exploração da oralidade, do discurso direto com frases curtas formadas de locuções conjuntivas e vocativos, as crônicas de Nelson rompem com o efeito de realidade produzido, textualmente, por meio dos elementos ficcionalizantes, valendo-se do auxílio



estilístico da hipérbole, formando um quadro dramático potencializador de sentidos nas suas narrativas. Em *O beijo no campo*, Luciano Silva define a escrita de Nelson Rodrigues como “a verve de um bêbado” (SILVA, 2009, p. 51), em razão de o inveterado cronista transgredir os limites da linguagem sob o ponto de vista morfossintático, abusando das redundâncias e dos advérbios de grau e intensidade.

É desse distinto jogo hiperbólico de extrapolação completa da escrita pragmática que Nelson se aproxima dos sentimentos mais genuínos e verdadeiros que interpenetram no âmago do torcedor de futebol. Amor, ódio, prazer, dor, redenção e vingança, entre outras emoções humanas, são explorados, dramaticamente, pela imponderável prosa rodrigueana em um processo intermitente de aproximação da fala com o discurso escrito.

Em muitas situações, o uso de advérbios e superlativos demonstrava ser insuficiente, como se as palavras e seus significados, por si sós, não abarcassem a potencialidade necessária para reproduzir os mais profundos sentimentos e ácidas opiniões que circunscreviam a estreita relação do cronista com o futebol. Era como se Nelson dissesse mais do que os caracteres da máquina de escrever pudessem contemplar nas folhas em branco. Por meio da hipérbole, a sua escrita irreverente interpolava a própria linguagem.

Em “O divino delinquente”, uma das crônicas que fazem alusão direta ao *Maracanazo*, publicada em 1963 no jornal *O Globo*, Nelson potencializa o seu discurso ao comparar a derrota para os uruguaios com um dos episódios mais sangrentos da história republicana brasileira, a Guerra de Canudos. Ou seja, não bastava equiparar o evento futebolístico com o confronto entre as tropas do Exército brasileiro e os sertanejos, mas o impacto do revés de 1950 tinha de ser ainda mais humilhante para validar o tom hiperbólico de seu discurso. Três anos depois, em “O drama das sete Copas”, Nelson repetiria efeito semelhante ao definir a perda do título como “a nossa Hiroshima” (RODRIGUES, 1994e, p. 116), em alusão às bombas atômicas que assolaram o território japonês durante a Segunda Guerra Mundial.

Ainda em relação às marcas hiperbólicas na crônica de 1963, o anjo pornográfico, ao rememorar o reencontro entre brasileiros e uruguaios pelo Campeonato Sul-Americano de 1959, relata que a confusão, a qual ele chamou de “sururu monstruoso”, foi tão grande que “brigaram até as cadeiras”. Em outros dois jogos emblemáticos recordados, Nelson ficcionalizava os eventos por meio da hipérbole a fim de tornar os seus causos de boleiros mais interessantes ao público: “O *match* Chile x Itália, em 62, foi canibalesco. Os adversários só faltavam chupar as carótidas uns dos outros. Em 58, no *match* Suécia x Alemanha, os 22 jogadores agrediram-se a dentadas” (RODRIGUES, 1993a, p. 103, grifo do autor).

A mesma estratégia hiperbólica se evidencia em “A eternidade de Barbosa”, quando Nelson relembra o indelével lance do segundo gol dos uruguaios que determinou o destino cruel do goleiro brasileiro pelo resto da carreira. Ao ressaltar a importância daquele tento capital marcado por Ghiggia, cravado para sempre no imaginário do torcedor canarinho como fator determinante para a derrota, o cronista transforma a cena em um acontecimento tão magnânimo a ponto de minimizar fatos reais da história do país.

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado “frango” de Barbosa (RODRIGUES, 1994d, p. 69).

Em “Complexo de vira-latas”, crônica publicada em 1958 na *Manchete Esportiva*, vemos mais uma marca de seu exagero como recurso estilístico ao projetar o comportamento do povo brasileiro após um possível e, até então, inédito título mundial do escrete: “[...] se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, reventaria todas as comportas e sessenta milhões de brasileiros iam acabar no hospício” (RODRIGUES, 1993e, p. 51).

Nelson também recorria ao uso de advérbios para realçar o seu tom hiperbólico. Nessa mesma crônica, Nelson usa termos que remetem à ideia de totalidade, tais como, “nada”, “absolutamente”, “tudo”, com o objetivo de reforçar a dimensão da derrota de 1950.

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que *nada, absolutamente nada*, pode curar. Dizem que *tudo* passa, mas eu vos digo: — menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore *tão* pequeno possa causar uma dor *tão* grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente [...] *Jamais* foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular, o nosso viralatismo (RODRIGUES, 1993e, p. 51, grifo nosso).

Efeito de sentido semelhante se verifica em “A pobre derrota”, crônica de 1957, também, publicada na *Manchete Esportiva*. Naquela ocasião, a seleção brasileira perdera para os uruguaios pelo placar de 3 a 2 em partida válida pelas quartas de final do Campeonato Sul-Americano. Em circunstâncias parecidas com a Copa de 1950, o escrete vinha de uma vitória contundente contra os colombianos na fase anterior, por 9 a 0, assim como foi no Mundial de

sete anos atrás quando aplicou uma goleada nos espanhóis de 6 a 1, porém, os brasileiros foram, novamente, surpreendidos, pela Celeste, em mais uma “pobre derrota”. Ao escrever sobre o acontecido, Nelson, mais uma vez, posicionou-se para além do óbvio da opinião pública. Em vez de destrinchar a partida contra os uruguaios à procura dos erros que resultaram na eliminação, o cronista afirmou que a principal responsável pela derrota foi a vitória, demasiadamente, tranquila diante da Colômbia antes dos uruguaios. Para enfatizar o seu discurso contrário da maioria, ele recorreu aos advérbios.

Diante da derrota que, possivelmente, nos custará o título, cabe insistir na pergunta: por que perdemos? Em primeiro lugar, porque *nada* há de mais desmoralizante para o futebol brasileiro que a vitória fácil. Reparem: depois de um grande triunfo, o craque do Brasil perde o élan, a gana, a garra e, numa palavra, a personalidade. Pelas nossas características pessoais, não temos o direito de lavar *ninguém* de 9 x 0, sob pena de uma queda imediata, vertical e irremediável. Quem escutou a irradiação há de ter percebido que nós fomos derrotados, não pelos 3 x 2, mas pelos 9 x 0 (RODRIGUES, 2007d, p. 219-220, grifo nosso).

Ao final da crônica, Nelson ainda ressalta a situação trágica do esporte brasileiro diante da perda do título, também, utilizando do mesmo recurso: “Diante de um fracasso *tão* feio, a *única* atitude possível, para todos nós, é a seguinte: observar um minuto de vergonha. *Nada* mais” (RODRIGUES, 2007d, p. 220, grifo nosso).

Já, nas crônicas de Chico Bicudo, em um movimento parecido com os textos de Nelson sobre o *Maracanazo*, observamos a presença da hipérbole quando o jornalista se refere, diretamente, ao emblemático episódio do *Mineirätzen*, ao descrever a goleada sofrida pela seleção de Felipão como uma “hecatombe vivida”, “crônica de um massacre anunciado” e “raríssima tempestade de radiação solar”, expressões vistas em “Juntando os cacos”. Na mesma crônica, Bicudo compara a derrota com uma “ressaca pior que a de mistura de dez caipirinhas com uma dúzia de latinhas de cerveja” (BICUDO, 2014a, p. 153), e de um time no qual o seu meio de campo, segundo o cronista, foi “entregue aos *panzers*<sup>56</sup> germânicos” (BICUDO, 2014a, p. 152, grifo nosso).

Os textos de Bicudo têm, como característica comum, a criação de diálogos entre personagens fictícios em situações verossímeis, isto é, coerentemente possíveis na sua lógica interna. É na ficcionalização desses encontros que Bicudo recorre a expressões hiperbólicas e advérbios no grau superlativo com o auxílio do sufixo (“-íssimo”), como estratégias

---

<sup>56</sup> O título é utilizado por Bicudo em uma alusão pejorativa e negativamente estereotipada por certo “belicismo” na História alemã durante o século XX que remete às Guerras Mundiais.

estilísticas que remetem à ideia do exagero e, por conseguinte, enfatizam a sua opinião sobre os fatos.

Na maioria dos casos verificados nas cinco crônicas analisadas, a hipérbole se materializa no plano da fabulação, como no caso de “A Alemanha de novo no caminho do Brasil”, publicada em junho de 2015 e reproduzida no livro *Crônicas boleiras*. Na história ficcional, conforme vimos na breve paráfrase no capítulo anterior, o jornalista inventa uma série de fabulações com a inusitada coincidência de a delegação brasileira ter se instalado na cidade chilena Temuco para o jogo contra o Peru, pela Copa América de 2015, em um hotel localizado na Avenida Alemanha (“Alemanha” em português).<sup>57</sup> O cronista valeu-se do infeliz ensejo para criar variadas situações em que os jogadores do escrete são acometidos por delírios, doenças mentais e crises de pânico após se depararem com o fato.

Tentaram abafar, esconder, proibiram os atletas de dar declarações a respeito, mas o DataChico apurou que, já no desembarque, ao bater os olhos na palavrinha fatídica (A-LE-MA-NHA), Thiago Silva teve uma *síncope*. *Desabou a chorar, inconsolável*. Fernandinho começou a ouvir vozes. “Cuidado, olha o Kroos! Solta a bola, olha o Özil!” (BICUDO, 2016b, p. 131, grifo nosso).

O desdobramento das cômicas coincidências também se repete em outra passagem:

A muito custo, a algazarra só seria controlada uma hora depois. Todos finalmente recolhidos, acomodados em seus quartos. Quando foi fechar a cortina, Fernandinho bateu sem querer o olho na placa da rua. *Iluminadíssima*. AVENIDA ALEMANHA. O médico foi chamado. O volante só conseguiu dormir sob *doses cavaleares de calmante*. Às três da madrugada, o silêncio foi bruscamente interrompido pelos toques dos telefones nos quartos, um a um, em sequência. 1010, 1011, 1012... (BICUDO, 2016b, p. 133, grifo nosso).

## 5.4 A fabulação

Além dos usos da oralidade e do exagero, sobretudo, nas produções rodrigueanas com o intuito de ressaltar o viés épico-dramático de seus escritos futebolísticos, as crônicas dos dois ficcionistas são textos abertos, nos quais os leitores-empíricos exercem a função de leitores-modelo ao aceitarem as regras do jogo criativo proposto, adentrando no bosque das ambiguidades, dos efeitos polissêmicos, dos mundos possíveis, das variabilidades linguísticas e das figuras de linguagem.

---

<sup>57</sup> Informação do nome do hotel, extraída da notícia veiculada pelo portal *O Globo* à época do duelo contra a seleção peruana. Disponível em: <<https://goo.gl/wXFvcg>>.

Em um cômputo geral, é comum, nas crônicas de Nelson Rodrigues, a ficção se constituir na tessitura do texto pela presença de personagens criados em alusão a fenômenos, sensações e estereótipos que norteiam o futebol, como o Sobrenatural de Almeida – uma figura de poderes misteriosos que representa a tudo o que é imponderável do esporte e servia como justificava para boa parte das derrotas do Fluminense, o time de coração de Nelson. Além desse mais conhecido, outros personagens marcavam presença em suas crônicas, como o Gravatinha, um ente cuja aparição nos estádios era sinônimo de vitória do tricolor carioca; o Ceguinho Tricolor, um personagem autoficcional que ia aos jogos de bengala e era cego, mas discutia com convicção os lances<sup>58</sup>; e a grã-fina de narinas de cadáver, uma dama mencionada em “Um escrete de feras” que pergunta “quem é a bola” para o seu acompanhante na arquibancada.

A despeito das crônicas escolhidas que remetem ao *Maracanazo*, temos o caso de um torcedor que virou personagem da semana na coluna de Nelson da *Manchete Esportiva*. Ao constatar o seu erro em duvidar da capacidade do escrete brasileiro, ele se intitulou como um quadrúpede de 28 patas, uma alegoria hiperbólica para dizer que a sua ignorância era tamanha que superava, e muito, a imagem de um equídeo de quatro patas. Para Nelson, não bastava taxá-lo de “burro”, era preciso extrapolar a linguagem em direção à imaginação para que a sua opinião surtisse o efeito irônico desejado.

A propósito, eu me lembro de um amigo que vivia, pelas esquinas e pelos cafés, batendo no peito: — “Eu sou uma besta! Eu sou um cavalo!”. Outras vezes, ia mais longe na sua autoconsagração; e bramava: — “Eu sou *um quadrúpede de 28 patas!*”. Não lhe bastavam as quatro regulamentares; precisava acrescentar-lhe mais 24. Ora, o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana (RODRIGUES, 1993d, p. 50, grifo nosso).

Encenadas por um narrador-personagem e munidas de uma série de elementos dramáticos, as crônicas nas mãos de Nelson assumiam uma forma semelhante às suas peças teatrais. A fragmentação da narrativa a fim de suscitar o suspense, as orações apositivas, os vocativos, o desfecho surpreendente dos casos, o discurso direto, bem como o uso das figuras de linguagem, tais como a hipérbole, as metáforas e as metonímias, engendram um tipo de narrativa que interpela o leitor a todo o tempo rumo ao efeito ficcional.

---

<sup>58</sup> Segundo consta na obra biográfica de Ruy Castro sobre Nelson Rodrigues, intitulada *O anjo pornográfico*, o cronista detinha trinta por cento da visão nos dois olhos, seqüela de uma grave tuberculose, e, praticamente, não enxergava o que acontecia no campo das arquibancadas. Como reiterou Castro, em entrevista para a versão portuguesa do portal *Time Out*: “Como Nelson Rodrigues era míope e não enxergava os corpos, teve que enxergar as almas”. Declaração do biógrafo disponível em: <<https://goo.gl/tsiFex>>.

Além de redundantes e extrapolarem a linguagem com o intuito de realçar o seu viés dramático, as crônicas rodrigueanas, também, abarcam contornos do gênero épico. Epítetos e codinomes compõem o arcabouço de criações ficcionais do icônico cronista, a fim de demarcar a condição mítica e divina dos craques, tanto que, em seus escritos, jogadores aparecem em condição de grandeza, como Amarildo (“O Possesso”), Didi (“O Príncipe Etíope de Rancho”) e Denilson (“O Rei Zulu”). Na sua peculiar versão em ver o mundo do futebol, Nelson projetava os atletas como seres lendários capazes de transgredir o jogo da bola, seja performatizando lances poéticos e de rara habilidade, seja protagonizando jogadas brutas e viris. Heróis como Didi, Pelé e Garrincha, portanto, tomavam a forma de representantes da identidade brasileira, ao incorporar nossas qualidades e defeitos na árdua missão de superação da condição de vira-latismo de seu povo (SILVA, 2009).

Em “O divino delinquente”, Nelson se regozijou com um desses epifânicos momentos futebolísticos, ao descrever a “beleza” da pitoresca voadora que Didi investiu contra um adversário durante uma briga generalizada entre jogadores brasileiros e uruguaios em um duelo entre as duas seleções pelo Campeonato Sul-Americano de 1959.

Lindo, lindo foi quando Didi tomou distância, correu e saltou. Por um momento ele se tornou leve, elástico, acrobático. E enfiou duas chuteiras em flor na cara do inimigo. Quando parou a guerra e continuou o jogo, demos um banho de bola. Ora, há uma nítida relação entre a passividade de 50 e a agressividade do tal Sul-Americano. As duas coisas estão ligadas e uma justifica a outra (RODRIGUES, 1993a, p. 102).

Tal como é a sua própria narrativa acerca do futebol, pouco importava a descrição fiel dos lances capitais das partidas. Nelson extrapolava a sua visão míope, ao propor uma nova sintaxe para o sistema de signos do futebol, fundando uma forma de ver o esporte para além da dimensão denotativa. Como vimos, anteriormente, à luz das ideias do cineasta Pasolini a respeito dos conceitos de futebol de prosa e futebol de poesia, se os craques rompiam com a ordenação lógica no campo pela plasticidade de suas jogadas, Nelson fazia o mesmo no plano da escrita, ao transgredir a linguagem, propor novos sistemas de significação e romper os paradigmas do jornalismo esportivo, apresentando outro tipo de relato futebolístico. Como reitera Marques, a linguagem da crônica rodrigueana, “[...] necessita estar sempre apoiada na figurativização da palavra, forçando o leitor a quebrar sua expectativa linear e a criar novas sínteses visuais e sintáticas, por meio do surgimento de imagens totalmente inusitadas e hiperbólicas” (MARQUES, 2012, p. 94).

Embora fabular pela invenção de personagens caricatos seja um recurso ficcionalizante, costumeiramente, presente nos escritos de Nelson, nessas cinco crônicas rodriguianas escolhidas para a pesquisa, o escritor pouco explora tal elemento, em comparação com outros recursos utilizados, como as ironias e os exageros no trato com a linguagem. Possivelmente, essas ausências de personagens criados e de diálogos encenados sejam a principal diferença entre ele e Bicudo no que tange ao procedimento ficcional dos dois tipos de crônicas.

Nos escritos em referência ao *Mineirätzen*, Bicudo ficcionaliza as suas percepções e experiências pessoais como torcedor sobre a Copa ao criar diálogos entre personagens, em muitos casos, com a presença dele na posição de sujeito enunciador. Tal como é característica inerente ao gênero crônica, a carga dramática que emerge da construção das cenas fabuladas se desenvolve por meio de uma linguagem simples e com traços do coloquialismo. Em seus textos, Bicudo inventa suas próprias entidades divinas, os chamados “deuses do Himalaia”, que, à semelhança do icônico Sobrenatural de Almeida, de Nelson Rodrigues, são capazes de intercederem no tempo do universo futebolístico, decidindo os rumos desde o placar de um jogo até o futuro de uma nação.

Em “Felipão recebe uma ligação”, crônica escrita um dia antes do 7 a 1, Bicudo explora os mundos possíveis fabricados pela ficção, ao escrever acerca da lesão que tirou Neymar, principal jogador do escrete, da semifinal contra os alemães. Na ocasião, o escritor inventa uma conversa que perfaz toda a crônica entre o treinador da seleção canarinho e os seres divinos. Indignado com a perda de seu craque, Felipão acusa os deuses do futebol de terem, meticulosamente, orquestrado a contusão com o intuito de prejudicar as pretensões de título dos brasileiros. A narrativa descamba, então, para uma longa conversa informal e de ânimos exaltados entre o treinador e o presidente do conselho divino, conforme observamos em um dos fragmentos extraídos do diálogo.

- Bah, mas o que foi que tu fizeste!? Que palhaçada é essa?
- Felipão...
- Deixar machucar o Neymar?
- Felipão, é o presidente do conselho dos deuses do futebol...
- Porra, sei bem quem é, guri. E sei bem o que aconteceu hoje aqui no Castelão também. Você tinha prometido, craques de todas as seleções nas finais. Conversamos reservadamente quando estive na igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, antes da convocação. Tu me garantiu. O que eu faço agora?
- Felipão, me deixa explicar...
- Não tem explicação. Passou do limite. Mudei, passei a ser mais educado. Mas não tem jeito, são só fachadas pelas costas. Vou precisar ser de novo o velho Felipão. Você conhece bem meu estilo. Se não gostar, paciência. Azar. O Neymar, che? Não podia ser o Jô? O Fred? Eu até entenderia...

– Ei! Pode parar por aí! Agora falo eu. Quem convocou o Fred e Jô foi você. Os deuses não têm nada a ver com essa família 2014 que você montou. Tínhamos inclusive divergências. Nossa lista era outra. Mas respeitamos. Nossa responsabilidade era proteger os atletas. As opções foram suas. Só suas (BICUDO, 2014c, p. 139-140).

Em “Juntando os cacos”, vemos, novamente, o poder dos deuses do Himalaia determinando o curso das ações e o destino dos jogadores. Desta vez, a conversa ficcional que permeia a crônica é entre o narrador-cronista e o presidente do conselho divino. Todavia, tal diálogo não se manifesta pelo discurso direto com o uso explícito dos travessões, demarcando a fala de cada personagem como no caso da crônica anterior, mas pelo uso do discurso indireto, no qual o narrador, em primeira pessoa, conta como se sucedeu o diálogo.

Arrisquei então durante a longuíssima madrugada, ponteiros do relógio que se arrastavam, tentar contato com o presidente do conselho divino. Foi solícito, apesar do adiantado da hora. Deuses não dormem. Consegui entrevistá-lo. Fiquem sossegados – era ele mesmo, não um sócia. Chequei. Não aceitei só cartão de visitas. Pedi até as digitais. Exame de DNA. Pois vossa senhoria, a entidade máxima espiritual da bola, me garantiu que os deuses do ludopédio estão dispostos a generosamente nos oferecer, sem custos adicionais de qualquer espécie, um conjunto de ideias para a refundação do futebol brasileiro (BICUDO, 2014a, p. 153).

Em outro caso de ficcionalização, Bicudo incorpora um torcedor porta-voz dos defensores do escrete por meio de uma carta inventada por ele, ao se insurgir contra as maiores autoridades do futebol brasileiro. Em “Marin, Del Nero e cia – peçam para sair!”, o cronista direciona o seu discurso patriótico para tecer severas críticas aos políticos da CBF. Ao assumir a figura de um representante da “pátria de chuteiras” no texto, Bicudo exprime, no plano discursivo pelo uso da terceira pessoa do plural, todo o aparente sentimento uníssono dos amantes da seleção tanto de decepção e humilhação sofridas em campo como de inconformismo com a gestão corrupta do futebol brasileiro.

Perder de sete da Alemanha numa semifinal de Copa do Mundo não é algo natural, normal. É inaceitável. Vocês, senhores gestores (adoro essa palavra!), estão jogando na lata do lixo a linda história do futebol brasileiro. Viramos motivo de chacotas, no mundo todo. Até o Taiti resolveu desafiar a Seleção para uma pelada. Vá lá, para quem só consegue mesmo enxergar cifrões, talvez seja difícil, bem complicado compreender a importância que a Seleção tem para o povo brasileiro (e uso essa expressão de propósito mesmo, com consciência), o papel que a canarinho cumpre como um dos elementos constituintes de nossa identidade cultural. Nunca antes na história desse país. Precisamos de uma reviravolta de métodos, revolução de mentalidades. E essas mudanças, profundas, doloridas, demoradas, difíceis, que serão marcadas por idas e vindas, não passam por vocês, burocratas da Confederação. Ao contrário – queremos que estejam bem longe. Não atrapalhem. Não temos fórmulas prontas. Mas carregamos conosco todos os sonhos do mundo (BICUDO, 2014b, p. 165-166).



Além da construção de fabulações por intermédio da invenção de diálogos, outro elemento ficcionalizante, que subjaz nas crônicas de Bicudo, é a exploração do lúdico por meio da invenção de situações, aparentemente, impossíveis de se realizarem no mundo real e que, no entanto, verifica-se verossímil no plano ficcional. Em “A Alemanha de novo no caminho do Brasil”, o cronista ficcionalizou um fato do mundo real – a estadia da seleção brasileira durante a Copa América de 2015 em um hotel chileno, que se localiza na Avenida Alemanha – e criou uma série de pequenos causos dramáticos envolvendo os jogadores da seleção.

Na recepção, momento do check-in, o funcionário sorridente tentou ser simpático e avisou: “o sétimo andar está todinho reservado para vocês. Ninguém vai importuná-los. Prometemos”. Como? O quê? O número reverberou como uma bomba. Neymar tentou argumentar, encostou no rapaz do hotel e sussurrou algo, colocando a mão na boca para evitar leitura labial. Robinho até achou legal. “Me lembro das sete pedaladas que mandei no Rogério na final do Brasileirão de 2002”. A balbúrdia foi geral. “Sete? Sétimo?”. Gritaria. Braveza. “No sétimo não dá. Não vou subir sete andares. Não vou apertar botão sete no elevador. Só pode ser sacanagem, armação”, berrou Thiago Silva, aos prantos. Quando soube que o apartamento em que ficaria seria o 71, só conseguiu dar sete passos e sentar numa bola que estava encostada num canto e lá ficou, parado, inerte, a mirar o infinito (BICUDO, 2016b, p. 132).

Caso semelhante de fabulação ocorre na crônica “Felipãozinho vermelho, um conto de fadas”, em que o cronista desloca Felipão para o universo dos contos de fadas na função da criança e protagonista do clássico infantil, *Chapeuzinho vermelho*, de Charles Perrault. Nessa versão modificada, são atribuídos novos significados aos significantes, como a figura do lobo mau, cujo papel é de um animal ameaçador e que agora é, simbolicamente, representado pela imprensa. Desamparado pela sua família, no caso, o restante da comissão técnica, durante o passeio pelo bosque, Felipão é surpreendido pelos jornalistas que estavam à espreita, escondidos no mato e prontos para abordá-lo com perguntas capciosas a respeito do 7 a 1.

Vou dar um passeio no bosque. Pela estrada afora, quero ir bem sozinho. O conselheiro Parreira, fazendo as vezes de uma mãe cuidadosa, sempre a postos para ajudar, preparou imediatamente uma pequena cesta com comes e bebes. Doces, salgados e sucos. Na tampa, a marca de outro patrocinador. Leve, meu amigo. Você mal tocou na comida. Deixou o prato quase cheio. Pode ser que sinta fome no meio do caminho. Vai te fazer bem. O fiel escudeiro deixou ainda um alerta: Felipão, cuidado, prefira a trilha que fica à esquerda dos campos de treinamento. Não vá pelo caminho do rio. Passe longe dali. É perigoso. Recebi um relatório ultra secreto e muito detalhado, feito pelo Gallo e pelo Roque Junior, que revela que há muitos jornalistas que fazem perguntas indiscretas acampados ali. São abutres esperando as presas. São lobos maus em pele de carneirinho (BICUDO, 2014d, p. 169-170).

## 6 FIM DE JOGO

Este trabalho foi uma tentativa de contribuição ao campo dos Estudos Culturais em sua árdua tarefa de desmistificar a estereotipada imagem do futebol como ópio do povo e instrumento político de alienação das massas. À luz de importantes conceitos teóricos que abarcam os Estudos Literários, a pesquisa corroborou a noção desse esporte, engendrado na cultura brasileira há mais de um século, como um elemento identitário do povo e, conseqüentemente, também formador do caráter de uma nação mestiça que subverteu as amarras coloniais para traçar a sua própria história.

Na missão de compreender as vicissitudes do futebol como uma extensão viva de nossa própria sociedade e manifestação cultural fidedigna brasileira, tal qual se caracteriza o samba, o candomblé, o carnaval e a capoeira, o trabalho visou ao alcance de seus objetivos acerca da crônica, com base em uma visão menos ortodoxa sobre o tema central. No decorrer da pesquisa, apresentamos a trajetória do gênero no campo esportivo desde os seus primeiros sinais de vida ainda nos folhetins de uma cobertura jornalística elitista durante a fase amadora do futebol, passando pelas transformações estruturais em sua tessitura, preconizadas por Mário Filho e consolidadas por Nelson Rodrigues já no período popular do esporte, até chegar ao cenário contemporâneo dominado pelos portais de notícias, blogs de torcedores, colunas com artigos de opinião de comentaristas, e mesas de discussão em programas televisivos, protagonizadas por ex-jogadores.

Sendo a crônica um dos aparatos teóricos centrais desta pesquisa, deu-se a escolha por Nelson Rodrigues e Francisco Bicudo, representantes de dois tempos da crônica esportiva brasileira – os anos de 1950-1960 e o século XXI, respectivamente – para compor o quadro comparativo no que tange à aplicação de elementos ficcionalizantes na escritura dos cinco escritos selecionados de cada um. O recorte escolhido para a análise das crônicas se situou, temporalmente, nas duas únicas edições da Copa do Mundo em solo brasileiro, nas quais a seleção sofreu as suas mais trágicas quedas: o 2 a 1 para o Uruguai e o 7 a 1 diante da Alemanha. Anos depois do *Maracanazo*, Nelson constrói, dramaticamente, uma narrativa mítica em torno da derrota de 1950, ao projetar, em seus escritos, a ideia de uma trajetória heroica da nação por meio do simbolismo do jogo de futebol.

Em 2014, vimos efeito semelhante tomando, como exemplo, as crônicas de Bicudo em meio ao processo que está sendo construído de mitificação do *Mineiraten*. No entanto, não se

verificou uma narrativa do trauma como em 1950, pois, o discurso que se formou após o 7 a 1 e perpetua no imaginário dos torcedores brasileiros é exorcizado pelo tom humorístico e ridicularizante. Ao contrário do inesperado revés de uma seleção que vinha jogando em alto nível diante de mais de 200 mil pessoas – e conferiu um elemento trágico ao episódio do *Maracanazo* –, tal efeito não se repetiu na segunda grande queda do escrete. Não havia o mesmo sentimento de otimismo e de apoio popular tanto da imprensa como dos torcedores em relação ao time de Felipão, de tal forma que os resultados pragmáticos, desde o início do torneio, provaram que a equipe era um deserto de ideias em campo, diferentemente, do que acontecera com a seleção de 1950 ao chegar à final após vitórias acachapantes.

Com relação à análise comparada, constata-se, nas crônicas escolhidas de Nelson, a presença forte da oralidade e da hipérbole como demarcadores que contribuem para o processo de ficcionalização de seus textos. Em relação à primeira categoria, observa-se que Nelson emprega um discurso direto e utiliza de vocativos e locuções conjuntivas – como recursos estéticos – a fim de endossar suas opiniões. Além disso, ele recorre a uma linguagem coloquial para estreitar a comunicação com o seu leitor. Já, em Bicudo, a oralidade está perceptível nas intertextualidades com a cultura popular, nas expressões corriqueiras e nos diálogos simples entre os personagens, mas, sobretudo, com tais estratégias sendo entremeadas por um tom de desabafo que percorre a maior parte de suas narrativas.

No que tange ao segundo elemento ficcionalizante, a hipérbole, Nelson potencializa o seu discurso dramático ao abusar das redundâncias e de advérbios absolutos. Em suas mãos, as palavras são, a todo o tempo, elevadas à máxima significação, como se, da embriaguez delas, isto é, dessa extrapolação de sentidos, o futebol alcançasse a sua condição de metonímia da vida (SILVA, 2014). Nas crônicas de Bicudo, a hipérbole aparece ao descrever a magnitude da derrota da seleção para os alemães e no decorrer das situações que são ficcionalizadas pelo escritor, ou seja, quando ele fabula pequenas histórias envolvendo seus personagens, como nos textos em que Felipão conversa com os deuses do futebol (BICUDO, 2014a, 2014c) e os jogadores do escrete convivem com as sombras da humilhação sofrida nas semifinais (BICUDO, 2016b).

A despeito do terceiro aspecto ficcionalizante, na fabulação, ao contrário do que é, costumeiramente, observado nas crônicas de Nelson, verifica-se uma escassa presença de personagens inventados pelo dramaturgo nos escritos que remetem diretamente à derrota de 1950, tanto que, das cinco crônicas analisadas, apenas em “O quadrúpede de 28 patas” o cronista cria uma figura. Já, em Bicudo, apesar de as presenças da oralidade e da hipérbole

não serem tão marcantes como em Nelson, o que se constata em demasia nos seus textos é justamente a invenção de personagens e situações. É com base na criação de um efeito sobre um suposto real por meio dessas duas estratégias que permeiam os seus escritos sobre o 7 a 1, que o jornalista se posiciona perante o mundo. Como o próprio Bicudo reitera no prefácio de seu livro *Crônicas boleiras*, “o futebol é o divã catártico onde exorciza os seus anjos e demônios” (BICUDO, 2016a, p. 19), ou seja, é o espaço onde ele é capaz de externar os seus sentimentos acerca das relações humanas, do caráter do homem e dos rumos da nação.

Nelson e Bicudo se assemelham em muitas das características provenientes do gênero, como na construção de uma relação próxima com o leitor por meio do uso de uma linguagem ao rés do chão, simples e sem rebuscamentos. Em suas crônicas, ou melhor, também é possível perceber leituras sobre o futebol, que fogem de uma visão objetiva e pragmática comum no âmbito da cobertura jornalística esportiva tanto de meados do século passado como dos dias atuais. São relatos que subvertem a linguagem padrão do jornalismo esportivo ao desentranharem das experiências pessoais – como expectadores das partidas – o mais profundo âmago de seus sentimentos como amantes do futebol. Sem se preocuparem com uma narração apurada, um tipo de precisão na transmissão dos fatos, eles coadunam com as emoções dos torcedores ao darem vazão às suas subjetividades. Por esses fatores e pelo que foi verificado no decorrer do trabalho, podemos considerar as crônicas de Nelson Rodrigues e Chico Bicudo como verdadeiros escritos de alma.

A contiguidade das crônicas de Nelson e Bicudo, também, manifesta-se no tom patriótico, na defesa incondicional do futebol brasileiro e na paixão desmedida pelo esporte. Os dois cronistas veem as seleções como vítimas de seu tempo, seja devido ao complexo de inferioridade fomentado por uma tradição de pensamento europeizante da sociedade, seja em função da vilania de políticos que mandam e desmandam no futebol brasileiro. Os atletas, em si, tanto em Nelson como em Bicudo, são defendidos em diferentes graus, ora sendo enaltecidos, ora aparecendo no papel de sofredores.

No cômputo geral, Chico Bicudo é apenas um recorte da cena contemporânea da crônica brasileira, portanto, não reflete com total precisão a atual tendência dos escritos cotidianos sobre o futebol. Para isso, haveria de se investigar mais autores da atualidade, seja para negar, seja para corroborar a hipótese de uma falência criativa do gênero. Entretanto, a análise elucidou que, mesmo espaçadamente, ainda existem crônicas que retomam as raízes, as características literárias genuínas do gênero, ao falar desse esporte de maneira tão intensa como se verificava nos tempos de Nelson Rodrigues.

Futebol é retrato da vida. Um ambiente catártico em que o jogo representado no campo simboliza a imbricada relação do homem com o mundo, em meio às suas angústias diárias e conflitos existenciais mais profundos. Um lugar onde jogadores adquirem formas divinas e demoníacas. Um espaço, tal como a ficção, que manifesta o espírito lúdico do ser humano ao libertá-lo das amarras do utilitarismo da vida. É desse poder do imaginário – advindo de crônicas como as de Nelson Rodrigues e Chico Bicudo – que surge o fio de esperança vital no combate à linguagem fria e mortificante do atual jornalismo esportivo. À semelhança dos vaga-lumes, esses escritos de alma insistem em sobreviver, fulgurando-se na escuridão deste tempo como lampejos de inspiração para novas gerações de cronistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Crônicas de Nelson Rodrigues:

RODRIGUES, Nelson. O divino delinquente [1963]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a, p. 102-104.

\_\_\_\_\_. Um escrete de feras [1969]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b, p. 141-144.

\_\_\_\_\_. A Copa do apito [1966]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993c, p. 132-134.

\_\_\_\_\_. O quadrúpede de 28 patas [1958]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993d, p. 49-50.

\_\_\_\_\_, Nelson. Complexo de vira-latas [1958]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993e, p. 51-52.

\_\_\_\_\_. À sombra dos criolões em flor [1969]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993f, p. 148-151.

\_\_\_\_\_. A vergonha [1966]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993g, p. 129-131.

\_\_\_\_\_. O passarinho [1956]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a, p. 11-12.

\_\_\_\_\_. Sobrenatural de Almeida [1968]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b, p. 138-139.

\_\_\_\_\_. Utopia fatal [1966]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994c, p. 129-130.

\_\_\_\_\_. A eternidade de Barbosa [1959]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994d, p. 68-70.

\_\_\_\_\_. O drama das sete Copas [1966]. In: CASTRO, Ruy (Org.). *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994e, p. 112-119.

\_\_\_\_\_. Os nossos irmãos suecos [1957]. In: RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro: Agir, 2007a, p. 184-186.

\_\_\_\_\_. Rigoletto de lança-perfume [1956]. In: RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro: Agir, 2007b, p. 40-42.

\_\_\_\_\_. Freud no futebol [1956]. In: RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007c, p. 64-66.

\_\_\_\_\_. A pobre derrota [1957]. In: RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007d, p. 218-220.

\_\_\_\_\_. Meu personagem da semana: a cusparada [1957]. In: RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007e, p. 293-295.

#### Crônicas de Chico Bicudo:

BICUDO, Francisco. Manifesto em defesa da crônica boleira [Texto de apresentação]. In: BICUDO, Francisco. *Crônicas boleiras*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2016a, p. 11-20.

\_\_\_\_\_. A Alemanha de novo no caminho do Brasil [2015]. In: BICUDO, Francisco. *Crônicas boleiras*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2016b, p. 131-134.

\_\_\_\_\_. Juntando os cacos [2014]. In: BICUDO, Francisco. *Memórias de uma Copa no Brasil*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2014a, p. 151-156.

\_\_\_\_\_. Marin, Del Nero e cia – Peçam para sair! [2014]. In: BICUDO, Francisco. *Memórias de uma Copa no Brasil*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2014b, p. 163-167.

\_\_\_\_\_. Felipão recebe uma ligação [2014]. In: BICUDO, Francisco. *Memórias de uma Copa no Brasil*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2014c, p. 139-144.

\_\_\_\_\_. Felipãozinho vermelho, um conto de fadas [2014]. In: BICUDO, Francisco. *Memórias de uma Copa no Brasil*. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2014d, p. 169-174.

#### Crônicas do blog *Impedimento*:<sup>59</sup>

CASSOL, Daniel. O penúltimo dia da Copa. *Impedimento* [versão eletrônica]. 13 jul. 2014.

CECONELLO, Douglas. Anatomia de um fiasco: o complexo de Cachorro Grande. *Impedimento* [versão eletrônica]. 8 jul. 2014.

IAMIN, Leandro. Baixinho para mamãe não ouvir. *Impedimento* [versão eletrônica]. 11 jul. 2014.

SANT'ANGELO, Felipe. Os outros. *Impedimento* [versão eletrônica]. 15 jul. 2014.

SANTOS, Luís Felipe dos. O Barbosa perfeito. *Impedimento* [versão eletrônica]. 9 jul. 2014.

#### Colunas de opinião sobre o *Mineirätzen*:

---

<sup>59</sup> As cinco crônicas de o *Impedimento* mencionadas no trabalho não estão mais disponíveis na internet. Após o fim da Copa do Mundo de 2014, os cronistas encerraram as atividades do blog e, conseqüentemente, as páginas dos referidos textos foram apagadas. É possível ter acesso às crônicas por meio de um dos fundadores, Douglas Ceconello, pelo correio eletrônico: impedimento@gmail.com.

COELHO, Paulo Vinícius. Da anatomia de uma derrota à autópsia de uma campanha. O Brasil sofre a maior derrota em cem anos de seleção. *ESPN Brasil/UOL* [versão eletrônica], São Paulo, 8 jul. 2014. Blog do PVC, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/KdW9c3>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

GRECO, Antero. 1950 terminou em 8/7/2014. *Estadão* [versão eletrônica], São Paulo, 9 jul. 2014. Coluna do Antero, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/k61Hf2>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

KFOURI, Juca. O massacre do Mineirão. *UOL Esporte* [versão eletrônica], São Paulo, 8 jul. 2014. Blog do Juca, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/Juk6au>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

PRATA, Antonio. Gol da Alemanha. *Folha/UOL* [versão eletrônica], São Paulo, 20 jul. 2014. Coluna do Antonio Prata, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/5mJZwP>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

SÁ, Xico. Tristeza agora tem fim: 2014 está longe de ser 1950. *Folha/UOL* [versão eletrônica], São Paulo, 9 jul. 2014. Blog do Xico, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/HwwvWG>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

TORERO, José Roberto. Crônica: ‘Obrigado’, diria o técnico da seleção de 1950 a Felipão. *Folha/UOL* [versão eletrônica], São Paulo, 9 jul. 2014. Folha na Copa 2014, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/Jod7fK>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

VERISSIMO, Luis Fernando. Os seis minutos. *Estadão* [versão eletrônica], São Paulo, 10 jul. 2014. Coluna do Veríssimo, sem página. Disponível em: <<https://goo.gl/BkVovf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

#### Notícias:

ESTADO, Agência. Brasil sofre a maior derrota em sua história de 100 anos no futebol. *Estadão* [versão eletrônica], São Paulo, 8 jul. 2014. Caderno Esportes. Disponível em: <<https://goo.gl/WXBg5W>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

LANDIM, Wikerson. 13 memes que ilustram a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo. *Tecmundo* [versão eletrônica], 9 jul. 2014, Caderno Mercado. Disponível em: <<https://goo.gl/5JzUcg>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

LINARES, André; MATTOSO, Camila; BORGES, Lucas; COBOS, Paulo. Maracanazo foi trágico, ‘Minerazo’, a maior vergonha do Brasil. *ESPN Brasil/UOL* [versão eletrônica], São Paulo, 8 jul. 2014. Caderno Esportes. Disponível em: <<https://goo.gl/6f1VgC>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

ROXO, Sérgio; HERDY, Thiago. PM de SP usa tropa de choque para conter protestos em escalada de violência: confronto ocorreu quando lideranças do ato negociavam mudança no trajeto da manifestação. *O Globo* [versão eletrônica], Rio de Janeiro, 13 jun. 2013. Caderno Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/CuVLBA>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

#### Entrevistas:



BICUDO, Francisco. Sem título [13 out. 2016], Belo Horizonte. Entrevista concedida a Gabriel Canuto Nogueira da Gama.

CASTRO, Ruy. Ruy Castro: "Como Nelson Rodrigues era míope e não enxergava os corpos, teve que enxergar as almas" [20 set. 2017], Lisboa: *Time Out*. Entrevista concedida a Maria Ramos Silva. Disponível em: <<https://goo.gl/9sLCgf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

#### Palestra:

BICUDO, Francisco. Crônicas esportivas, com o Professor Francisco Bicudo. CJE. São Paulo/SP: ECA/USP. 15 set. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/uWPMgK>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

#### Imagens:

10.251: MEGA almanaque: a copa do mundo de 1950. [S.l.]: Mega Arquivo, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/nmMcj6>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

HUMILHAÇÃO, massacre, complexo do Alemão: as capas do 7 a 1 pelo mundo. [S.l.]: Globo Esporte, 08 jul. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/YaXrLy>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

URUGUAI silencia 200 mil pessoas no Brasil e celebra sua segunda copa. [S.l.]: UOL, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/Kbh4Qc>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

#### Bibliografia geral:

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BABO, Maria Augusta. *Ficcionalidade e processos comunicacionais*. Conferência proferida na Faculdade de Letras da U. L – Universidade Nova de Lisboa, 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/iCRDyC>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

BAKHTIN, Mikhail (1979). *Estética da criação verbal*. 2ª ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. (1929). O discurso de outrem. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 144-154.

BARRETO, Lima. "Não queria, mas...". In: *Toda a Crônica* (vol. B). Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 526.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia* [1964]. Tradução de Izidoro Blikstein. 16ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. Texte (théorie du). In: BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes*. Tome II (1966-1973). Édition établie et présentée par Eric Marty. Paris: Seuil, 1994, p. 1677-89.

BASTOS, Pedro Paulo Z.; FONSECA, Pedro Cezar D. (Org.). *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRAUNER, Eugenio. *Entre as quatro linhas: da crônica sobre o futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista*. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

BRINATI, Francisco Angelo. Seleção Brasileira, identificação nacional e imprensa: a representação do “Mineiraten” na Folha de S. Paulo e O Globo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 402-414, out. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/fQvivC>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. *Maracanazo e Mineiraten: imprensa e representação da Seleção Brasileira nas Copas de 1950 e 2014*. Curitiba: Prismas, 2016.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia, Heitor Megale*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CAMPOS, Flávio de. A Copa da política em um país do futebol. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de 2014 no Brasil*. São Paulo: Ludens, 2015, p. 31-38.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. 374 f. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHADE, Jamil. *A Copa como ela é: a história de dez anos de preparação para a Copa de 2014*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999 (Humanitas).

CORNELSEN, Elcio Loureiro. *A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”*. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, [S.l.], v. 11, p. 175-203, out. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/fRTKMt>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Elcio Loureiro. A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa. *Esporte e Sociedade*, ano 8, v. 21, p. 1-15, 2013.

\_\_\_\_\_. Elcio Loureiro. As imagens de um gol fatídico e seus mitos no imaginário da derrota. In: Elcio Loureiro Cornelsen; Elisa Maria Amorim Vieira; Gonzalo Leiva Quijada. (Org.). *Em torno da imagem e da memória*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, v. 1, p. 57-76, 2016.

CORTEZE, Késia Costenaro. *O jogo que nunca acabou: a permanência do Maracanazo no imaginário dos brasileiros e suas reatualizações contemporâneas*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

COSTA, Leda Maria. *Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa*. Tríade: Comunicação e Cultura. jun. de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/A9dypC>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Tese de Doutorado em História, Curitiba: UFPR, 2016.

DAMATTA, Roberto da. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto da (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakothke, 1982, p. 19-41.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. *O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios*. Horiz. antropol. [on-line]. 2013, vol. 19, n. 40, p. 19-63.

DOSSE, François. A biografia, gênero impuro. In: DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da USP, 2009, p. 55-122.

DRAVET, Florence. Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 1994.

FARRUGIA, Beatriz et al. *1950: o preço de uma Copa*. 1ª ed. São Paulo: Letras do Brasil, 2013.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Um teatro milionário (Texto de apresentação). In: JENNINGS, Andrew et al. *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014, p. 7-15.

FONTANA, Mônica. *Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva*. Pernambuco: Anais do Evento PG Letras 30 anos vol. I, 2006, p. 325-333. Disponível em: <<https://goo.gl/g5iLcy>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná, 2009.

\_\_\_\_\_. Razão e paixão: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, Luiz Carlos (Org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí, São Paulo: Ed Fontoura, 2007.

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (Prefácio). In: FILHO, Mário. 1964. O negro no futebol brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. IX-XII, 1964.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991.

HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. Ed. Orig. Paris: PUF, 1950 (póstuma).

HELAL, Ronaldo George; LISBOA, Fábio Aguiar. Do Maracanazo ao Mineiratzen: um estudo da memória a partir das narrativas da imprensa na Copa de 2014. *Logos 44*. Dossiê – Mídia, esporte e cultura, v. 23, n. 1. Disponível em: <<https://goo.gl/T9R4W1>>. Acesso em: 2 out. 2017.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Hospitalidade à brasileira? A cobertura midiática dos jogos da Copa de 2014 no Maracanã. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de 2014 no Brasil*. São Paulo: Ludens, 2015, p. 57-94.

ISER, Wolfgang. Atos de fingir. In: ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1996, p. 13-37.

JAIME, Gustavo Franco de Carvalho Curado. *O triunfo do homem nas crônicas desportivas de Nelson Rodrigues: do discurso teatral aos "idiotas da objectividade" passando pelo paradoxo jornalismo/literatura*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Estudos dos Media e Jornalismo – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/tL9JVf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2005.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/DE4eGc>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

KFOURI, Juca. *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*. São Paulo: Disal Editora, 2014.

KRISTEVA, Julia. *Semiótica do Romance*. 1ª ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

LEGOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ª ed. Tradução de Irene Ferreira (et al.), Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992, p. 419-476.

LOPES, Emília Mendes. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. Belo Horizonte. 267 f. Tese de Doutorado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. <<https://goo.gl/m3jCL5>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese de Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MACEDO, Sheyla Cristina Smanioto. *Entre os pedaços do Real – Sobre o conceito de ficção em Nelson Rodrigues*. Língua, literatura e ensino (Unicamp), v. 4, p. 363-372, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/kW7BZf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2012.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 19ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MORAES, Vinicius de. *Exercício da crônica*. Texto integral disponível em <<https://goo.gl/qsPxQh>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro / Geneton Moraes Neto*. Rio de Janeiro: Ed. Maquinária, 2013.

NASCIMENTO, Edônio Alves. *Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária*. Em Tese, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 63-85, abr. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/mPufxu>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/ysCAEf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu e não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Cortês. *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: Uerj, 1988.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro, Mentor Cultural, 1954.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da Memória e do Esquecimento na História. In: *Letras*, n. 22: “Literatura e Autoritarismo”, Santa Maria/RS, jan./jun. 2001, p. 79-85.

PASOLINI, Pier Paolo. *O gol fatal*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 6 mar. 2005, p.4-5. Tradução de Maurício Santana Dias; título original: II calcio “è” un linguaggio con i suoi poeti e prosatori.

PEDROSA, Milton. *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria e Ed. Gol, 1967.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota – 16 de julho de 1950 – Brasil x Uruguai*. São Paulo: L&PM, 1986.

PESSOA, Fernando Pessoa. Autopsicografia. In: PESSOA, Fernando. *Poesias*. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor). Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995), p. 235. 1ª publicação em Presença, n. 36. Coimbra: nov. 1932.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<https://goo.gl/iA3GHk>>. Acesso em: 1º set. 2015.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<https://goo.gl/SeHRvz>>. Acesso em: 1º set. 2015.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti de. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. *João Saldanha e Nelson Rodrigues*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

ROCHA, Larissa Leda Fonseca; JUNIOR, José Ferreira. *Jornalismo e literatura: hibridismos culturais no comentário*. Rio de Janeiro: Contracampo (UFF), v. 18, p. 97-112, 2008.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985 (Série Princípios).

SANTOS, Luis A. Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Michele; BORGES, Luiz Henrique. *Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras*. e-escrita, Nilópolis, v. 3, n. 3, p. 63, set.-dez, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/sDNFAM>>. Acesso em: 6 de jul. 2017.

SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes. *O futebol em Nelson Rodrigues: crônica esportiva e identidade nacional*. Cadernos de história (Ufop. Mariana, MG), v. 2, p. 5, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEARLE, John R. O estatuto lógico do discurso ficcional. In: *Expressão e significado: estudo da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 95-120.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003, p. 59-89.

SILVA, Jane Quintiliano. *Gênero discursivo e tipo textual*. Scripta. Linguística e Filologia. (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-africanos brasileiros da PUC-Minas). Belo Horizonte, MG: PUC-Minas. Vol. 2, n. 4, 1999.

SILVA, Luciano de Andrade. *O beijo no campo: futebol e literatura a partir de Nelson Rodrigues*. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte. 122 f. Dissertação de Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

\_\_\_\_\_. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. In: *Jornalismo, história, teoria e metodologia – perspectivas luso-brasileiras*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008.

VOGEL, Daisi Irmgard. *Fábulas do gol: As crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da USP, 1994, p. 97-116.

WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZANIN, Luiz. *Nelson Rodrigues e o mito do futebol*. Revista USP, Brasil, n. 96, p. 136-144, fev. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Pfe94U>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

ZIRIN, Dave. *O Brasil dança com o diabo – Copa do Mundo, Olimpíadas e a luta pela democracia*. Lazuli Editora, São Paulo, 2014.



## CRÔNICAS SELECIONADAS DE NELSON RODRIGUES

### O divino delinquente

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos. O uruguaio Obdulio ganhou de nosso escrete no grito e no dedo na cara. Não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio — é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas.

Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosnar, por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós: — “O brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem”. É o que diziam, sim, de nós, com feroz sarcasmo, os craques da Argentina e os craques do Uruguai. Até que vem aquele famoso Campeonato Sul-Americano de 1959. Há o jogo Brasil x Uruguai. E, de repente, estoura um sururu monstruoso. Brigaram até as cadeiras.

Foi uma página de Walter Scott. O próprio Chinesinho, com o seu tamanho de anão de Velasquez, levou e deu bordoadas. Lindo, lindo foi quando Didi tomou distância, correu e saltou. Por um momento ele se tornou leve, elástico, acrobático. E enfiou duas chuteiras em flor na cara do inimigo. Quando parou a guerra e continuou o jogo, demos um banho de bola. Ora, há uma nítida relação entre a passividade de 50 e a agressividade do tal Sul-Americano. As duas coisas estão ligadas e uma justifica a outra.

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que “futebol é bola”. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: — retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: — em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.

Faço a meditação acima para justificar a escolha do meu personagem: — Almir.<sup>60</sup> Alguém dirá que Almir é um delinqüente irrecuperável. Amigos, vamos reexaminar o problema. “Ser ou não ser delinqüente”, “ser ou não ser paranóico”, eis a questão. Mas os

---

<sup>60</sup> Santos 1 x 0 Milan, 16/11/1963, no Maracanã. Almir acertou Amarildo no primeiro minuto de jogo, tirou de campo o goleiro Balzarini e cavou o pênalti, cobrado por Dalmo, que tornaria o Santos bicampeão mundial de clubes.

mesmos que agora exigem a cabeça de Almir, como se ela fosse a de Maria Antonieta, gostam muito de Didi. Eu próprio tenho por Didi uma admiração de macaca-de-auditório. Dei-lhe o nome de “Príncipe Etíope de Rancho”. Mas já diziam os acácios e os pachecos da crônica: fato é fato. E Didi, conforme todo mundo sabe, quebrou a perna de Mendonça.

Estava lá o Armando Nogueira. Ora, o Armando é um lúcido, um sensível e, sobretudo, um justo. O Otto Lara Resende vai mais longe e jura que esse nobre confrade é o único pastor protestante escocês que jamais existiu. Eu pergunto ao pastor escocês que há no Armando se ele, Armando, usou a ênfase de um Moisés ou a ira de um Zola para chamar Didi de “paranóico” ou de “delinqüente”.

Há mais. Ainda o meu amigo Armando Nogueira viu quando, há tempos, Amarildo quebrou Jair Marinho, do Fluminense. Lá saiu o esplêndido zagueiro de maca, e quase de rabeção. O Armando, que é, repito, um justo, foi testemunha ocular e auditiva do fato. Digo “auditiva” porque ele “ouviu” o som inequívoco da fratura. Jogavam Botafogo x Fluminense e um autêntico alvinegro foge do tûmulo para ir torcer.

Não lembro o que escreveu o Armando a respeito. Amigos, ando sofrendo freqüentes lapsos de memória. Mas suponho que o pastor protestante escocês tenha aproveitado a chance para taxar o “Possesso” de “delinqüente” e de “paranóico”. E se poderia citar dezenas, centenas de exemplos. O *match* Chile x Itália, em 62, foi canibalesco. Os adversários só faltavam chupar as carótidas uns dos outros. Em 58, no *match* Suécia x Alemanha, os 22 jogadores agrediram-se a dentadas.

Nós é que vamos exigir, de um jogo de futebol, a cerimônia, a polidez, a correção de uma sessão da Câmara dos Comuns? O meu amigo Armando Nogueira se horroriza com o meu personagem da semana como se este tivesse inaugurado o *foul* no futebol. Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: — a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime na vitória do Santos é que, atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico.

O Santos é uma equipe assassinada, e repito: — assassinada pela inépcia e desumanidade de seus dirigentes. Nenhuma equipe terrena pode jogar tanto sem se morrer. E, contra o marcadíssimo Milan, o glorioso time ruía aos pedaços, estrebuchava, agonizava. Nunca houve cansaço tamanho. E, apesar disso, ganhou do Milan na mais linda reação que se conhece. Ganhou duas vezes. Por que agredir a vitória não de um time, mas do homem brasileiro? Por que esse ressentimento inconfesso, mas nítido, contra o Santos? Mas voltemos

ao meu personagem da semana. Teve uma grande e cálida atuação no feito brasileiro. Será “paranóico” porque chutou Amarildo? E Didi, e o próprio Amarildo, e tantos outros? Por justiça, o meu amigo pessoal Armando Nogueira devia aparecer na boca de cena para declarar: “Meus senhores e minhas senhoras. Só vejo paranóicos na minha frente”.

[*O Globo*, 18/11/1963]

## A eternidade de Barbosa

Amigos, o velho Barbosa está fora do Brasil. Mas não importa e explico: — a ausência do verdadeiro craque é tão ativa, militante e absorvente como a presença viva. Só o perna de pau consegue ser esquecido. Um Barbosa, não. Está na longínqua e quase inexistente Escandinávia e continua sendo fato, continua sendo notícia. Ausente dá uma sensação de presença física.

O velho Barbosa! Digo “velho” e já retifico: — não é velho coisa nenhuma. Amigos, não existe a menor relação entre Barbosa e a sua idade. Ou melhor: — idade e pessoa não coincidem no arqueiro vascaíno. Ele tem o quê? Uns 37, 38 anos. Para as outras atividades, o sujeito pode ter isso ou mais, impunemente. Mas o tempo, no futebol, é rapidíssimo. Um minuto vale um mês ou mais. E, aos 37 anos, o indivíduo é gagá para a bola, e insisto: — o indivíduo baba de uma velhice irremediável. A própria bola, o refuga e trai. E Barbosa continua notícia, continua fato pelo seguinte: — porque é eterno.

E quando Barbosa joga acontece apenas isto: — ele esfrega a sua eternidade na cara da gente. Há dias, escrevi, aqui mesmo, que se trata da eternidade mais viçosa já ocorrida no futebol brasileiro. No comum dos mortais, a vida é uma luta corpo a corpo contra o tempo. O sujeito olha a folhinha e toma um susto ao verificar que estamos em 59. 1959! É o caso de perguntar: — “Já?”. Sim, amigos: — Já! Para Barbosa o problema de folhinha e de relógio não existe. É o homem sem tempo, que esqueceu o tempo, que vive sem o tempo, muitíssimo bem. Há os que rosnam: — “Barbosa pinta os cabelos!”. De fato, tem já cabelos brancos. Aí o único detalhe de velhice na sua figura ágil, elástica, acrobática.

O problema do arqueiro, porém, não se resume ao desgaste físico. Não. Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional. Debaixo dos três paus, parado, dá ideia de um chupa-sangue que não faz nada, enquanto os outros se matam em campo. Ilusão! Na verdade, mesmo sem jogar, mesmo lendo gibi, o goleiro faz mais do que o puro e simples esforço corporal. Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade eterna do futebol: — o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol, e, numa palavra, a derrota.

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado “frango” de Barbosa.

Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: — “Aqui jaz Fulano, assassinado por um frango”. Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: “Esse camarada não morre mais!”. Não morreu e pelo contrário: — está cada vez mais vivo.

Nove anos depois de 50, ele joga contra o Santos, no Pacaembu. Funcionou num time de reservas contra um dos maiores, senão o maior time do Brasil. E foi trágico, amigos, foi trágico! Começa o jogo e, imediatamente, Pelé invade, perfura e, de três metros, fuzila. Fosse outro, e não Barbosa, estaria perguntando, e até hoje: — “Por onde entrou a bola?”. Barbosa defendeu e com que soberbo descaro! Daí para frente, a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista.

Foi patético, ou por outra — foi sublime. E porque, na sua eternidade salubérrima, ainda fecha o gol, eu faço de Barbosa o meu personagem da semana.

[*Manchete Esportiva*, 30/5/1959]

## Complexo de vira-latas

Hoje, vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: — menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas, e sessenta milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia

chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?”.

Eu explico. Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

[*Manchete Esportiva*, 31/5/1958]

## O quadrúpede de 28 patas

Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.

Escrevi acima que o torcedor não é um desarmado e provo. De fato, ele possui uma arma irresistível: — o palpite errado. Empunhando o palpite, dá cutiladas medonhas. Vejam o primeiro jogo com os paraguaios. Vencemos de cinco<sup>61</sup> e podia ter sido de dez. Fizemos do adversário gato e sapato. Ora, para uma primeira apresentação foi magnífico ou, mesmo, sublime. Mas quando saí do Maracanã, após o jogo, vejo, por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos. Mais adiante, esbarro num amigo lúgubre. Faço espanto: — “Mas que cara de enterro é essa?”. O amigo rosna: — “Estou decepcionado com o escrete!”. Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor do que cair de um terceiro andar. Instantaneamente, vi tudo: — o meu amigo era ali, sem o saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo.

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuíam-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

E, no entanto, vejam vocês: — o escrete visitante, que nos parecia de vira-latas, acabara de vencer e desclassificar a “Celeste” e bater a enfática Argentina. Mas, para cuspir na vitória brasileira, o nosso torcedor fingiu ignorar a real capacidade, a indiscutível classe do adversário. Veio o segundo jogo, no campo careca e esburacadíssimo do Pacaembu. Houve um empate, que teve para o Brasil o gosto de uma semiderrota. Desta vez, porém, nada de choro, nada de vela. Por toda parte, só se viam caras incendiadas de satisfação. Com o olho rútilo e o lábio trêmulo, o torcedor patricio lavava a alma: — “Eu não disse?”. Os pernas-de-pau não eram mais os paraguaios, eram os brasileiros. E está-se vendo esta vergonha: — um escrete, que começou vencendo, já é vítima de uma negação frenética. Há gente torcendo para que ele apanhe de banho na Suécia.

---

<sup>61</sup> Brasil x Paraguai, 4/5/1958, no Maracanã; Brasil 0 x 0 Paraguai, 7/5/1958, no Pacaembu. Jogos preparatórios para a Copa de 1958.



Eis a verdade, amigos: — tratam do craque, tratam da equipe e esquecem o torcedor, que está justificando cuidados especiais. Que estímulo poderá ter um escrete que é negado mesmo na vitória? A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Durma-se com um barulho desses!

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro.

A propósito, eu me lembro de um amigo que vivia, pelas esquinas e pelos cafés, batendo no peito: — “Eu sou uma besta! Eu sou um cavalo!”. Outras vezes, ia mais longe na sua autoconsagração; e bramava: — “Eu sou um quadrúpede de 28 patas!”. Não lhe bastavam as quatro regulamentares; precisava acrescentar-lhe mais 24. Ora, o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana.

[*Manchete Esportiva*, 17/5/1958]

## A pobre derrota

O que houve com o Brasil x Uruguai, quinta-feira, tem uma nítida e taxativa relação com o Mundial de 50. Perdemos o título máximo por quê? Porque tínhamos vencido, dias antes, a Espanha, de sete. A goleada subiu-nos à cabeça, deu-nos uma euforia suicida. Ao entrarmos, para o último compromisso, que devia ser uma mera formalidade, éramos campeões, para todos os efeitos. E perdemos da maneira mais inesperada, brutal e humilhante. Passam-se os anos e a situação se repete, com pequenas variantes. Enfrentamos a mesma “Celeste” depois de outra goleada. Os 9 x 0 contra a Colômbia, realmente, pareciam cobrir de condecorações o peito do escrete. Como em 50, tudo parecia antecipar a vitória brasileira. O quadro estava em forma espetacular, com um moral tremendo. E havia, além do mais, um outro fator considerável: ao contrário de 50, a equipe uruguaia era uma paródia de si mesma e estava longe de exprimir o poderio máximo do seu país. Tínhamos a obrigação de vencer e perdemos. Diante da derrota que, possivelmente, nos custará o título, cabe insistir na pergunta: por que perdemos? Em primeiro lugar, porque nada há de mais desmoralizante para o futebol brasileiro que a vitória fácil. Reparem: depois de um grande triunfo, o craque do Brasil perde o élan, a gana, a garra e, numa palavra, a personalidade. Pelas nossas características pessoais, não temos o direito de lavar ninguém de 9 x 0, sob pena de uma queda imediata, vertical e irremediável. Quem escutou a irradiação há de ter percebido que nós fomos derrotados, não pelos 3 x 2, mas pelos 9 x 0. Além disso, houve mais: os frangos que Gilmar se permitiu, com a maior e mais cordial tranquilidade. Falemos, também, no colapso de uma defesa, que não marcava, que foi um sossego para os uruguaiois. Mas teria sido a defesa a única culpada? Não nos parece. Eis a verdade: o ataque também não funcionou. Faltou-lhe penetração, faltou-lhe velocidade, faltou-lhe decisão para o gol. A linha brasileira parava nas proximidades da grande área uruguaia. Não ia até lá. De resto, durante todo o jogo não fez outra coisa senão reincidir numa costura estéril e desesperadora. Estariam os brasileiros intimidados pelos zagueiros e médios uruguaiois, que são duríssimos, nas imediações do seu arco? Não saberíamos dizê-lo. Seja como for, uma coisa é certa: não é com tico-tico que se vence um time bravo e combativo como o do Uruguai. A meu ver, porém, os defeitos acima emanaram de uma deficiência maior e irremediável. Refiro-me à direção técnica, que se omitiu da partida ou por outra: só veio a interferir tarde demais. A derrota não se improvisou. Ela se desenhava desde os primeiros momentos da partida. A partir dos primeiros vinte minutos, Brandão teve, diante de si, a fisionomia definitiva do *match*. Cabia-

lhe, então, antecipar-se à derrota. Mas, em vez de fazer as substituições, que poderiam dar à equipe do Brasil uma estrutura mais harmônica e poderosa, cruzou os braços. Tal como Flávio Costa no Brasil x Uruguai de 50. Naquela ocasião, Flávio não podia substituir, é certo. Mas podia, sim, influir na peleja com sucessivos recursos táticos. Brandão não mudou ninguém e por outro lado deixou que o escrete ficasse petrificado nos mesmos defeitos. Acordou quando já estávamos liquidados. Fizemos dois gols fulminantes, mas, nessa altura, o nosso mal não era técnico, nem tático: era uma crise de vontade, de entusiasmo, de personalidade. Por que não substituíram logo Zizinho se era evidente que ele estava congelando o nosso ataque? Não há dúvida: a direção técnica só funcionou diante do irremediável. Foi uma derrota completa: técnica, tática, psicológica, frente a uma “Celeste” desfigurada pelos desfalques. Diante de um fracasso tão feio, a única atitude possível, para todos nós, é a seguinte: observar um minuto de vergonha. Nada mais.

[*Manchete Esportiva*, 6/4/1957]

## CRÔNICAS SELECIONADAS DE CHICO BICUDO

### Felipão recebe uma ligação

O técnico da Seleção Brasileira tinha acabado de chegar ao vestiário. Um por um, foi abraçando os jogadores, testa com testa, olho no olho, palavras de agradecimento pela entrega e dedicação durante a partida. Investiu tempo especial com Thiago Silva e David Luiz, autores dos gols. Estava eufórico com a vitória contra a Colômbia, que garantiu a classificação para as semifinais da Copa. Mas transtornado e preocupadíssimo com a contusão de Neymar. As primeiras informações que chegavam do hospital onde exames de tomografia e de ressonância magnética tinham sido realizados eram ainda desconhecidas. O cheirinho não era bom. Talvez o camisa 10 estivesse fora do Mundial. Entre cumprimentos e tapinhas nas costas, Felipão procurava os médicos. Queria notícias. Precisas. Sem especulações. Foi quando tocou o celular conhecido por poucos, pouquíssimos, quase o telefone vermelho do Batman, usado apenas em situações especialíssimas. Tirou o aparelho do bolso esquerdo da calça do agasalho. O visor não indicava o número. Mostrava apenas ‘chamada privada’. Felipão sabia bem quem era. Atendeu já empinando a carrocinha. Pés no peito.

– Bah, mas o que foi que tu fizeste!? Que palhaçada é essa?

– Felipão...

– Deixar machucar o Neymar?

– Felipão, é o presidente do conselho dos deuses do futebol...

– Porra, sei bem quem é, guri. E sei bem o que aconteceu hoje aqui no Castelão também. Você tinha prometido, craques de todas as seleções nas finais. Conversamos reservadamente quando estive na igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, antes da convocação. Tu me garantiu. O que eu faço agora?

– Felipão, me deixa explicar...

– Não tem explicação. Passou do limite. Mudei, passei a ser mais educado. Mas não tem jeito, são só facadas pelas costas. Vou precisar ser de novo o velho Felipão. Você conhece bem meu estilo. Se não gostar, paciência. Azar. O Neymar, che? Não podia ser o Jô? O Fred? Eu até entenderia...

– Ei! Pode parar por aí! Agora falo eu. Quem convocou o Fred e Jô foi você. Os deuses não têm nada a ver com essa família 2014 que você montou. Tínhamos inclusive divergências.

Nossa lista era outra. Mas respeitamos. Nossa responsabilidade era proteger os atletas. As opções foram suas. Só suas.

– Pois é, já me arrependi. Tu nunca ficaste arrependido? Nunca erraste? Se pudesse, trocava hoje mesmo um dos que chamei.

– Quem?

– Você sabe melhor do que eu. Não me obrigue a dar nomes. Lá sou gaúcho de bigode de oferecer cabeças dos meus comandados?

– Tem gente ouvindo a conversa? Você está sozinho? Por favor, ninguém deve saber que somos confidentes. Não pode vazar. O Murtosa desconfia de alguma coisa? Nem ele, Felipão. Nem ele.

– Ninguém sabe nem vai saber. Estou só, numa salinha escondida. Não enrole, guri. Tu me deve explicações. Convincentes.

– Fomos traídos. A reunião do conselho que discutiu as quartas deliberou, por unanimidade, que os craques estariam sob proteção divina especial. Do jeitinho que acertamos. Foram explicitamente citados Messi, Robben, Schweinsteiger e Neymar. Saímos daqui com esse combinado. Alguém roeu a corda. Atuou em sentido contrário. Mobilizou energias divinas ocultas para machucar o dez brasileiro. Já determinei investigação. Punição severa. Estou desconfiado de que alguém por aqui torce com entusiasmo por uma imagem da Dilma entregando a taça para os argentinos, no Maracanã. Por razões não exatamente desportivas.

– Porra, guri, tu fala das minhas convocações... mas que raios de comandante é você, que não consegue controlar seus subordinados? Não há hierarquia nessa família do Himalaia?

– Talvez alguma entidade esteja com ciúmes do seu sucesso. Sabe como é, segundo título mundial. Provoca melindres mesmo. Tem gente que não lida bem com o sucesso dos outros, tem ressentimento. Pote até aqui de mágoas.

– Deuses lá têm ciúmes, raivas, invejas, ressentimentos?

– Deuses são sempre um pouco humanos. Falíveis. Pecadores. Não tem jeito.

– Ciúmes de homem? Pô, mas está errado. Muito errado. Ciúmes de mulher, vá lá, até entendo. Mas ciúmes de homem?

– Felipão, o fato é que o Neymar não vai mais poder jogar. Não adianta agora ficar divagando sobre que tipo de ciúme é aceitável ou chorando o leite derramado.

– Ah, vá... agora conta outra. E o que você me sugere, sabichão?

– Bem, estou tentando raciocinar. Situação parecida com essa só tínhamos vivido em 1962. Só que lá foi por descuido mesmo. Não achamos que seria necessário fechar o corpo dos

boleiros. Erramos. Equívoco de avaliação. Pelé se machucou. Essa é outra diferença – ninguém quebrou o Rei. Ele se contundiu sozinho. Medida de emergência, forjamos Amarildo, o Possesso.

– Tu quer me dizer que basta encontrar novo Amarildo?

– É isso.

– Guri, tu sabe bem que o responsável por aquele título foi o Garrincha, que jogou por dois. Por três. Pelo time inteiro. Fez gol, cruzou, driblou, marcou no campo de defesa. Fez chover. Não preciso de um Amarildo. Me diga, com sua sobrenatural e onipresente inteligência divina, onde raios eu acho agora outro Garrincha...

– Bernard?

– Ele tem alegria nas pernas. Mas não tem as pernas tortas. Nem é a alegria do povo. Jogou em alvinegro. Mas não era o Botafogo. Não sabe fazer fila de joões. Próximo.

– Difícil.

– Se fosse fácil, tu imagina que eu estaria nessa aflição? Acho que vou convidar uns jornalistas amigos para uma conversa. Preciso me aconselhar, ouvir outras opiniões.

– Não recomendo. Já deu encrenca.

– Ciúmes de homem de novo? Tem jornalistas de quem gosto mais, com quem me dou melhor, ué. Qual é o problema? Vou continuar falando com eles. Não gostou? Vá para o inferno.

– Felipão, tome tento. Olha o palavreado.

– Me desculpe. Estou nervoso. Você não sabe o que é comandar essa Seleção favorita numa Copa no Brasil. Muita pressão, guri. Até ingressos os caras querem que eu arrume. Por acaso sou o Lamine Fofana? E aposto que a FIFA não quer ver o Brasil hexa. Está jogando contra.

– Entendo. Mas você também não faz a menor ideia do que seja administrar espiritualmente um torneio de futebol dessa envergadura. Exige muito. É extenuante. Estamos no limite das nossas forças divinas. As entidades todas se mostram muito cansadas. Não é simples conciliar interesses e egos. E agora, para piorar, ainda tem essa história da traição. Quer trocar de lugar comigo?

– Não guri.

– Tudo bem. Pode ao menos emprestar por algumas horas a Regina Brandão? O pessoal aqui em cima anda meio abalado. Alguns choram muito.

– Empresto. Mas devolve rápido. Ele já marcou um papo com o pessoal na Granja. Seja discreto. Porque essa imprensa daqui me enche o saco. Não entende que essa é a programação

normal, já que estava acertado, que tem um cronograma de atividades. Vivem espalhando boatos, interpretam da maneira que bem entendem. Não tem jeito. Aí entro distribuindo bordoadas mesmo.

– Sejam práticos. Não temos muito tempo. Cuida do corpo. Eu me encarrego dos espíritos.

– Na prática...

– Deixa os jogadores curtirem um pouco o luto. É fundamental. Rito de passagem. Faz o Neymar dormir essa noite na Granja. É importante. Ele precisa falar, chorar, os companheiros precisam chorar, concretizar essa perda. Desde já, levanta o moral dos caras. Motiva. Lembra que agora o Brasil é aventureiro, franco atirador. Tira o peso das costas deles. Apresenta outras situações onde o favorito perdeu. Você sabe fazer isso como poucos. Agora, treina bem. Muito. Como se não houvesse amanhã. Trabalha situações diferentes. Willian, Ramires, Paulinho, Hernanes, Bernard... 4-4-2, 4-3-2-1, 4-3-3, 5-3-2. Sei lá. Despista o técnico da Alemanha.

– Bonito, guri. Bem bacana. Mas até aqui, só eu estou trabalhando. Qual a parte que te cabe?

– Vamos redobrar os cuidados. Prometo. Dessa vez, sem deslizes. Energias positivas, bênçãos e mandingas de todas as naturezas com generosidade especial para a Seleção Brasileira. É situação de exceção. Para ao menos amenizar a besteira que permitimos acontecer. Igualar de novo a disputa. É justo. Dever ético divino. Sai o craque. Entra o Sobrenatural de Almeida.

– Bah. Vão dizer que a Copa foi comprada pelo Brasil.

– Te dei recibo?

– Não.

– E, sem querer ofender, mas tem babaca que vai dizer essa sandice de qualquer jeito, em qualquer situação. Os profetas da fracassomania ainda não se conformaram. Paciência.

– Vou confiar.

– Corre lá para o vestiário. Estão te procurando. E não esqueça – não conte para ninguém que conversamos. Nem para a dona Olga Scolari.

– Dona Olga nem de longe imagina que tenho livre acesso ao Himalaia.

– Até.

– Abraços.

– Felipão...

– Diga, guri. Rápido.

– EU ACREDITO!

[*Memórias de uma Copa no Brasil, 7/7/2014*]

## Juntando os cacos

Quando a volta de Você Sabe Quem era iminente e os sinais de proximidade da batalha final se acumulavam no embalo dos ‘avada kedavra’, o professor Alvo Dumbledore lustrava as varinhas mágicas, preparava os feitiços e sabiamente já alertava: “Harry, serão tempos difíceis”. A hecatombe vivida ontem no Mineirão mandou um recado cristalino como as águas que um dia existiram no sistema Cantareira: se já não estava fácil, o futebol brasileiro vai viver tempos ainda mais difíceis. Conturbados. A ferida está purulenta. Arte. Dói. Sangra. Estamos chafurdando no volume morto. Dumbledore, no entanto, tentou antes de sua morte mostrar a Harry e seus amigos que Lord Voldemort, embora expressão máxima de um mundo triste e obscuro, não andava sozinho. Vivia acompanhado de professores das trevas, dementadores, comensais da morte, bruxos que não sabiam muito bem se estavam lá ou cá, seguidores permeados por dúvidas, agentes dissimulados. Como sou fã confesso do diretor da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, nos acertos, desvios e contradições que ele sempre carregou, não esperem de mim porradas nos jogadores. Não vou apontar dedo para culpados. Não vou demonizá-los. Não vou queimar uma geração que, se não é espetacular, é bem boa. Se a ideia é reconstruir, refundar, resgatar o verdadeiro futebol brasileiro, e não só detonar, esse processo passa necessariamente por Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Luis Gustavo, Oscar, Neymar, Willian... Não vou ajudar a forjar novos Barbosas. Ainda no campo, ontem, disposto a terceirizar responsabilidades, Felipão chegou a passar a mão no celular secretíssimo. Fez menção de ligar para o presidente do conselho dos deuses do futebol. Queria espinafrear a divindade, que havia prometido proteção extra para a Seleção Brasileira na semifinal. O gaúcho de bigode recuou quando acessou, via celular, um e-mail que havia chegado do Himalaia. Urgente, cravava a mensagem. Resumidamente, tom lacônico, distante, sem a intimidade verificada em papos anteriores, dizia “nem tente nos culpar. Por sua conta e risco, você resolveu mandar a campo um time que jamais havia treinado junto. Que temeridade. Depois do segundo gol da Alemanha, crônica de um massacre anunciado, meio de campo completamente entregue aos panzers germânicos, você sentou no banco de reservas. Imóvel. Impávido colosso. De lá só saiu quando o jogo terminou. Converse com o seu amigo Muricy. Pergunte a eles quais as lembranças que tem daquele passeio que levou do Barcelona, quando dirigia o Santos, na final do Mundial Interclubes de 2011. Será que você viu aquela decisão? Será que você acompanhou os jogos da Alemanha nos últimos quatro anos? Vá se catar. É a nossa vez de te mandar para o inferno. Há coisas na vida que são bem mundanas



mesmo, resultado de escolhas feitas por seres humanos. Não há como os deuses possam interferir. Ação e reação. Benevolentes que somos, perdoamos. Mas a bobagem não volta atrás. Só para dar retorno: concluímos a nossa investigação sobre quem daqui de cima poderia ter facilitado a contusão do Neymar. Faço *mea culpa*. Deuses também falham. Imaginei que pudesse ter sido algum deus milongueiro admirador do futebol argentino, apreciador de um trágico tango, a aprontar estrepolias e facilitar o caminho dos Hermanos na final. Nada disso. O que aconteceu naquele final de tarde de sexta-feira foi uma raríssima tempestade de radiação solar, fenômeno que libera cargas eletromagnéticas muito intensas. A conexão do Himalaia com o mundo profano foi interrompida por alguns breves minutos. Por mais que tentássemos, nossas mandingas não chegavam até vocês. O bloqueio foi muito forte. Foi o tempo suficiente para deixar Neymar com o corpo aberto. Paciência. A mãe natureza é soberana. Contra ela, nem os deuses podemos. Respeitamos, Obedecemos. Bom jogo para você na disputa do terceiro lugar. Abraço e não me liga”. Nó na garganta. Ressaca pior que a de mistura de dez caipirinhas com uma dúzia de latinhas de cerveja. Insônia que resistia até mesmo à contada de carneirinhos. Arrisquei então durante a longuíssima madrugada, ponteiros do relógio que se arrastavam, tentar contato com o presidente do conselho divino. Foi solícito, apesar do adiantado da hora. Deuses não dormem. Consegui entrevistá-lo. Fiquem sossegados – era ele mesmo, não um sósia. Chequei. Não aceitei só cartão de visitas. Pedi até as digitais. Exame de DNA. Pois vossa senhoria, a entidade máxima espiritual da bola, me garantiu que os deuses do ludopédio estão dispostos a generosamente nos oferecer, sem custos adicionais de qualquer espécie, um conjunto de ideias para a refundação do futebol brasileiro. Ele diz que, se os cartolas da CBF tivessem um pingo de vergonha na cara – e ele sabe que não têm –, assinariam ainda hoje contrato com Guardiola. Renunciariam em seguida. A gente topa? Banca? Vamos encarar de frente e defenestrar a família? Engolir esse orgulhinho besta e infundado, enterrar de vez a tosca aversão a técnicos estrangeiros? Vai ver a gente merece mesmo o Del Nero sucedendo o Marin. O opositor era o Andres Sanchez. Corram para as montanhas. Tite vem aí. Novo salvador da pátria. 1 x 0 é goleada. O Gallo, quem sabe. É queridinho do esquemão. O pofexô Vanderley está livre, leve e solto, sem compromissos, é sempre uma opção para comandar poxetos mirabolantes. Que tal o Muricybol? Tudo mais do mesmo. Meu interlocutor lembrou que, após a Copa, o Brasil faz amistoso no dia 5 de setembro, provavelmente contra a Colômbia, enfrentando o Equador quatro dias depois. Sabem onde? Nova Jersey, Estados Unidos. São esses os vínculos que desejam estabelecer com a torcida? Pois, sugere, que se jogue numa dessas tantas arenas que

foram construídas para a Copa. Uma peleja em Manaus, outra em Curitiba. Para começar. A partir daí, uma partida por mês, viajando pelos quatro cantos desse país. Para que entre em campo não só a Seleção Brasileira. Mas a Seleção do Brasil. Ingressos a preços populares. Sem precisar pedir ajuda para os Lamines Fofanas ou Raymonds Whelans da vida. Para lotar os estádios. Voltar a ter o futebol como símbolo de nossa cultura, expressão da vontade do povo, pelo povo, para o povo. Retomarei esse assunto, nas crônicas derradeiras desta Copa. Treinamento vai ser prioridade. Não só nos jogos. Um time competente e vencedor é bem mais que um agrupamento de jogadores com boas intenções. Motivar é preciso – treinar é imprescindível. Em sua estadia no Brasil, para a disputa da Copa, a Alemanha teve só um dia de folga. Precisa desenhar? Intercâmbios. Viagens. Estudos. Táticas. Esquemas alternativos. O calendário será reformulado. Clubes com dívidas serão proibidos de participar de competições oficiais. Todos os times deverão ter sempre em campo ao menos três jogadores com entre 18 e 20 anos, formados nas categorias de base. Novos talentos. Sem apelação. Bônus e recompensas polpudas para quem revelar armadores, não só volantes. Em busca daquele clássico camisa 10 que tanto nos fez falta nesse Mundial. Uma Liga, para além dos desmandos da CBF, será responsável por organizar as competições. O vespeiro de contratos de exibição de jogos será revirado do avesso. Caixa preta. Sem monopólios. A viabilizar horários sensatos de início das partidas – e não “bem amigos da Rede Globo” só depois do final do capítulo da novela. Um jogo não pode acabar quando a torcida já não tem mais metrô ou ônibus para retornar para casa. Bom Senso Futebol Clube. Reviravolta nas estruturas e métodos. Revolução de mentalidades. Entranhas. Humildade. Gostei do que o presidente do conselho dos deuses me disse. Vamos pensar juntos? Convite feito. O futebol brasileiro – aquele que ficou perdido em algum lugar do passado – agradece. Mirem-se no exemplo daqueles boleiros de Berlim. De minha parte, vaias em alto e bom som para os que queimaram a bandeira do Brasil na Vila Madalena. Vocês são lamentáveis. Vaias ainda mais fortes para os que usam o tsunami do Mineirão para comemorar suposta vitória do país da honestidade e do trabalho sério contra o país do jeitinho, da vagabundagem e das bolsas para meliantes. Vocês são crápulas. Sanguessugas. Vaias múltiplas para os que escrevem desbragadamente nas redes sociais que o governo da Dilma é tão incompetente que gastou bilhões de dólares para ter a Copa, e a Seleção não foi nem capaz de ganhar a taça. Culpa da Dilma, óbvio. Como queriam demonstrar. Aliás, esperem aí um segundinho, deixem ver se entendi. Queriam então que o Brasil, por ser sede, comprasse mesmo a Copa? Oras, mas não eram vocês, arautos da ética, exemplos de conduta ilibada, com muito orgulho e com muito

amor, que batiam no peito para condenar o torneio que já tinha sido comprado pelo Brasil? E agora vêm a público para lamentar que tudo não estivesse mesmo previamente arranjado? Compra ou não compra? Que contradição é essa? Decidam-se, por gentileza. Querem saber? Vocês são hipócritas. Heróis sem nenhum caráter. Por fim, vaias ensurdecadoras para quem comemora a derrota da Seleção, acreditando que por conta dela poderá colher dividendos eleitorais. Vocês são desprezíveis. Imagine na Olimpíada. Imagine na próxima Copa no Brasil. Ronaldo, o Oportunista, o Klose te manda 16 abraços. Quem foi o mané que disse que a Copa acabou ontem? Acabei de ver Argentina e Holanda comendo pipoca. No sábado, vou torcer para o Brasil beliscar o terceiro lugar. E no domingo tem os hermanos, que jogam a vida por uma bola de Messi, o gênio, contra o timaço da Alemanha. Imperdível.

ARGENTINA 0 x 0 HOLANDA. Nos pênaltis, Argentina 4 x 2. Arena Itaquerão, São Paulo.

[*Memórias de uma Copa no Brasil*, 9/7/2014]

## **Marin, Del Nero e cia – Peçam para sair!**

São Paulo, 11 de julho de 2014

À Confederação Brasileira de Futebol,

A/C Sr. José Maria Marin

Prezados,

não tenho procuração de quem quer que seja para escrever. Tampouco pretendo colocar à mesa planos infalíveis do Cebolinha, capazes de convidar o Cascão para dar nó nas orelhas do coelhinho da Mônica ou de enfrentar o pesadelo futebolístico em que vossa senhoria e sua turma mergulharam. Acho, no entanto, que expresse de alguma maneira os sentimentos de boa parte dos torcedores brasileiros. Mistura de perplexidade com raiva. Talvez os senhores ainda não tenham tomado pé do tamanho e da gravidade do que aconteceu no Mineirão, na tarde da última terça-feira. Até entendo. Não é para mim, não é do meu perfil (nem para a minha modesta conta bancária), não é do meu gosto, mas deve ser bacana mesmo viver em salões suntuosos, comendo e bebendo do bom e do melhor, em reuniões com executivos e patrocinadores graúdos, sobrenomes que abrem várias portas, em viagens, ao exterior andando de lá para cá em iates luxuosos, jatinhos particulares ou em helicópteros de aliados, participando de negociações que envolvem contratos polpudos. Minha modesta percepção, no entanto, sugere que esse estilo de vida e de administração deve em algum momento ter feito com que perdessem qualquer conexão com a realidade mundana, cotidiana. Ficaram suas raízes num mundo paralelo, onde tudo é lindo e maravilhoso, mar de bolas rosas, sem conflitos ou dificuldades. Nesse planeta virtual de vocês, o Brasil continua a ser o país do futebol, temos os melhores jogadores e técnicos do planeta, toda a preparação foi muito bem feita, obrigado, e podem todos ficar sossegados, porque já estamos com as duas mãos na taça da Copa de 2018. Somos favoritos para trazer o próximo caneco! Preparem-se, o hexa vem aí. Já encomendaram até algumas novas versões de “mostra sua força, Brasil e amarra o amor na chuteira”, para embalar a cantoria da torcida na Rússia. Sem abandonar, claro, o delicioso “com muito orgulho, com muito amor”. Não esqueçam de dizer para esse pessoal já encomendar os ingressos com um tal de Raymond Whelan. Faz preço camarada, entrega em casa. Sigilo absoluto. Se apertar, ele foge. Oportunidade única. Por falar em único, talvez os deuses do futebol, com quem conversei tanto durante essa Copa no Brasil, estejam nos oferecendo a derradeira chance de mudar esse estado das coisas. Último bonde apitando

na estação. Desçam imediatamente desse pedestal que os faz intocáveis, meus senhores. Está carcomido, desgastado, caindo de tão podre. Não se sustenta mais. Himalaia é só para as divindades mesmo. Engulam por gentileza essa conversinha mole do “foram só seis minutos de apagão”. Não nos tratem como imbecis. A crise de energia do futebol brasileiro é antiquíssima. Não começou com o esgotamento das águas do sistema Cantareira. Não entenderam? O Geraldo pode explicar com mais detalhes. Já está no volume morto. Mas tem desconto para quem gastar menos água. Bonito. Nos gramados, essa crise tem outro nome. Chama-se futebol de improvisos. Motivacional. Muito prazer. Podem chamar também de Futebol Ostentação – não porque se preocupa muito mais com marketing e receitas publicitárias. A força da grana que ergue e destrói coisas belas. Aparências e imagens. Simulacros. Discursos vazios. Slogans e logotipos. Marcas. Como perguntar não ofende, vamos lá: quantos patrocinadores tem mesmo a CBF? Quanto arrecada por ano? Quantos são os compromissos contratuais espetaculares que precisam ser rigorosamente cumpridos? Até quando fornecedores de material esportivo vão continuar definindo nossa agenda de amistosos? Até quando emissoras televisivas vão interromper treinos para garantir mais cinco minutos de fama e holofotes para seus apresentadores paspalhos e seus caldeirões de imbecilidades? Até quando jornalistas que fazem perguntas que ‘incomodam’ serão tratados a pão e água? Até quando entrevistas coletivas serão espetáculos circenses? Acho que já deu para entender qual é a raiz mais profunda da encrenca. Não? Estrutura. E me desculpe, Dona Lúcia, com todo o respeito que lhe devo, sua carta foi mesmo muito elegante, mas não está tudo bem. Perder de sete da Alemanha numa semifinal de Copa do Mundo não é algo natural, normal. É inaceitável. Vocês, senhores gestores (adoro essa palavra!), estão jogando na lata do lixo a linda história do futebol brasileiro. Viramos motivo de chacotas, no mundo todo. Até o Taiti resolveu desafiar a Seleção para uma pelada. Vá lá, para quem só consegue mesmo enxergar cifrões, talvez seja difícil, bem complicado compreender a importância que a Seleção tem para o povo brasileiro (e uso essa expressão de propósito mesmo, com consciência), o papel que a canarinho cumpre como um dos elementos constituintes de nossa identidade cultural. Nunca antes na história desse país. Precisamos de uma reviravolta de métodos, revolução de mentalidades. E essas mudanças, profundas, doloridas, demoradas, difíceis, que serão marcadas por idas e vindas, não passam por vocês, burocratas da Confederação. Ao contrário – queremos que estejam bem longe. Não atrapalhem. Não temos fórmulas prontas. Mas carregamos conosco todos os sonhos do mundo. O Bom Senso Futebol Clube precisa ser ouvido. Seriamente. Que as ideias de Paulo André, Alex, Dida e outros

boleiros sejam transformadas em iniciativas concretas. Os feitos da Alemanha devem nos servir como inspiração. Não para copiá-los, mas para traduzi-los para a nossa realidade específica. Só um detalhe, não pode passar batido: dos 23 jogadores convocados pelo técnico Joachim Löw, 6 atuam em clubes germânicos. Dos 23 convocados por Felipão, apenas quatro jogam em times brasileiros. Essa é uma das chaves para desatar o nó. Boas propostas não faltam. Precisamos de gente séria para reuni-las e implementá-las. Humildade e serenidade para reconhecer que paramos no tempo. Não são poucas as seleções que assumiram papel de protagonistas, estão na nossa frente, praticam futebol muito mais moderno. A torcida – aquela das arquibancadas de cimento, não a de balada – vai precisar ter paciência. Apoiar. Estamos falando em algo para daqui uns dez anos. Mas é preciso dar a largada imediatamente. Por tudo isso, senhores Marin, Del Nero e demais dirigentes e membros da cúpula da CBF, nos façam uma enorme gentileza... Sem querer ofender, como diz o Daniel... Respeitosamente... Vazem! Caiam fora! Sumam! Peguem seus bonés (ou cartolas!). Peçam para sair! Levem com vocês o Felipão, o Murtosa, o Parreira, o Mano, o Tite, o Muricy, o Gallo, o Luxemburgo. Não aceitamos mais do mesmo. Vão aproveitar seus mundos nababescos de sonhos. E nos permitam, apaixonados de verdade pelo futebol, reconstruir aquilo que verdadeiramente nos pertence. Obrigado.

Em tempo – se não servir para mais nada, o texto terá ao menos me permitido desabafar. Estava precisando...

[*Memórias de uma Copa no Brasil*, 11/7/2014]

## **Felipãozinho vermelho, um conto de fadas**

Os jogadores tinham acabado de almoçar na Granja Comary. Estavam trancados em seus quartos, isolados, descansando. Extenuados. Rotina estafante. Muitos treinos. Felipão saiu da mesa do restaurante disposto a dar uma volta pela concentração. Preciso espairecer, arejar a cabeça, anunciou. Tempo nublado, frio, garoa. O técnico da Seleção se agasalhou e vestiu uma capa vermelha, com chapéu. Bem vistosa, cor viva. A marca do patrocinador estampada no peito. Vou dar um passeio no bosque. Pela estrada afora, quero ir bem sozinho. O conselheiro Parreira, fazendo as vezes de uma mãe cuidadosa, sempre a postos para ajudar, preparou imediatamente uma pequena cesta com comes e bebes. Doces, salgados e sucos. Na tampa, a marca de outro patrocinador. Leve, meu amigo. Você mal tocou na comida. Deixou o prato quase cheio. Pode ser que sinta fome no meio do caminho. Vai te fazer bem. O fiel escudeiro deixou ainda um alerta: Felipão, cuidado, prefira a trilha que fica à esquerda dos campos de treinamento. Não vá pelo caminho do rio. Passe longe dali. É perigoso. Recebi um relatório ultra secreto e muito detalhado, feito pelo Gallo e pelo Roque Junior, que revela que há muitos jornalistas que fazem perguntas indiscretas acampados ali. São abutres esperando as presas. São lobos maus em pele de carneirinho. São comunistas que comem criancinhas, mulheres grávidas batidas no liquidificador e técnicos de futebol como sobremesa. Fique bem atento, meu amigo. Se proteja. À tardinha, ao sol poente, mais leve e bem contente., esteja de volta. O gaúcho de bigode não fez questão de esconder a contrariedade. Saiu bufando, batendo os pés. Esses caras acham que não sei o que é melhor? O que é adequado? Eu decido. Vou caminhar por onde eu quiser. Quem manda aqui sou eu. Aos diabos com esses relatórios. Estou farto deles. Escolho o Bernard. A escalação é minha. A responsabilidade é minha. Foi só uma pane. Foi repetindo várias vezes as mesmas falas. Parecia tentar se convencer do que dizia. Guerra de narrativas. Puxou um pouco mais o capuz vermelho, para proteger o rosto dos pingos gelados. Não fez questão de desviar das poças. O chão de terra estava escorregadio, muitos galhos de árvores caídos. Levou sete tombos. Nada sério. Só acidentes de percurso. Apagão. Ligeiro. Equilibrou-se. O horizonte estava cinzento. Triste. Amuado. Felipão desobedeceu Parreira. Foi margeando o rio, atirando pedrinhas na água, observando os círculos que elas provocavam. Passou uma hora naquela brincadeira. Já cansado, pernas doendo, não se incomodou de sentar no barro, próximo da margem. Sentiu pontada no estômago. Fome. Mandou ver num sanduíche de queijo e presunto. Suco de acerola com abacaxi. Fez cara feia. Não tinha de laranja? Olhar parado, sem expressão, mirava o infinito.

Não mexia um músculo do rosto. O silêncio foi bruscamente interrompido por burburinho que vinha do outro lado da cerca, na cabeceira do rio. Felipão, Felipão, vem cá, chega mais aqui, por favor. Eram os jornalistas. O técnico da Seleção olhou para eles. Tinham orelhas, olhos, narizes enormes. Mãos peludas. Garras. Rabos compridos. Caninos afiadíssimos. Babavam. Levou uns sete segundos pensando. Concluiu: o Parreira não manda em mim. Lá vou eu. Levantou-se e aproximou-se da cerca. Eram sete repórteres, mais precisamente. Por um instante, Felipão teve a impressão de que vestiam camisas rubro-negras. Chacoalhou a cabeça. Estava tendo alucinações. A primeira pergunta foi por que você escalou o Bernard? A responsabilidade é minha. Eu escalei o time. Não podia abrir antes para vocês. Felipão, vocês já conversaram sobre a derrota? Eu assumo, foi uma tragédia. Não vou esquecer. Foi um apagão. Uma pane. Nada deu certo. Foi uma pane. Acontece. A responsabilidade é minha. Felipão, a rotina de treinos foi adequada? O trabalho foi bem feito. Planejamento nota dez. Não posso achar que é o fim do mundo só por uma derrota. Foi uma pane. Acontece. Mas quatro gols em seis minutos, Felipão? Veja, nos dez primeiros minutos do segundo tempo, tivemos quatro chances. Não marcamos. Já pensaram se a gente tivesse feito os quatro? Virava outro jogo. É coisa de maluco. Nem em dez mil anos... Mas e o Bernard, Felipão? Por quê? Ele já sabia o que fazer. Tinha sido orientado. A escolha foi minha. Eu assumo a responsabilidade. Não deu certo. Só isso. Foi uma pane, um apagão. Acontece. Acontece. Felipão! Felipão! Não eram os jornalistas-lobos maus. O técnico da Seleção virou-se para o lado oposto. Lá vinha a mamãe Parreira, descendo a ladeira. Estava acompanhado pelo caçador Murtosa, que chegou mudo e saiu calado. Meu amigo, que teimosia. Eu avisei. Não deveria ter vindo aqui. Ainda bem que o Gallo e o Roque Junior me avisaram. Esses caras são insuportáveis. Estão satisfeitos? Pois vão ficar contentes em saber que tenho aqui um e-mail da Dona Lúcia. Acabei de receber. Ela reforça a confiança no nosso trabalho, diz que viveu alguns dos dias mais felizes da vida dela e deseja muita sorte na disputa do terceiro lugar contra a Holanda. Agradece ainda a leitura da primeira carta, na coletiva. Diz que se sentiu honrada. Lisonjeada. E vocês, abutres da imprensa, podem ficar sossegados. O trabalho para 2018 já começou. Está sendo perfeito. Nenhum deslize. Nada. Somos favoritos. Já estamos com a mão na taça. O hexa é nosso. Agora venha, meu amigo. Vamos voltar. Já está quase na hora do treino, que hoje vai ser duro, longo. Terá sete minutos. De volta à concentração, sempre protegido por Parreira, Felipão foi avaliado pela equipe médica. Sete doutores. Sentia náuseas, dor de cabeça, leve tremedeira. Recomendaram agastamento de todas as atividades. Repouso absoluto. O gaúcho de bigode está emocionalmente abalado, aparvalhado. Babeta.



Não fala coisa com coisa. Construiu realidade paralela. Vive um conto de fadas. Você sabia, doutor? Foi só um apagão, só uma pane, repetia, à exaustão, olhando assustado para os médicos. Sem tirar a capa vermelha com chapéu. É sério. Ele precisa se cuidar. Descansar. Desejo pronta recuperação. Torço para que esse afastamento de qualquer trabalho relacionado à Seleção dure pelo menos mais uns doze anos. Teimoso, o gaúcho de bigode decidiu ainda comandar o time na disputa do terceiro lugar contra a Holanda. Ninguém manda em mim. Estou bem. Eu decido. Eu escalo. Cá entre nós, é certamente a partida mais sem graça da Copa. Vale nada. É como aquele relatório anual de prestação de contas da firma que você faz, com urgência, por ordem do chefe, powerpoint bonito, já sabendo que é apenas medida burocrática, só para executivo ver. O texto vai mesmo é parar no arquivo morto – ou numa lata de lixo. Em campo, a Seleção que protagonizou o maior vexame do futebol mundial nos últimos tempos contra a eterna promessa de “agora vai, chegou a nossa vez” das Copas. Em 2014, a Holanda jogou como nunca – e ficou de fora, como sempre. Impressionante. Enviei ofício consultivo aos deuses do Himalaia, para confirmar se há algum decreto ou medida provisória divina que impeça terminantemente a equipe laranja de ser campeã do mundo. Aproveitei e perguntei por que o Vasco é sempre vice. Ainda não me responderam. Estão reclusos, recolhidos. Em silêncio. Desde o e-mail que mandaram ao Felipão, depois do Minerazo, não deram mais sinal de vida. Ali, já avisavam: “beijo e não liga”. Hoje, aqui em casa, nem os tradicionais rituais futebolísticos marcaram presença. Teve cerveja. Sem tensão. Luiza foi ao cinema com a amiga. Daniel mandou um ‘nem estou nervoso’. Resmungou. Chorou, inconformado, logo no começo. Depois foi brincar no celular. Felipão resolveu ocupar o meio de campo. Agora, cara pálida? É o chamado ‘futebol Rubinho’. Sempre atrasado. Gol da Holanda aos dois. Gol da Holanda aos dezesseis. Não são só seis minutos. O desespero continua. Pesadelo sem fim. Amontoado de jogadores aparalhados em campo. Na beira do gramado, Felipão não perde a pose. Vamos, vamos. É só uma pane. O trabalho é bom. Não podemos esquecer que o trabalho é bom. A defesa brasileira mais vazada da história das Copas. A torcida de balada no Mané nem se importa. Está feliz. Fazem ola. Dão gritinhos. Tiram self. Com muito orgulho. Com muito amor. Pois eu já estava comemorando a invencibilidade da zaga brasileira no segundo tempo! No finalzinho, veio o terceiro. Apagão mais demorado esse. Já comecei a ver na televisão chamadas para o retorno do Brasileirão. O Santos enfrenta o Palmeiras na próxima quinta-feira. Aranha, Victor Ferraz, David Braz, Bruno Uvini e Mena; Arouca, Souza e Lucas Lima; Geuvânio, Gabriel e Rildo. Sei não. Estou achando até bom. Opa, ideia melhor ainda: vou ler Chapeuzinho Vermelho com o Daniel.

Pela estrada afora, eu vou bem sozinho. Foi só uma pane. O trabalho é bom. Somos os melhores. Já peguei o livro da menininha que vai visitar a vovozinha. O mundo dos contos de fadas é bem mais gostoso. Delicioso. Fantasias. Ilusões. Dá tudo certo no final, sempre feliz. Né não, Felipão?

Em tempo – o texto foi postado antes da coletiva pós-quarto lugar. O conto de fadas assumiu ares de cinismo. Mau-caratismo.

BRASIL 0 x 3 HOLANDA (Gols de Blind, Van Persie e Wijnaldum). Estádio Mané Garrincha, Brasília.

[*Memórias de uma Copa no Brasil*, 12/7/2014]

## A Alemanha de novo no caminho do Brasil

Na cidade de Temuco, no sul do Chile, onde estreia amanhã na Copa América contra o Peru, a Seleção Brasileira está hospedada no Hotel Dreams, que fica na Avenida... Alemanha. Sonhos e Alemanha. Não combina. Talvez devesse o estabelecimento se chamar Nightmare. Corre à boca pequena que foi uma escolha pessoal do técnico Dunga. No melhor estilo militar “chega de bobagens infantis, aquilo já passou, é o melhor recomeço que poderíamos desejar, dez vitórias seguidas, somos homens feitos, profissionais, não tememos demônios passados”, o atual comandante da Canarinho disse ter certeza que a experiência fará bem aos boleiros nacionais. “Olhar para a placa com o nome da rua vai fortalecer nossos brios de guerreiros. Somos machos, chê”, disse aos dirigentes da Confederação Brasileira de Falcatruas, na hora de escolher a concentração. Parece não ter dado muito certo. Tentaram abafar, esconder, proibiram os atletas de dar declarações a respeito, mas o DataChico apurou que, já no desembarque, ao bater os olhos na palavrinha fatídica (A-LE-MA-NHA), Thiago Silva teve uma síncope. Desabou a chorar, inconsolável. Fernandinho começou a ouvir vozes. “Cuidado, olha o Kroos! Solta a bola, olha o Özil!”. David Luiz fez beicinho e começou a pedir desculpas, chacoalhando a vasta cabeleira e acenando para a galera que aguardava o esquadrão nacional. Entraram rapidinho no hotel, esquecendo malas esparramadas por todos os cantos. Sem perceber, deixaram um buracão no meio do saguão. Daniel Alves, tenso, olhava sem parar para a esquerda, para a direita, para a esquerda de novo, como se temesse ser surpreendido por algum alemão com camisa vermelha e preta. Deixou escapar, bem baixinho. “Minhas pernas estão tremendo. Sem alegria. Alguém viu o Bernard?”. Na recepção, momento do check-in, o funcionário sorridente tentou ser simpático e avisou: “o sétimo andar está todinho reservado para vocês. Ninguém vai importuná-los. Prometemos”. Como? O quê? O número reverberou como uma bomba. Neymar tentou argumentar, encostou no rapaz do hotel e sussurrou algo, colocando a mão na boca para evitar leitura labial. Robinho até achou legal. “Me lembro das sete pedaladas que mandei no Rogério na final do Brasileirão de 2002”. A balbúrdia foi geral. “Sete? Sétimo?”. Gritaria. Braveza. “No sétimo não dá. Não vou subir sete andares. Não vou apertar botão sete no elevador. Só pode ser sacanagem, armação”, berrou Thiago Silva, aos prantos. Quando soube que o apartamento em que ficaria seria o 71, só conseguiu dar sete passos e sentar numa bola que estava encostada num canto e lá ficou, parado, inerte, a mirar o infinito. Dunga enfureceu-se. “Deixe disso, che. Seja homem. Nem mais capitão você é. E já sei que não posso contar contigo em cobrança de

pênaltis. Levanta e anda”. O chefe da delegação, João Dória Junior, escolhido para o cargo por evidentes e relevantes contribuições oferecidas ao futebol e nada por critérios políticos, parecia uma barata tonta. Só conseguia repetir, abestalhadamente “é tudo culpa da Dilma, é tudo culpa do PT”. Ficou falando sozinho. Argumenta daqui, contesta dali, acerta acolá (Gilmar Rinaldi gesticulava freneticamente, pedindo respeito ao futebol pentacampeão do mundo), o impasse foi finalmente resolvido. Todos transferidos para o décimo andar. Enquanto se preparavam para subir, aliviados, os boleiros da Seleção foram surpreendidos por uma carta que tinha chegado dois dias antes ao hotel e que desejava sorte ao Brasil no torneio. Assinado: dona Lúcia. Ela só lamentava, no final do texto, que Felipão não fosse mais o técnico. Foi quando um torcedor chileno conseguiu furar o bloqueio de seguranças. Aproximou-se de Willian já berrando. “Vocês tiveram sorte, muita sorte. Deveriam ter saído antes da Copa. E aquela bomba no travessão do Julio Cesar nas oitavas, hein, aos quinze do segundo tempo da prorrogação, no Mineirão?”. Neymar largou as malas no chão. Fez menção de partir para cima do hermano, que precisou ser escoltado até a rua. O nome da arena ecoou forte pelo saguão. MI-NEI-RÃO. MI-NEI-RA-ÇO. Thiago Silva soluçava, amparado pelo ombro de Jeferson, que tentava sossegar o zagueiro. “Tudo bem, tudo bem. Já passou. Você nem estava em campo. Calma”. A muito custo, a algazarra só seria controlada uma hora depois. Todos finalmente recolhidos, acomodados em seus quartos. Quando foi fechar a cortina, Fernandinho bateu sem querer o olho na placa da rua. Iluminadíssima. AVENIDA ALEMANHA. O médico foi chamado. O volante só conseguiu dormir sob doses cavalares de calmante. Às três da madrugada, o silêncio foi bruscamente interrompido pelos toques dos telefones nos quartos, um a um, em sequência. 1010, 1011, 1012... O funcionário da recepção avisava aos que atendiam sonados. “Senhores, tivemos repentina queda de energia. Pedimos desculpas. Acabou a luz”. David Luiz saiu correndo, tresloucado. “Apagão! Apagão! Apagão!”. Tropeções, empurrões, quedas nas escadas, portas de incêndio chutadas, urros guturais. “De novo não! Apagão de novo não!”. Reuniram-se todos no térreo, decididos a exigir a mudança de hotel. “Aqui não vamos ficar!. Foi quando notaram a ausência de Thiago Silva. Foi encontrado no final do corredor do sétimo andar, pálido, sentado numa bola. Catatônico. Olhando para o número do quarto. 71.

[*Crônicas boleiras*, 13/6/2015]

## **Entrevista com Chico Bicudo em 13/10/16**

**Gabriel Gama:** Como surgiu a ideia de produzir um livro exclusivamente de crônicas acerca da Copa do Mundo de 2014?

**Chico Bicudo:** Eu sempre li muito desde pequeno todos os gêneros literários, porém, desde moleque, tenho um encantamento especial pelas crônicas. Esse texto leve, informal, espontâneo, sobre pessoas comuns, anônimas, do trivial, daquilo que é do cotidiano, do flerte com a ficção. Eu costumo dizer que, desde antes de ser um apaixonado por futebol, sempre torci pela seleção brasileira. A Copa do Mundo de 2014 representou a possibilidade de unir essas minhas duas paixões de infância: pela crônica e pelo futebol. Desde que o Brasil foi escolhido como sede, combinei com meus irmãos de que viveríamos intensamente essa experiência. Pensamos nas passagens, nos ingressos, na logística, na poupança, enfim, em preparar uma agenda completa que pudesse contemplar essa vivência.

Eu escrevia textos despreziosamente e os guardava, pois ainda era tímido com o que produzia. Mostrava para um amigo ou outro. A gente acha que o que escrevemos nunca está bom. Com a Copa do Mundo, resolvi perder essa vergonha e comecei a publicar as minhas crônicas em uma rede social. Comecei três dias antes do início da Copa com alguns textos relatando o ambiente, a expectativa, a tensão com a chegada do Mundial, a então preparação das seleções nas doze cidades-sede, experiências pessoais como a do meu filho querendo comprar ingresso na abertura e tendo o seu sonho frustrado.

No dia da abertura, fomos passear pela cidade de São Paulo, que estava em clima de festa às vésperas da partida inaugural entre Brasil e Croácia. Escrevi um relato de toda a adrenalina e euforia daquele momento, transformei em uma crônica e postei em minha página pessoal no Facebook. No texto, ficcionalizei uma divertida mesa redonda virtual, narrando o que tinha sido aquele dia de evento na visão de um mero torcedor brasileiro, sem a menor pretensão de fazer análises táticas e técnicas. Era apenas o olhar de um fã da seleção encantado e que deixava extravasar as suas emoções em um espírito bipolar, ora nervoso, ora feliz, de acordo com o desempenho do escrete.

No dia seguinte, por coincidência, viajei para Fortaleza para assistir ao jogo entre Uruguai e Costa Rica. A esta altura, as minhas postagens já estavam bem repercutidas com uma quantidade generosa de curtidas, compartilhamentos e comentários. A partir desse dia, comecei a contar das minhas experiências em Fortaleza. Os relatos foram crescendo, tomando corpo. Foi aí que decidi manter publicações diárias sobre a Copa. Tinha plena consciência que não havia a menor possibilidade de concorrer com as informações dos jornalistas. Assumi que

fosse um olhar sobre a Copa de um torcedor apaixonado e fui tentando encontrar causos, episódios insólitos, tristes, personagens, flashes, as situações que pudessem ser marcantes e representassem a parte pelo tudo.

O livro veio de maneira surpreendente. Nada programada. Quando terminou a Copa, fui viajar em férias com a família. Lembro que estava na beira da piscina do hotel quando piscou a mensagem do celular. Era uma amiga, dona de uma editora, que propôs reunir as crônicas que havia postado em um livro. Nasceu *Memórias de uma Copa no Brasil*. A obra abriu horizontes que eu jamais imaginava com resenhas, entrevistas e espaços na imprensa. A partir daquele momento, eu percebi que tinha terreno no cenário da crônica esportiva contemporânea e resolvi investir no projeto literário, o *Crônicas boleiras*.

**Gabriel Gama: O que você escreveu sobre o 7 a 1?**

**Chico Bicudo:** O dia 8 de julho foi muito triste, tenso, mas tentei construir um texto a partir de uma metáfora. Vi o jogo sozinho em casa, com meu filho e minha filha e a certeza que eles tinham de que o Brasil iria para a final. Quando perdemos, eles choraram muito. O 7 a 1 me fez lembrar de um time que acompanhava na época de escola que era maravilhoso, espetacular, imbatível, mágico, vitorioso, que dificilmente perdia uma partida. Certa vez, fui vê-los jogar em um determinado campeonato e eles tomaram uma “sacholada” de dez de um time ainda melhor que eles. Comecei a refletir em como que aquele time imbatível de jovens em meu imaginário foi humilhado daquela forma e foi aí que meu texto sobre o 7 a 1 nasceu.

**Gabriel Gama: Como foi o processo de concepção do livro *Crônicas boleiras*?**

**Chico Bicudo:** O *Crônicas Boleiras* já é o resultado de um processo criativo mais maduro e reflexivo. São 37 crônicas que cobrem meu período de produção entre 2011 e 2015 e representam um voo panorâmico pelo futebol brasileiro nesse intervalo de quatro anos. Eu abro com uma crônica sobre a conquista da terceira Copa Libertadores da América do Santos, meu time do coração, e fecho a última crônica fazendo uma reflexão sobre o machismo no futebol, ao trazer a figura da mulher torcedora em homenagem à minha filha boleira.

Os textos, em geral, são minhas histórias em jogos, personagens que criei e situações curiosas que vivi nesse esporte. É, de novo, uma declaração de amor ao futebol de um torcedor apaixonado.